



Ensino da Educação Física para a educação básica

Ensino da Educação Física para a educação básica

Fernando Luiz Bustamante Bueno
Oliveira

© 2017 por Editora e Distribuidora Educacional S.A.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia autorização, por escrito, da Editora e Distribuidora Educacional S.A.

Presidente

Rodrigo Galindo

Vice-Presidente Acadêmico de Graduação

Mário Ghio Júnior

Conselho Acadêmico

Alberto S. Santana
Ana Lucia Jankovic Barduchi
Camila Cardoso Rotella
Cristiane Lisandra Danna
Danielly Nunes Andrade Noé
Emanuel Santana
Grasiele Aparecida Lourenço
Lidiane Cristina Vivaldini Olo
Paulo Heraldo Costa do Valle
Thatiane Cristina dos Santos de Carvalho Ribeiro

Revisão Técnica

Raquel de Oliveira Henrique
Guilherme Bagni

Editorial

Adilson Braga Fontes
André Augusto de Andrade Ramos
Cristiane Lisandra Danna
Diogo Ribeiro Garcia
Emanuel Santana
Erick Silva Griep
Lidiane Cristina Vivaldini Olo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48e Oliveira, Fernando Luiz Bustamante Bueno
Ensino da educação física para a educação básica /
Fernando Luiz Bustamante Bueno Oliveira. – Londrina :
Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.
216 p.

ISBN 978-85-8482-890-6

1. Educação física – (Ensino fundamental) – Estudo e
ensino. I. Título.

CDD 613.7042

Sumário

Unidade 1 Introdução à Educação Física escolar	9
Seção 1.1 - História da Educação Física escolar	11
Seção 1.2 - Políticas educacionais	27
Seção 1.3 - Aspectos culturais da Educação Física escolar	48
Unidade 2 Conceitos básicos da Educação Física no ensino infantil	71
Seção 2.1 - Crescimento e desenvolvimento de zero a cinco anos	73
Seção 2.2 - Teorias pedagógicas da Educação Física escolar infantil	86
Seção 2.3 - Modelos pedagógicos da Educação Física escolar infantil	102
Unidade 3 Conceitos básicos da Educação Física no ensino fundamental	121
Seção 3.1 - Crescimento e desenvolvimento dos 6 aos 14 anos	123
Seção 3.2 - Teorias pedagógicas da Educação Física escolar no ensino fundamental	137
Seção 3.3 - Modelos pedagógicos da educação física escolar no ensino fundamental	151
Unidade 4 Conceitos básicos da Educação Física no ensino médio	167
Seção 4.1 - História e interdisciplinaridade	169
Seção 4.2 - Teorias pedagógicas da Educação Física escolar no ensino médio	182
Seção 4.3 - Modelos pedagógicos da Educação Física escolar no ensino médio	197

Palavras do autor

Olá, estudante! A partir deste material, estaremos juntos para uma iniciativa de formação de qualidade para a sua vida profissional. Iniciaremos a disciplina *Ensino de Educação Física para a educação básica*, com o intuito de auxiliá-lo a compreender como o ser humano e o corpo mudaram ao longo da história até os dias de hoje, as influências sociais, políticas, econômicas, ambientais e outras possíveis. Acreditamos que, dessa forma, você perceberá que durante uma mesma aula de Educação Física escolar é possível se deparar com alunos com bagagens de conhecimentos heterogêneas, mas que não lhes trarão dificuldades, mas sim, potencialidades de trabalho.” Você perceberá que, conforme uma pessoa se desenvolve, também muda a forma de pensar e agir consigo e com o próximo e, você, futuro professor de Educação Física, também será agente ativo nas mudanças destas pessoas, seja no ensino infantil, ensino fundamental ou ensino médio.

Para a máxima absorção dos conteúdos é de extrema importância que sua dedicação ultrapasse os limites deste material didático. Oferecemos diferentes fontes de conhecimento, que servem de base para o que lerá aqui, mas que estão resumidas para sua compreensão e nosso estudo durante o tempo destinado a esta disciplina. Nesse sentido, use os recursos possíveis para saber cada vez mais de sua área e como ela é influenciada e influencia o cotidiano de outros. Nestas unidades, trabalharemos juntos para que desenvolva as competências propostas nesta disciplina:

Competência geral - compreender o ensino da Educação Física no contexto das escolas nacionais e internacionais ao longo do tempo.

Competências Técnicas - conhecer e compreender o processo histórico da Educação Física no mundo e no Brasil e relacionar as diretrizes da educação básica nacional com a Educação Física, contextualizando-as com a realidade escolar atual, considerando os aspectos culturais quanto ao conteúdo das aulas de Educação Física escolar básica; associar os aspectos biopsicossociais de crianças de 0 a 5 anos, conhecendo as teorias e confrontando-as com as mudanças nestas faixas etárias; absorver diferentes

conteúdos sobre a Educação Física escolar no ensino fundamental e médio, compreendendo as alterações biopsicossociais dos alunos destas faixas etárias, comparando os conteúdos aprendidos com o contexto social dos alunos, elaborando e discutindo diferentes planejamentos para aplicação dos conteúdos aprendidos nestas unidades.

Sendo assim, essas competências farão com que você CONHEÇA, COMPREENDA, ANALISE, COMPARE, APROFUNDE, DISCUTA, DESCREVA e CONTRAPONHA sobre a história da Educação Física, teorias, aspectos legislativos, organização, diferenças em cada nível de ensino, temas transversais e polêmicos, enfim, uma infinidade de assuntos que estarão ao seu alcance para receber as primeiras informações e, a partir desta degustação, colete informações em fontes confiáveis e científicas, assim sua formação será mais completa.

Ao longo deste material didático nos depararemos com quatro unidades. A primeira delas diz respeito à introdução à Educação Física Escolar, na qual aprenderemos aspectos históricos, organizacionais e legais. Na segunda, entraremos no universo escolar pelos conceitos básicos em Educação Física no ensino infantil, discutindo sobre crescimento e desenvolvimento desta faixa etária, teorias pedagógicas aplicáveis na educação infantil além de temas transversais em Educação Física infantil, com variáveis pertinentes às crianças de zero a cinco anos. Quando chegarmos à terceira unidade, Conceitos básicos em Educação Física no ensino fundamental, aprenderemos conteúdos sobre crescimento e desenvolvimento, aplicação de teorias pedagógicas em cada um dos ciclos do Ensino Fundamental e temas transversais adequados a cada faixa etária, lembrando que no ensino fundamental você verá o Ciclo I, que compreende crianças de 6 a 10 anos e Ciclo II que seguirá dos 11 aos 14 anos. Para finalizar, na quarta unidade você compreenderá os conceitos básicos em Educação Física no ensino médio, que lhe mostrarão os aspectos do crescimento e desenvolvimento, aplicação de teorias pertinentes ao ensino médio, temas transversais encontrados dos 15 aos 17 anos e abordagens sobre práticas pedagógicas e funções do professor de Educação Física.

Esperamos que estes conteúdos sejam transformadores na sua forma de pensar a Educação Física na educação básica e que você seja, profissionalmente, o mais capacitado possível para atuar de forma eficiente e significativa na vida de seus alunos. Dedique-se a este material de forma efetiva e, assim, conseguirá elevar os níveis profissional e educacional da nossa sociedade. Muitos estarão em suas mãos, faça delas instrumento educacional positivo.

Bons estudos e grande aprendizado!

Introdução à Educação Física escolar

Convite ao estudo

Nesta unidade, conheceremos os aspectos históricos aos quais o homem esteve sujeito para se tornar o que é hoje, bem como a relação da Educação Física em todo esse processo, desde a Pré-História até os dias atuais, quando analisaremos diferentes medidas vinculadas à prática da Educação Física em nossas escolas.

Você deverá perceber o quanto o homem e suas práticas são influenciados de acordo com a sociedade em que vive, seja em nível macro ou microssocial. Conheceremos diversos conceitos sobre a Educação Física e os avanços obtidos, conforme a evolução científica e você terá contato com as discussões mais recentes sobre o papel e a execução da Educação Física nas escolas brasileiras.

Faça valer esses conhecimentos, pois serão fundamentais para compreender o material didático como um todo. Lembre-se de que para chegar onde chegamos, passamos por um processo e assim também será com o seu conhecimento sobre a Educação Física para a educação básica.

De modo geral, como a história da Educação Física se relaciona com o que vemos hoje nas práticas pedagógicas? Será que as ações, ou a falta de delas, influenciaram nosso cotidiano?

Pensando na Educação Física escolar, dois profissionais prestaram os processos para se tornarem professores regulares da rede pública de ensino e continuam atuando em sala de aula. O primeiro deles decidiu fazer cursos, propor atividades diferenciadas, renovação e criação de conhecimento por e para os alunos. O segundo, por sua vez, chega na instituição, registra sua entrada, vai para as aulas e,

ao final de sua última intervenção, simplesmente vai embora, deixando de lado diversas construções culturais e sociais, pois seu foco é apenas fazer o jogo acontecer.

É importante mencionar que ambos estudaram todo o processo de informação e formação em Educação física e um deles decidiu se tornar empresário. Deste lado do texto, há quem se enxergue perfeitamente em qualquer momento do segundo professor, mas e você, qual profissional de Educação Física quer ter como espelho? Como foram suas aulas?

Assim, aproveite para conhecer o passado e construir um excelente presente e futuro para seus alunos.

Seção 1.1

História da Educação Física escolar

Diálogo aberto

Nesta unidade, você conhecerá e analisará os passos dados pelas práticas físicas ao longo da história. Conheceremos como algumas das mais importantes civilizações trataram a questão da Educação Física no seu contexto social. Além disso, saberemos como o nosso país se relaciona com essa área, desde os seus primeiros registros até como conhecemos a Educação Física de hoje.

Ao entender os passos históricos, poderemos analisar os avanços conceituais que temos desse conteúdo e, assim, será possível perceber como ela se enquadra hoje na nossa sociedade.

Observe abaixo os objetivos que trabalharemos ao longo da unidade:

- **Objetivos gerais:** conhecer os processos históricos internacionais e nacionais da Educação Física, desde seus primeiros registros até os dias atuais.
- **Objetivos específicos:** analisar a Educação Física no contexto em que se estabelecia e a que ponto chegamos.

Imagine um aluno da escola regular perguntar ao seu professor: “Professor, de onde vem a Educação Física?” e o docente simplesmente não conseguir formular tal resposta. Não que seja uma pergunta fácil, mas se temos conhecimento, podemos refletir melhor antes de tomar qualquer caminho.

Assim fazemos com nossa família, na qual temos um ancestral comum e vamos ramificando os familiares ou com uma empresa, em que há diferentes cargos, níveis e setores. Cada especialidade tem sua forma organizacional, porém como chegaram até o *status* que têm hoje? Nesse sentido, precisamos estudar a Educação Física e suas origens? Será que ela tem começo, meio e fim?

Esses questionamentos nos trazem para o campo da busca pelo desconhecido, de nossos familiares e a procura deles por seus caminhos.

Mergulhe nesse conteúdo e saiba de onde viemos e para onde vamos!

Não pode Faltar

Para compreender como a Educação Física Escolar é encarada hoje em dia, precisamos recordar alguns passos dados no passado, ver a importância do movimento para a vida humana e como ele foi tratado ao longo dos séculos.

Além do passar dos anos, temos que ter claro em nosso estudo que os sistemas culturais, políticos, econômicos e científicos exercem grande influência no modo como as atividades físicas são tratadas por cada civilização em cada período.

De acordo com os registros históricos, durante a evolução do homem como é conhecido hoje, houve um montante diverso de adaptações. Ao longo da Pré-História, as características dos povos humanos remetiam ao nomadismo, à caça e à coleta de alimentos, ou seja, sua permanência em um local para moradia era determinada pela oferta de animais para caçar e frutas e vegetais disponíveis.

Para vencer nesse cenário, o homem pré-histórico precisava atuar como predador, mas também tinha seus momentos de presa. Assim sendo, as capacidades físicas de força, resistência, velocidade e agilidade eram fundamentais para sua sobrevivência, além da destreza para combinar essas técnicas e alcançar seus objetivos, fosse conseguir o alimento em uma árvore mais alta ou em uma caçada mais difícil ou mesmo fugir de um predador que estava em seu encalço.

Aqui já podemos analisar que quanto maior e melhor o desenvolvimento físico do ser humano, maior era a chance de sobrevivência nos cenários em que se estabelecia. Nesse momento histórico não há registros ou indícios de uso das atividades físicas para formação da moral das pessoas, bem como uma organização das práticas de atividades físicas para otimização dos gestos motores

necessários.

Na História Antiga, diversas civilizações se desenvolveram simultaneamente e, em diferentes ocasiões, se sobrepuseram umas às outras. Apesar de ainda usarem da força corporal para organizar sua produção, já podemos perceber um processo rudimentar de sedentarização.

Segundo a cultura chinesa, o desenvolvimento e a prática de atividades físicas estavam centralizados nas mãos dos sacerdotes, que dominavam a sociedade chinesa. Suas principais funções nesta sociedade tinham finalidades higiênicas para terapia e profilaxia, fisiológicas, abrangendo práticas individuais, muito relacionadas ao malabarismo e acrobacias, além da formação para a guerra e moral durante a doutrina de Confúcio, a educação só atingia seus objetivos quando os estudantes eram capazes de assimilar e praticar virtudes, deveres, ciências e artes, dentre elas práticas corporais.

O Japão teve como característica marcante a presença de guerreiros Samurais, que, como mostra a história local, tinham sua vida praticamente toda dedicada à função de proteção e defesa do povo japonês. Esta dedicação abrangia aspectos das capacidades físicas e também manipulação de objetos para maior eficiência durante as batalhas.

Na Índia, a atividade física estava completamente unida com o ensino e a religião daquela sociedade. Os escritos do Livro de Manu ou Leis de Manu indicam a grande importância das práticas regulares de atividades físicas pelos indianos. De acordo com a cultura local, Buda atribuía à prática de exercícios físicos o caminho da energia, pureza dos sentimentos, bondade e conhecimento das Ciências para a felicidade suprema no Nirvana. Assim, é possível notar evidenciada importância moral das práticas de atividades físicas nesta civilização. Na Mesopotâmia, os principais povos a ocupar esta região foram os sumérios, acádios, caldeus, assírios e babilônios, em cada período da História, um se sobressaía ao outro, principalmente por disputas militares. É possível interpretar, então, que as conquistas militares estavam altamente ligadas ao desenvolvimento dos soldados, preparo físico, força, resistência e destreza.

Para os egípcios da Antiguidade, o corpo tinha grande importância para a existência de uma pessoa, bem como outros elementos

inerentes ao ser e quando algum membro da comunidade morria, havia o processo de mumificação, que pretendia conservar o corpo para a preservação completa do homem após a sua morte, remetendo à valorização cultural e cuidado com o corpo.

A Grécia Antiga foi, sem sombras de dúvida, a civilização que mais desenvolveu aspectos relacionados às atividades físicas, tanto com função moral, quanto o desenvolvimento físico propriamente dito. Em Atenas havia valorização do corpo nos modelos escolares, contribuindo com o desenvolvimento cultural e intelectual desta civilização; já Esparta foi conhecida pelo seu poderio militar de grande força, remetendo ao maior culto ao corpo e desenvolvimento físico. De modo geral, na Grécia Antiga, havia a busca pelo corpo perfeito por meio de exercícios físicos e esse ideal tinha como objetivo aproximar-se da perfeição dos deuses, além do preparo para disputar diferentes jogos. Também na Grécia houve a criação dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, que aconteciam para celebrar os Deuses daquela civilização e eram realizados nas imediações do Monte Olimpo. Havia disputas de saltos, corridas, arremessos, lutas, além de disputas musicais e poéticas.

Após a dominação da Roma Antiga sobre diversos povos, o culto ao corpo foi muito reduzido, mas outros aspectos foram instituídos, como a cultura dos banhos e balneários. Sobre a preparação física, pode ser destacado que os jovens tinham sua iniciação, visando tarefas militares, mas esse aspecto da cultura romana não teve tanta importância como em outras sociedades. Alguns jogos também ocorriam por todo o Império. Para os romanos, os jogos tinham uma conotação de entretenimento e lazer, as práticas mais prestigiadas eram as corridas de cavalos, as corridas de bigas e as lutas entre gladiadores, que exigiam preparação física e treinamento.

Após a ascensão do Cristianismo, diversas práticas envolvendo o corpo perderam espaço, visto que esta nova religião pregava a castidade e a elevação do espírito em detrimento do corpo. Assim, entramos na Idade Média, período em que o culto ao corpo foi muito reduzido, estando vinculado apenas no preparo de soldados para missões criadas pela Igreja.

Ao final do período obscuro da Idade Média e com todo interesse que o homem sempre teve sobre seu próprio corpo, o período da

Renascença trouxe novamente a cultura física, as Artes, a música, a Ciência e a literatura à tona. Nesse período, o estudo da anatomia e a escultura de estátuas contribuíram para o culto ao corpo. Temos a retomada também da colocação da Educação Física nas rotinas escolares. Vittorino da Feltre (1378-1446) foi um dos responsáveis pela introdução da Educação Física na escola no mesmo nível das disciplinas tidas como intelectuais e também pelas concepções e práticas pedagógicas que seriam difundidas séculos depois, a associação do exercício do corpo com o exercício do espírito.

Leonardo da Vinci (1452-1559) e Michelângelo Buonarroti (1475-1564) fizeram das artes ferramenta para exploração do corpo, com suas formas sendo admiradas e usadas de modelo para diversos trabalhos de esculturas, desenhos e pinturas. Andrea Vesalius (1514-1564) desenvolveu a anatomia, utilizando técnicas e conhecimentos de dissecação de cadáveres, dando mais informações à Educação Física e também à Medicina.

Anos mais tarde o Iluminismo teve destaque e podemos apontar os pensadores Jean-Jaques Rousseau (1712-1778) ficou Johann Pestalozzi (1746-1827) como nomes fortes. Rousseau propôs a Educação Física como necessária à educação infantil. Para ele, seria preciso educar a criança de acordo com a natureza e o movimento faz parte da natureza do homem, justificando a presença da Educação Física a nível escolar. Pestalozzi (1746-1827) tinha em suas teorias de aprendizado a linearidade dos estímulos como base, partindo das tarefas mais fáceis para as mais difíceis.

Após o Iluminismo houve o marco da Idade Contemporânea e o surgimento de métodos ginásticos em quatro grandes escolas: alemã, nórdica (escandinava), francesa e inglesa.

Na escola alemã, tido como o pai da ginástica pedagógica moderna, Johann Cristoph Frederick Guts Muths (1759-1839), conhecido por ter desenvolvido as regras para as práticas da Educação Física, semelhante com o que podemos encontrar hoje, introduzindo um sistema de exercícios nas grades escolares, com os princípios básicos da ginástica artística, com elementos simples como correr, saltar, pular, arremessar, puxar, empurrar e suas combinações. Outro nome foi Friederick Ludwing Jahn (1778-1852), fundador e fomentador da ginástica sociopatriótica, sistematizou

a prática da ginástica e a transformou em modalidade esportiva, criou associações destinadas a jovens praticantes e interessados em ginástica, além de desenvolvimento físico abrigava discussões políticas, desenvolvimento moral e da exaltação patriótica, mas ao mesmo tempo suas atividades não tinham conotação escolar.

Mais tarde, Adolf Spiess (1810-1858) voltou a defender a Educação Física nas escolas e a luta para que a ginástica escolar fosse para ambos os sexos nas escolas da Suíça e Alemanha. A Escola Escandinava ou Nórdica iniciou sua trajetória com Franz Nachteggall (1777-1847) que difundiu métodos ginásticos para estudantes do ensino médio na Dinamarca, também foi o primeiro a conceber um sistema de capacitação para profissionais de Educação Física na Dinamarca. Também tem seu nome vinculado aos primeiros registros de colocação de tapetes para otimizar a segurança e a suavidade das atividades, mas o grande destaque foi o sueco Per Henrik Ling (1776-1839) que lutou para tornar os exercícios físicos justificados pelos aspectos científicos e dividiu a ginástica em quatro partes: a pedagogia — voltada para a saúde evitando vícios posturais e doenças; a militar — voltada para o desenvolvimento dentro das forças armadas, incluindo práticas de tiro e esgrima; a médica — promovendo o desenvolvimento físico, evitando doenças; a estética. Alguns pensamentos de Ling continuam a valer, como o desenvolvimento harmônico e racional do corpo e do movimento, a progressão pedagógica da ginástica e a necessidade de manter alegria constante em uma aula. Josef Gottfrid Thulin (1875-1965) fez introduzir novamente o ritmo musical à ginástica, criar e aplicar testes individuais e coletivos para verificação da performance.

Passando para a Escola Francesa temos Francisco Amorós y Ondeano (1770-1848) que criou o Ginásio Militar, local em que teve origem a ginástica eclética, que mesclava as melhores técnicas e ideias de Muths e Jahn da Alemanha. Após esse trabalho de difusão de um método já estabelecido, idealizou uma série de itens que considerava essencial para sua obra, como a resistência à fadiga, andar e correr sobre terrenos fáceis ou difíceis, saltar em profundidade, extensão e altura, com ou sem implementos, equilibrar-se em traves fixas, transposição de barreiras, lutar de várias maneiras, subir com auxílio de corda com nós ou lisa, fixa ou móvel, a suspensão pelos braços, a esgrima e vários outros procedimentos.

Também na França surge a Calistenia, criada por Phoktion Heinrich Clias, que tem por base o método sueco de treino e organização, porém com associação a um ritmo de músicas específicas e próprias. Apesar de criada na França, foi a Associação Cristã de Moços que difundiu esta prática pelo mundo. Outro nome francês foi G. Dêmey (1850-1917), a quem são atribuídos a Organização de Congresso, cursos de formação e capacitação de profissionais. Também tivemos o desenvolvimento do método conhecido como ginástica natural, com Georges Herbert (1875-1957), que preconizou os movimentos mais naturais e básicos do ser humano, como: correr, trepar, nadar, saltar, empurrar, puxar, dentre outros.

A Escola Inglesa tinha base nas práticas de jogos e esportes, cujo defensor era Thomas Arnold (1795-1842), a quem também é atribuída a recriação dos jogos olímpicos da atualidade. Para o desenvolvimento da Escola Inglesa, houve influência do treinamento militar e da preparação para as guerras.

Esses avanços internacionais aconteceram simultaneamente aos desenvolvimentos no Brasil, que conheceremos a partir de agora também de modo cronológico.

Iniciamos a História da Educação Física no Brasil com os primeiros registros, feitos com a chegada dos portugueses ao nosso litoral.

Assim como a Educação Física sofreu diversas mudanças ao longo da História mundial, ao olharmos para o contexto nacional, também encontraremos variações com momentos históricos específicos. No Brasil Colônia, podemos iniciar as notícias com a carta de Pero Vaz de Caminha, quando fala sobre indígenas dançando, saltando e girando ao som de uma gaita portuguesa. Porém, as atividades físicas praticadas iniciaram antes mesmo da chegada dos colonizadores, visto que a cultura indígena já tinha relação entre o movimento e suas crenças e necessidades, como brincadeiras, caça, nado, agricultura, preparo para batalhas e afins. Ainda na época da Colônia, surgiu a capoeira, praticada pelos escravos. Dessa forma, podemos destacar que, no Brasil Colônia, as atividades físicas realizadas pelos indígenas e escravos representaram as primeiras atividades físicas no Brasil. No período do Brasil Império surgiram os primeiros tratados sobre a Educação Física. Em 1823, Joaquim Antônio Serpa elaborou

o *Tratado de Educação Física e moral dos meninos*, englobando a saúde do corpo e a cultura do espírito na educação e sugeria a divisão em duas categorias: os que exercitavam o corpo e os que exercitavam a memória. Inicialmente denominada ginástica, a Educação Física escolar iniciou oficialmente com a reforma Couto Ferraz, em 1851. E em 1882, Rui Barbosa elaborou o parecer sobre a *Reforma Do Ensino Primário, Secundário Superior*, relatando a situação da Educação Física em países mais adiantados politicamente e defendendo a Ginástica como elemento indispensável para formação integral da juventude. Nesse documento, foram relatadas diversas mudanças em relação ao tratamento de gênero nas aulas e nas atividades da Educação Física, bem como em relação à equiparação da Educação Física e seus profissionais com as outras disciplinas. Inicialmente, esta reforma na educação foi implantada no Rio de Janeiro. Após a Independência, a Educação Física no Brasil República pode ser subdividida em duas fases, sendo que, na primeira, outros estados começaram a incluir a ginástica na escola, além da criação de diversas escolas de Educação Física, com o objetivo principal de formação militar. A partir da segunda fase do Brasil República, após a criação do Ministério da Educação e Saúde, a Educação Física começou a ganhar importância e foi inserida na Constituição Brasileira. Buscando sistematizar a ginástica, surgiram os métodos ginásticos (gímnicos), com base nas escolas sueca, alemã e francesa, conferindo à Educação Física uma perspectiva eugênica, higienista e militarista. No Período que compreende o Pós-Segunda Guerra Mundial, considerado o Brasil Contemporâneo, a Educação Física nas escolas mantinha o caráter gímnico e calistênico. Com a tomada do Poder Executivo brasileiro pelos militares, ocorreu um crescimento abrupto do sistema educacional e o governo investia muito no esporte, buscando fazer da Educação Física um sustentáculo ideológico, fortalecendo a ideia do esportivismo cada vez mais presentes na Educação Física. Podemos destacar algumas medidas que muito impactaram a Educação Física como a obrigatoriedade no ensino superior.

A Educação Física ao longo de sua história priorizou os conteúdos gímnicos e esportivos. Atualmente, coexistem na Educação Física diversas abordagens que tentam romper com modelos arcaicos.

Ao longo de seu desenvolvimento, a Educação Física escolar

esteve sob influência de diversos pensamentos. No Período Imperial e início da República, havia um misto de influência eugênica, higienista e positivista. A Eugenia estava vinculada aos conhecimentos transmitidos nas aulas de Educação Física, com a segregação de raças e políticas de manutenção da pureza e da qualidade da raça branca. O Higienismo visava os cuidados com a saúde das pessoas e nos anos 1880, com a reforma proposta de Rui Barbosa, ganhou espaço, sendo usado para justificar a inclusão da Educação Física nos diferentes níveis de ensino e para ambos os gêneros. Anos mais tarde, com a aproximação da Primeira Grande Guerra, começou a receber influências militares, com o pensamento positivista e suas aspirações de uma sociedade justa, fraterna e progressista, almejando a ordem, o progresso e o desenvolvimento de homens fortes para a defesa da Pátria e seus ideais.

Por volta de 1930, a Educação Física nas escolas tinha grande influência dos métodos ginásticos europeus e seu viés biologicista para desenvolvimento do corpo e seu uso nas mais diferentes esferas. Também houve um breve momento de ressurgimento do pensamento eugênico, influenciado pelos movimentos fascistas e nazistas na Europa, porém logo deu espaço ao pensamento militarista e higienista para formação de soldados e com cuidados de saúde para não prejudicar os projetos nacionais patrióticos. Porém o Higienismo teve grande força, visto que foi apoiado por diversas instituições como militares, Igreja e governo. Em 1937, com a primeira Constituição, houve menções sobre o adestramento do corpo e a formação militar, porém o processo de industrialização e urbanização mantiveram a forte demanda higienista. Por volta dos anos 1960, ganhou força o modelo Esportivista, com uso do tecnicismo como método de ensino aprendido, que visava demonstrações de poder e progresso da nação pelo esporte, bem como o desenvolvimento de mão de obra em boas condições de saúde para exercer seu papel na produção. Esse modelo perdurou até o final da década de 1970. Nos anos 1980, após uma crise de identidade da disciplina escolar, ganhou força o modelo de Desenvolvimento Psicomotor, deixando de lado o modelo puramente biológico e tratando também da esfera mais humana do indivíduo, associando também à formação crítica e social do aluno.

Após tantos anos de transformação, a Educação Física Escolar

vem se fortalecendo como área de conhecimento, porém ainda é marginalizada em relação às disciplinas mais tradicionais e tidas como formativas. Seu profissional ainda é relegado em alguns locais, sendo dispensado de reuniões e planejamentos, como se fosse um aprendizado dispensável em nosso cotidiano.

Contudo, de modo científico, o caminho é contrário, com a ligação da Educação Física e o aprendizado motor ao desenvolvimento neurocognitivo, evoluções no aprendizado motor auxiliando no aprendizado teórico e, mais ainda, a Educação Física escolar sendo valorizada como cultura corporal produzida pelo ser humano e servindo de ferramenta para estudo de diferentes conhecimentos e conteúdos produzidos e estudados envolvendo aspectos biopsicossociais. Também é na Educação Física escolar atual que discutimos sobre o modelo esportivista seletor e as vivências e conhecimentos culturais e que oportunizam o aprendizado de forma inclusiva e abrangente nas práticas corporais.

Arantes (2008) faz o mesmo caminho a respeito da história da Educação Física no Brasil e, ao mesmo tempo, traz diversos conteúdos que já permeiam nossa próxima unidade. A autora ressalta que “hoje possuímos muitas linhas de abordagens filosóficas” (ARANTES, 2008, p.1) e que evoluímos muito em relação aos séculos passados, reforçando a ideia de conhecimento através dos tempos. Nesse sentido, estudar a história da Educação Física faz com que o olhar para a atualidade seja mais criterioso, tanto com os benefícios, quanto com os pontos a serem melhorados.



Assimile

Caro aluno, perceba que, conforme cada momento histórico, os líderes das diferentes civilizações colocaram em evidência suas crenças em relação à atividade física. Esse formato deixava a Educação Física à mercê das crenças daqueles que estavam no poder e fez com que houvesse períodos altos e baixos. Ao longo dos anos e com a evolução científica vinculada aos aspectos das atividades físicas e da sistematização escolar, observa-se que a Educação Física vem se afirmando como disciplina de conteúdo variado da cultura corporal, que tem suas práticas voltadas para o aprendizado e desenvolvimento

motor, mas ao mesmo tempo servindo de ferramenta para o reconhecimento da cultura corporal, o desenvolvimento dos aspectos sociais e psicológicos das crianças.



Refleta

Aprendemos que a Educação Física passou por muitas transformações ao longo de sua história e, somente nas últimas décadas, tem ganhado mais destaque, graças à evolução científica na área.

É compreensível a marginalização da Educação Física antes de suas justificativas científicas, porém é difícil deixar esse conteúdo de lado quando pesquisas de alta qualidade mostram sua importância.

Assim sendo, caro aluno, pense sobre propostas de governo que preveem redução da carga horária de Educação Física no ensino básico, como a Medida Provisória nº 746, de 2016.

SENADO FEDERAL. **Medida Provisória nº 746, de 2016.** Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/126992>>. Acesso em: 19 out. 2016.



Exemplificando

Para absorver a importância da cultura corporal e do uso da Educação Física como ferramenta de formação abrangente, podemos analisar duas atividades diferentes. Em uma delas, a professora usa do sumô, atividade praticada no Japão, para ensinar sobre diferenças culturais e valores, como o respeito e o cuidado com o outro e, na segunda atividade, um professor fez associações com a disciplina de Matemática e incluiu intervenções matemáticas no meio das atividades físicas.

Com esses dois exemplos acima podemos observar a importância da Educação Física como formação global dos alunos. No primeiro caso, a multiculturalidade traz benefícios

também para a formação de valores dos alunos. Já no segundo, a inserção de conteúdos matemáticos reforça o raciocínio rápido, a tomada de decisão e incentiva a melhoria nesta disciplina, vendo outras aplicações, não só as teóricas de sala de aula.

Com os relatos citados, é possível perceber a versatilidade da Educação Física e que as práticas nela vão além do fim na própria atividade física.



Pesquise mais

Para saber mais sobre relatos de experiência com atitudes positivas em Educação Física escolar, você pode acessar os sites dos Conselhos de Educação Física, nos quais você encontrará as versões digitais das revistas editadas pelas entidades. Estas revistas lhe informarão sobre diferentes propostas por todo o território nacional.

Além disso, terá conteúdos diversos sobre a história da Educação Física e sua institucionalização.

CREF 4/SP. **Revista CREF4/SP**. Disponível em: <<http://www.crefsp.gov.br/revista-crefsp/>>. Acesso em: 12 jan. 2017

CONFED. **Revista Educação Física**. Disponível em: <<http://www.confed.org.br/extra/revistaef>>. Acesso em: 12 jan. 2017

Como sugestão direta, temos a **Revista Educação Física nº 60, de junho 2016, que tem mais descrições sobre os relatos e experiências citados acima.**

Além disso, há o artigo *A história da Educação Física escolar no Brasil*:

ARANTES, A. C. **A história da Educação Física escolar no Brasil**. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd124/a-historia-da-educacao-fisica-escolar-no-brasil.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

O livro *Educação Física: raízes europeias e Brasil* pode ser uma ótima forma de compreender melhor os aspectos históricos e métodos ginásticos:

SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. [S.l.]: Autores Associados, 2001.

Sem medo de errar

Ao longo de todo nosso estudo e da leitura do campo *Não pode faltar*, foi possível perceber que o movimento é inerente ao ser humano e, mais do que isso, é adaptável às necessidades, sejam sociais ou ambientais.

Pensando por esse caminho, estudar as origens da Educação Física faz sentido? Compreendemos que, de acordo com o momento histórico, ela transita por conceitos da saúde, das humanas e também das exatas, isso pode explicar por que ainda há discussões sobre onde alocar a Educação Física. Podemos exemplificar isso da seguinte maneira: Para pensar padrões de movimentos e eficiência de gestões, estudamos biomecânica e cinesiologia, conteúdos muito íntimos das exatas, a fim de entender como cada sociedade lidou com o corpo de acordo com suas crenças. Vinculamos as análises às humanas e, para conhecer o funcionamento do próprio corpo, seja do ponto de vista motor ou fisiológico, estamos amparados pelas biológicas.

Esses exemplos podem facilmente ser confundidos com cada momento histórico, como os gregos e o culto ao corpo, seus estímulos e formas, algo muito biológico, a Igreja e o viés pecaminoso, mostrando o lado das humanas, e o corpo esportivo, do período da Ditadura Militar no Brasil, com muito controle das exatas. Ainda assim, continuamos transitando pelos caminhos acadêmicos e, além disso, ao analisar cada momento da História, seja internacional ou nacional, observamos que há alguma relação com o corpo e suas funções, assim como hoje diversas relações ainda são mantidas, como o preparo do corpo para o trabalho ou o uso do corpo para o lazer, enfim, um cem número de possibilidades e relações, que mostram

claramente o quanto a história pode influenciar e ser influenciada pelas práticas ginásticas/Educação Física. Sem o aperfeiçoamento e uso do corpo, com certeza a nossa história seria diferente.

Avançando na prática

Educação Física no período da Ditadura Militar

Descrição da situação-problema

Ao longo dos anos de domínio dos militares na cena política nacional, houve um forte apelo às práticas de Educação Física com viés esportivo. A grande justificativa era o uso da escola como celeiro para descoberta de novos atletas e, a partir desse momento, ocorrer a especialização em modalidades das mais variadas possíveis, gerando ascensão nacional, principalmente nas Olimpíadas.

Esse tipo de fomento funcionou naquele momento? Quais foram os indicadores dos resultados desta política?

Resolução da situação-problema

Ao final do fomento dos militares ao modelo esportivizado nas escolas, pode-se notar que houve grande fracasso, visto que os objetivos principais não foram alcançados. Havia um desejo de propaganda ao redor do mundo do sucesso brasileiro nos esportes, porém, mesmo com o aumento da prática nas escolas, local de grande concentração de potenciais atletas, não houve o mesmo cuidado com a preparação, manutenção e organização para que eles obtivessem sucesso. Além disso, havia o desejo de crescimento do número de praticantes de atividades físicas no Brasil, fato que as análises estatísticas mostraram não ter surtido efeito. Nesse sentido, o esporte na escola como ferramenta na seleção de atletas e incentivador de práticas ao longo da vida fora da rotina escolar se mostrou ineficaz. Porém, cabe ressaltar que, após esse período, houve uma grande expansão nas pesquisas relacionadas à Educação Física escolar, sugerindo modelos mais democráticos e que visam oportunidades e experiências de sucesso a todos, não apenas àqueles com domínio esportivo acurado

Faça valer a pena

1. De acordo com os registros históricos, durante a evolução do homem como é conhecido hoje, houve um montante diverso de adaptações. Ao longo da Pré-História, as características dos povos humanos remetiam ao nomadismo, à caça e à coleta de alimentos, ou seja, sua permanência em um local para moradia era determinada pela oferta de animais para caçar e frutas e vegetais disponíveis.

Para vencer nesse cenário, o homem pré-histórico precisava atuar como predador, mas também tinha seus momentos de presa. Assim sendo, as capacidades físicas de força, resistência, velocidade e agilidade eram fundamentais para sua sobrevivência além da destreza para combinar essas habilidades e alcançar seus objetivos, fosse conseguir o alimento em uma árvore mais alta ou em uma caçada mais difícil ou mesmo fugir de um predador que estava em seu encalço.

Um estilo de vida nômade sugere maior disposição e preparo físico para o enfrentamento das dificuldades de locomoção, estabelecimento e exploração de um local temporário para a permanência de um grupo. Nesse sentido, ter um bom condicionamento e preparo físico significava:

- a) Aumentar as chances de sobrevivência tanto na função do homem primitivo como caça e caçador.
- b) Adaptações temporárias que se perdiam assim que não havia mais necessidades latentes.
- c) Maior credibilidade frente a outras raças de animais, como leões, elefantes, rinocerontes e afins.
- d) Melhor classificação no quadro de medalhas frente aos países europeus.
- e) Aumentar as chances de sobrevivência do homem apenas como caça, visto que para caçar não é necessário ter habilidades bem desenvolvidas.

2. Em 1882, Rui Barbosa elaborou o parecer sobre a *Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior*, relatando a situação da Educação Física em países mais adiantados politicamente e defendendo a ginástica como elemento indispensável para formação integral da juventude. Nesse documento, foram relatadas diversas mudanças em relação ao tratamento de gênero nas aulas e nas atividades da Educação Física, bem como em relação à equiparação da Educação Física e seus profissionais com as outras disciplinas.

Conforme os avanços sobre a Educação Física ocorreram ao redor do mundo, várias influências chegaram ao território brasileiro. Quais foram as possíveis influências dos avanços de outros países nas mudanças ocorridas no Brasil com a reforma proposta por Rui Barbosa?

- a) Melhoria do perfil esportivo e aumento no número de medalhas nas Olimpíadas Modernas.
- b) Justificativas científicas, sucesso de prática no ambiente escolar e extensão dos benefícios de forma eficaz para a população geral.
- c) Fomento do Modelo Esportivista, adotado pelas forças armadas e implantado nas escolas durante a Ditadura Militar.
- d) Cópia pura e simples dos modelos europeus por serem considerados melhores que os modelos nacionais.
- e) Rui Barbosa tinha a intenção de reforçar o estilo de vida europeu para retorno do Estado de Colônia e domínio Português no Brasil.

3. Após a ascensão do Cristianismo, diversas práticas envolvendo o corpo perderam espaço, visto que esta nova religião pregava a castidade e elevação do espírito em detrimento do corpo. Assim, entramos na Idade Média, período em que o culto ao corpo foi muito reduzido, estando vinculado apenas ao preparo de soldados para missões criadas pela Igreja.

Durante a Idade Média houve muitas perdas em relação às práticas de Educação Física, devido à Igreja ter grande influência e poder junto aos líderes sociais da época. Qual instituição perdeu força ao final da Idade Média e, desse modo, abriu margem para um estabelecimento de um novo contexto social e qual é o nome deste contexto social?

- a) O Estado Romano e Iluminismo, respectivamente.
- b) Gregos e Renascimento, respectivamente.
- c) Renascimento e Igreja, respectivamente.
- d) Renascimento e gregos, respectivamente.
- e) Igreja e Renascimento, respectivamente.

Seção 1.2

Políticas educacionais

Diálogo aberto

Em todo início de ano letivo e reuniões gerais antes do início das aulas, as discussões sobre PLANEJAMENTO estão presentes e vão desde o corpo diretor até os professores generalistas e especialistas dos diversos conteúdos presentes na escola.

No entanto, o que é o planejamento? Para que fazer uma visualização de tão longo prazo? E, o mais importante: como montar esta estrutura sem nem saber com quem vai lidar com cada turma?

Para facilitar a respostas às perguntas, foram criados alguns documentos oficiais para nortear o trabalho de professores, coordenadores e diretores, evidenciando a base do caminho a ser seguido e como ele pode ser alterado para adequar-se às necessidades dos alunos e alunas de cada turma.

Sendo assim, observe:

Ao finalizar seu curso superior, o recém-formado professor Júlio consegue seu primeiro emprego em uma escola de ensino formal regular. Após o treinamento para entender o funcionamento da escola, lhe é solicitada a construção dos Planos de Ensino e Planos de Aulas que estejam em acordo com o Projeto Político Pedagógico da escola.

E, agora, como montar todos esses documentos?

Para saber a resposta, esteja imerso nesta unidade, entenda as diretrizes para formulação de planejamentos e perceba que diretrizes são caminhos a serem seguidos, mas que, ao longo do trajeto, terão suas particularidades, conforme o contexto social no qual estiver inserido.

Não pode faltar

Nesta unidade, trataremos da organização da educação e ensino no Brasil. Para tanto, falaremos em políticas educacionais, ações governamentais relacionadas às políticas públicas. Elas são baseadas nas necessidades e na discussão entre órgãos governamentais e a sociedade civil, de acordo com as leis estabelecidas no país.

Como as políticas públicas são necessidades da sociedade como um todo, o direito à educação enquadra-se nestas ações. Para que esse direito seja garantido com qualidade e de forma universal, é implementada a política educacional, mas, afinal, o que são políticas educacionais?

Podemos entender o termo políticas educacionais como um conjunto de medidas planejadas e organizadas pelo governo de um país, estado e/ou município, estudadas e estruturadas e, após aprovação, colocadas em prática. Dentre as ações, há destaque para as relacionadas à infraestrutura, aos recursos humanos, aos recursos materiais e outros.

De modo geral, as políticas educacionais determinam a base da educação em todo território nacional, visto que sua construção deve conter elementos básicos a todos os territórios, mas, ao mesmo tempo, deve haver espaços para conteúdos e necessidades regionais.

Para garantir que a base comum seja efetiva e respeitada, diversos documentos foram construídos ao longo da história. O primeiro foi a Constituição Federal de 1824 (BRASIL, 1824), que procurou unificar a educação pública, sistematizando o programa com sequências de séries, organização curricular e objetivos para cada grau escolar. Nesse documento ainda não foram fixadas diretrizes para a educação, visto que a instrução ou ensino fundamental ficou em segundo plano e a criação das universidades foi priorizada. O texto constitucional destacava a educação no art. 179, que garantia acesso ao ensino primário a todos os cidadãos e sua responsabilidade era da família e da Igreja. Havia também a centralização da organização da educação, mas, ao longo das próximas duas décadas, as províncias tiveram que se responsabilizar por organizar e executar a educação.

Após a Proclamação da República, houve o estabelecimento de

decretos (BRASIL, 1889 e BRASIL, 1890) que alteravam as normas da constituição, sendo eles:

- Decreto nº 6, de 19 de novembro 1889: extinguiu o voto censitário e impôs como condição para o exercício da cidadania a alfabetização.
- Decreto nº 7, de 20 de novembro de 1889: atribuiu aos estados a instrução pública em todos os graus.
- Aviso nº 17, de 24 de abril de 1890: tornou laico o currículo do Instituto Nacional.
- Criação da Secretaria de Instrução Pública, Correios e Telégrafos.

Várias outras iniciativas foram tomadas como a criação do Pedagogium, órgão que era responsável pela reforma da instrução pública primária e secundária no Distrito Federal e do ensino superior, que possibilitou o surgimento de faculdades livres e oficiais e também do Conselho de Instrução Superior no Distrito Federal. De modo geral, estas iniciativas mostraram ações de descentralização, mas é possível perceber ainda um direcionamento oficial por meio do regulamento do Instituto Nacional e de outros institutos oficiais da União e do Distrito Federal.

Mesmo com esta organização, alguns pontos ainda necessitavam de ajustes:

- A organização do ensino: pensando a separação da organização e responsabilidades entre os entes federados e a possibilidade da atribuição de sua realização por instituições privadas.
- A laicidade: com discussão de uma postura não religiosa da escola pública.
- A obrigatoriedade e gratuidade da instrução pública primária.

Na Constituição de 1891, o direito à educação foi tratado nos art. 35 e 72. Ficou estabelecido que o Congresso teria como uma de suas tarefas "o desenvolvimento das letras, artes e ciências" (BRASIL, 1891) e a criação de estabelecimentos de ensino superior e secundário nos

estados. Foi determinada também a separação entre Estado e Igreja e o ensino ministrado nos estabelecimentos oficiais deveria ser laico.

Esses passos foram importantes para determinar os responsáveis pela educação nacional, bem como para sua sistematização e melhorias de suas condições.

Em 1932, houve um movimento social que produziu o manifesto dos pioneiros da escola nova, liderado pelos ativistas Anísio Teixeira, Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, trazia considerações sobre a organização escolar no Brasil. Até a década de 1930, o ensino nacional estava intimamente ligado a conceitos religiosos, mesmo com a Constituição de 1981 determinando sua separação e, ao produzir e divulgar esse manifesto, foram utilizadas *as teorias psicológicas, sociológicas e o pensamento filosófico e político*. *Esse fato gerava conflitos com os movimentos católicos da época*.

De modo geral, o manifesto tratava de dois pontos cruciais:

- Eficiência da administração escolar como solução dos problemas educacionais.
- Investigação científica, como método de mudança e renovação para impulsionar a evolução da administração escolar.

Hoje em dia, estas considerações ainda são pertinentes pois sofremos com má administração e, por vezes, abstenção da evolução científica, com ensinamento de conteúdos ultrapassados aos alunos.

A Constituição de 1934 tratou o direito à educação nos art. 5º e de 148 a 158, caracterizado subjetivo público. De modo geral, cinco questões foram enfocadas em relação à educação, sendo elas:

- Participação da União em todos os níveis de ensino.
- Direito à educação.
- Ação supletiva da União aos Estados e Municípios.
- Aplicação de recursos públicos em educação.
- Ensino religioso.

De modo aprofundado, fixou diretrizes do governo federal para

a educação nacional, princípio mantido em todos os documentos constitucionais desde então. A difusão da instrução pública tornou-se responsabilidade dividida entre União e Estados, além de prever a existência do Conselho Federal de Educação, que deveria elaborar o Plano Nacional de Educação. Pela primeira vez, determinou-se a aplicação de receitas para implementação da educação. Estados e Distrito Federal aplicariam, pelo menos, 20% e União e Municípios pelo menos 10% da renda resultante dos impostos na manutenção e no desenvolvimento dos sistemas educativos. Foi estabelecida a formação de fundos de educação com a participação da União, Estados, Distrito Federal e Municípios, cujos valores deveriam ser utilizados em obras educativas previstas em lei e para o auxílio de alunos necessitados. O direcionamento de recursos para a educação foi um grande avanço para a área, para obras de infraestrutura, manutenção e para que pessoas com necessidades especiais pudessem acessar e manter-se nos programas de ensino, mesmo não oficiais.

Logo, em 1937, foi promulgada outra Constituição. Neste texto, os fatos mais marcantes são:

- Distinção entre instituições de ensino privadas e públicas, deixando claro que, para as pessoas que não tivessem recursos suficientes para manter-se nas instituições privadas, seriam oferecidas organizações públicas gratuitas, com garantias de permanência.
- Pela primeira vez, em documentos oficiais, a Educação Física foi colocada como conteúdo obrigatório, assim como trabalhos manuais e ensino cívico. Em contrapartida, o ensino religioso tornou-se facultativo.

Uma nova Constituição foi construída no ano de 1946. No texto aprovado o direito à educação foi tratado nos art. 5º e de 166 a 175. Esta carta era semelhante à Constituição de 1934. A educação manteve caráter de direito público, a legislação de diretrizes e bases ficou sob responsabilidade do governo federal, porém os estados poderiam legislar de forma complementar.

A seguir temos alguns princípios desta legislação:

- Ensino primário obrigatório e em língua nacional.

- Ensino oficial secundário para aqueles que não podiam custear de forma particular.
- Aplicação de pelo menos 10%, por parte da União, enquanto seria 20% pelos Estados, Distrito Federal e Municípios, da renda resultante dos impostos nessa atividade.

Em 1967, novamente fez-se uma nova Constituição. Os art. 8º, 167 e de 168 a 172 foram responsáveis pelo tema educação. O art. 168 estabeleceu que deveria haver unidade nacional e a solidariedade humana dentro dos princípios da educação e da legislação. Alguns pontos foram alterados quanto à antiga Constituição como a não fixação de percentuais de investimento e a gratuidade do ensino secundário seria substituída, sempre que possível, por bolsas de estudo e, no caso do ensino superior, seria exigido seu reembolso.

Com o estabelecimento da Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969, expedida em função do domínio político pelos militares, houve a substituição da liberdade de cátedra pela liberdade de comunicação de conhecimentos, o que, de certo modo, controlou a liberdade de transmissão de informações aos alunos e a obrigatoriedade para investimentos foi imposta somente aos municípios. Em 1983, esse dever foi estendido à União, Estados e Distrito Federal.

A mais recente e vigente Constituição Nacional é a promulgada em 1988, que aponta que os direitos dos cidadãos são fundamentalmente reconhecidos e protegidos.

Sobre a educação, a vemos posta entre os direitos sociais e seu tratamento se dá nos art. de 205 a 214. Os princípios especificamente voltados à educação estão indicados nos art. de 206 a 209.

É relevante destacar:

- Os princípios da igualdade de condições para acesso e permanência na escola.
- A liberdade para aprender, ensinar e divulgar o pensamento, a arte e o saber.
- O pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas e a coexistência de instituições públicas e privadas de ensino.

- A gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais.
- A valorização dos profissionais do ensino, garantidos, na forma da lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos.
- A gestão democrática do ensino público, na forma da lei.
- Garantia de padrão de qualidade.

Em relação ao ensino superior, o art. 207 estabeleceu a autonomia didático-científica, administrativa e de gestão financeira e patrimonial das universidades e tornou indissociáveis o ensino, a pesquisa e a extensão.

O art. 208, referente ao dever do Estado com a educação, estabelece as seguintes garantias:

- Ensino fundamental obrigatório e gratuito.
- Ensino fundamental gratuito para aqueles que não tiveram acesso a ele na idade própria.
- Progressiva universalização do ensino médio gratuito.
- Atendimento especializado aos portadores de deficiência.
- Atendimento para crianças de zero a seis anos em creches e pré-escolas.
- Acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um.
- Oferta de ensino noturno adequado às condições dos alunos.
- Programas complementares de atendimento para o educando carente no ensino fundamental.

A participação da iniciativa privada na prestação de serviços educacionais é livre e submetida às normas nacionais estabelecidas pelos governos nacionais, estaduais e municipais, havendo ainda autorização para avaliação do padrão de qualidade pelos órgãos competentes, posto pelo art. 209.

Ficou estabelecido que competiria à União estabelecer normas gerais para fins educacionais, descrito no art. 22, mas possibilita aos Estados legislar em questões específicas sobre o tema, desde que autorizados por lei complementar.

No art. 214 da Constituição de 1988, fica prevista a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) e o Plano Nacional de Educação (PNE), com o objetivo de possibilitar o desenvolvimento articulado do ensino nacional.

Por outro lado, o art. 24 estabelece competência legislativa concorrente para União, Estados e Distrito Federal quanto à educação. Os municípios, conforme autorizado pelo art. 30, podem suplementar a Legislação Federal e Estadual no âmbito de seu interesse. No art. 211, temos menção à organização dos sistemas de ensino, que deve ser em regime de colaboração pelos Estados da Federação, deste modo proporcionando maior segurança à universalização do ensino obrigatório.

O art. 212, estabelece valores mínimos a serem aplicados pela União, Estados e Municípios. Observe que a Constituição, o documento mais importante de uma nação, evoluiu e garantiu a educação para a população, tanto em acesso, quanto em permanência. A partir das determinações da Constituição, há o estabelecimento de outros documentos como a Lei de Diretrizes e Bases e o Plano Nacional de Educação.

Conheceremos agora a Lei de Diretrizes e Bases, mas, afinal, o que ela é?

É um documento produzido pelo Governo Federal, com responsabilidade da Câmara Federal e do Ministério da Educação (MEC), que prima pela organização básica dos preceitos da educação nacional. Até 1961 toda a responsabilidade sobre a educação brasileira estava sob os cuidados do MEC, porém, ao ser editada e publicada, essa Lei traz descentralização, traçando a base comum que deve ser respeitada pelos Estados e Municípios e, ao mesmo tempo, transferindo responsabilidades para estes.

A primeira das LDBs foi promulgada em 1961, criada apenas para regulamentar o sistema de ensino no Brasil. Nela, eram estabelecidas regras básicas como regulamentação de conselhos estaduais de

educação, formação mínima exigida para professores e ensino religioso facultativo, além disso, foram abordados temas como obrigatoriedade do ensino até a 4ª série do ensino fundamental/primário, em caso de insuficiência era prevista a repetência do aluno e a educação especial era direcionada para fora do ambiente escolar regular.

Para exemplificar melhor, analisaremos os tópicos abaixo:

- Regulamenta a existência dos Conselhos Estaduais de Educação e do Conselho Federal de Educação (art. 8º e 9º).
- Prevê maior autonomia aos órgãos estaduais, diminuindo a centralização do poder no MEC (art. 10).
- Aborda a obrigatoriedade de matrícula nos quatro anos do ensino primário (art. 30).
- Trata da formação do professor para o ensino primário no ensino normal de grau ginasial ou colegial (art. 52 e 53).
- Aponta a formação do professor para o ensino médio nos cursos de nível superior (art. 59).
- Admite ano letivo de 180 dias (art. 72).
- Garante o empenho de 12% do orçamento da União e 20% dos municípios com a educação (art. 92).
- Acorda que o dinheiro público não é exclusivo às instituições de ensino públicas (art. 93 e 95).
- Autoriza ensino religioso facultativo (art. 97).
- Permite o ensino experimental (art. 104).

A educação no Brasil se viu diante de uma nova LDB em 1971. Dessa vez, houve um grande avanço em relação à obrigatoriedade do ensino, que ampliava sua margem dos 7 aos 14 anos. O texto também previa um currículo comum para o primeiro e segundo graus em nível nacional, para unificar e padronizar o que era ensinado nas escolas, mas ao mesmo tempo previa uma parte curricular diversificada, para valorizar e adequar as funções e diferenças regionais.

Observe abaixo os tópicos com as principais características desse documento:

- Previa um núcleo comum para o currículo de 1º e 2º grau e uma parte diversificada para conteúdos regionais (art. 4º).
- Inclusão da Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde como matérias obrigatórias do currículo, além do Ensino Religioso facultativo (art. 7º).
- Ano letivo de, no mínimo, 180 dias e 90 dias de trabalho escolar efetivo (art. 11).
- Ensino de 1º grau obrigatório dos 7 aos 14 anos (art. 20).
- Educação a distância como possível modalidade do ensino supletivo (art. 25).
- Formação preferencial do professor para o ensino de 1º grau, da 1ª a 4ª séries, em habilitação específica no 2º grau (art. 30 e 77).
- Formação preferencial do professor para o ensino de 1º, da 5ª a 8ª séries e 2º grau em curso de nível superior ao nível de graduação (art. 30 e 77).
- Formação preferencial dos especialistas da educação em curso superior de graduação ou pós-graduação (art. 33).
- Pagamento ao professor por títulos e habilitação (art. 39).
- Dinheiro público às instituições públicas e privadas, por intermédio de bolsas e financiamentos estudantis (art. 43 e 79).
- Direcionamento dos recursos sendo: 20% do orçamento dos municípios, mas não prevê dotação orçamentária para a União ou os Estados (art. 59).
- Progressiva substituição do ensino de 2º grau gratuito por sistema de bolsas com restituição (art. 63).
- Permitia o ensino experimental (art. 64).

Com a publicação da Constituição Federal de 1988, também foram iniciadas revisões e discussões de outros documentos publicados e alterados durante os governos ditatoriais. Entre esses documentos está incluída a LDB. Suas alterações foram discutidas por oito anos e foi aprovado o texto em 1996, fruto de duas propostas distintas. A

primeira conhecida como Projeto Jorge Hage foi o resultado de uma série de debates abertos, promovidos pela sociedade e apresentado à Câmara dos Deputados, que apresentava uma grande preocupação com mecanismos de controle social do sistema de ensino. A segunda proposta por sua vez foi elaborada pelos senadores Darcy Ribeiro, Marco Maciel e Maurício Correa através do MEC e visava maior centralização e controle pelo governo.

Um dos grandes marcos desta LDB era o estabelecimento do direito universal à educação para todos, além da inclusão da educação infantil como primeira etapa da educação básica.

As principais características desta LDB são:

- Gestão democrática do ensino público e progressiva autonomia pedagógica e administrativa e de gestão financeira das unidades escolares (art. 3º e 15).
- Educação básica obrigatória e gratuita (art. 4º).
- Carga horária mínima de oitocentas horas distribuídas em duzentos dias na educação básica (art. 24).
- Núcleo comum para o currículo do ensino fundamental e médio e uma parte diversificada para contemplar características regionais (art. 26).
- Formação de docentes para atuar na educação básica em curso de nível superior, sendo aceito para a educação infantil e as quatro primeiras séries da fundamental formação em curso normal do ensino médio — também conhecido como magistério — (art. 62).
- Formação dos especialistas da educação em curso superior de pedagogia ou pós-graduação (art. 64).
- Direcionamento de, no mínimo, 18% do orçamento da União e, no mínimo, de 25% de Estados e Municípios no desenvolvimento e na manutenção do ensino público (art. 69).
- O dinheiro público pode financiar escolas comunitárias, confessionais e filantrópicas (art. 77).

- Prevê a criação do Plano Nacional de Educação (art. 87).

Como o último item já mostra, é prevista a elaboração de mais um documento para gerir e delinear a Educação Nacional. Esse documento é o Plano Nacional de Educação (PNE), uma lei, prevista na Constituição Federal que entrou em vigência no dia 26 de junho de 2014 com validade de 10 anos e estabelece diretrizes, metas e estratégias de concretização para a educação. Com a sanção do PNE, Estados e Municípios devem adequar ou criar seus documentos em consonância com as diretrizes e metas estabelecidas pelo Plano Nacional.

Em âmbito nacional, o atual plano, vigente até 2024, com participação das unidades da Federação, estabelece 20 metas que abrangem todos os níveis de formação, da educação básica ao ensino superior, perpassando assuntos como educação inclusiva, taxa de escolaridade média, formação e plano de carreira para docentes, gestão, financiamento e ampliação de investimentos.

Outros documentos estabelecidos pelo governo federal com o intuito de organizar o ensino no Brasil são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), referências para a elaboração de matrizes de conteúdos para cada disciplina. Os PCNs são divididos em um documento Introdução, que traz o embasamento teórico para sua existência, seis documentos específicos às áreas de conhecimento: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Arte e Educação Física; três volumes com seis documentos sobre temas transversais: ética, pluralidade cultural, orientação sexual, Meio Ambiente e Saúde. Nesse contexto, a Educação Física está alocada na grande área de Linguagens, que trabalha a aquisição e o desenvolvimento geral de representação e comunicação vinculados ao consumo e à reprodução cultural, na qual o indivíduo está inserido. Estando vinculada a uma grande área e associada a outras disciplinas escolares, a Educação Física recebeu maiores responsabilidades ampliando as dimensões de seus conteúdos. Antes pensada somente pelo viés da dimensão procedimental – fundamentos e técnicas – sua ampliação atingiu também a dimensão conceitual – procedimentos de ensino-aprendizagem – e a dimensão atitudinal – construção de valores e atitudes – transformando a Educação Física em ferramenta de formação cidadã, em detrimento da formação corporal isolada. Isso se dá pela Educação Física propriamente dita e pelo diálogo com as outras disciplinas e conteúdos da área de Linguagens.

Desse modo, difundem a reforma curricular e orientam professores na busca e aplicação de novas abordagens e metodologias de ensino. Apesar da orientação aos docentes, os PCNs reforçam competências básicas que os jovens necessitam para ingressar na vida adulta com aprendizados significativos e contextualizados do conhecimento escolar, facilitando a percepção de interdisciplinaridade dos conteúdos.

De acordo com os PCNs, o currículo é uma ferramenta em constante construção e deve ser base para a prática contínua do professor em alcançar metas de ensino, adequando à realidade e à necessidade dos alunos. Para sua construção, foram consultados e utilizados diversos recursos materiais e humanos, na esfera estadual e municipal, de instituições públicas e privadas, tendo absorvido conteúdo das diferentes regiões e características nacionais, aumento de sua efetividade nas diretrizes básicas e respeito às peculiaridades locais. Cada disciplina escolar do ensino básico, fundamental e médio, tem seu próprio Parâmetro Curricular Nacional, baseado em um documento base para todo o conceito escolar.

Percebe-se que temos diversos documentos que legislam e orientam a nossa educação nacional, isso tem força para todos os níveis, mas com garantias de acesso e permanência principalmente na educação básica. Nesses documentos, é possível encontrar tópicos variados que tratam do financiamento da educação nacional e um dos meios de gestão do financiamento se dá pelo Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb). Criado em 2006 e regulamentado em 2007, é um fundo financeiro exclusivo para a educação, formado principalmente por recursos recolhidos dos impostos e transferências financeiras dos estados, do Distrito Federal e dos municípios. Eventualmente, quando algum contribuinte do fundo não alcança os valores acordados para o fundo, o governo federal contribui, a título de complementação, com uma parcela, contemplando desse modo o valor mínimo que deve ser arrecadado por aluno, por localidade.

Aprendemos, ao longo desta unidade, toda uma estrutura montada para efetivação da educação nacional e compreendemos, também, que ao longo do tempo, evolução política e necessidade social, a educação teve seu tratamento mais valorizado e organizado em todo território nacional, estabelecendo diretrizes, bases e planos estratégicos

para acesso universal ao ensino, por parte dos cidadãos da nossa sociedade.

A Educação Física ficou envolvida em todo esse processo a partir de 1934, com a Constituição daquele ano, permanece e se fortalece até os dias atuais, com evoluções metodológicas e técnicas, que beneficiam cada vez mais aqueles que estão em contato com o sistema educacional.

Ainda há dificuldades a serem tratadas e padrões de qualidade a serem alcançados e esta evolução que está por vir dependerá do contexto e envolvimento da sociedade civil e política em virtude da educação.

Sobre Educação Física escolar, alguns temas também permanecem polêmicos. Por muitos anos essa prática foi associada à preparação das pessoas para o trabalho ou vinculada às práticas higienistas, como visto no capítulo anterior. Porém, nos últimos anos, a vertente da Educação Física ganhou força como ferramenta fundamental na formação cívico-cidadã dos alunos e isso se dá pelo estabelecimento de linhas metodológicas de reflexão sobre as práticas esportivas, sua função e peso no contexto social e discussões de como alterar esses paradigmas. Além desse contexto educacional, recentemente houve a proposta da Medida Provisória (MP) 746/2016, que sugeriu um caminho contrário a todo ganho de importância da Educação Física no sistema de ensino brasileiro.

Nessa proposta houve a sugestão de tornar aulas de Educação Física facultativas dentro de uma flexibilização do currículo escolar do ensino médio. Por essa perspectiva há desvalorização do conteúdo da Educação Física em relação a outras disciplinas.

Esses temas que tratam sobre a função, importância, práticas metodológicas e carga horária curricular atravessam, de certo modo, o mesmo caminho, que podemos entender como o estabelecimento solidificado de um conhecimento em um contexto social. Para tal, devemos valorizar e reforçar o ensino, a pesquisa, a extensão e a aplicação da Educação Física e tornar tal conteúdo cada vez mais solidificado na realidade escolar. Quando o ensino, a pesquisa e a extensão são de qualidade, transformam a realidade de profissionais, tornando-os mais capacitados a realizar trabalhos inovadores, principalmente em ambiente escolar.

Uma das maneiras de reforçar esses conteúdos é auxiliando na construção do ensino no Brasil. Para isso, o governo federal criou canais de contribuição da sociedade para a construção da Base Nacional Curricular Comum, uma das estratégias prevista pelo PNE, que busca uma formação igual para os alunos, a fim de nortear o trabalho dos professores, traçando conhecimentos e habilidades essenciais que os estudantes brasileiros devem aprender ao longo da educação básica, desde a educação infantil até o ensino médio. Ao longo dos anos de 2015 e 2016 houve a confecção desse material, sendo estudado para sua breve aprovação.



Assimile

A Educação Física escolar está estabelecida em um sistema de ensino complexo, com validade em todo território nacional. Assim como todas as outras, ela obedece a princípios estabelecidos pela Constituição Federal, pela Lei de Diretrizes e Bases, pelo Plano Nacional de Educação e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Esses documentos trazem diretrizes dos conteúdos que as disciplinas devem abranger em todo o país e oferece margem para que, de forma regional, sejam incluídos conteúdos significativos para aquela realidade social. Desse modo, as diretrizes embasam o trabalho do educador e permitem que haja diálogo entre todas as regiões quando o mesmo assunto for abordado.



Refleta

Ao longo do texto foram expostos diferentes momentos e documentos que reforçaram a importância da Educação Física escolar, porém, ao final, foram mostrados contrapontos recentes à valorização desse conteúdo. Desse modo, será que a Educação Física já é uma área de conhecimento bem estabelecida no país? Essa área ainda pode ser vista apenas da perspectiva higienista ou esportivista ou compensatória às atividades laborais?

E em seu histórico escolar, como foi tratada a Educação Física pelos seus professores, gestores educacionais e por você mesmo?

Pense nestas indagações e reflita como você poderá mudar realidades desfavoráveis e fortalecer realidades favoráveis. Quão transformador você pode ser ao atuar profissionalmente?



Exemplificando

Ao longo de anos de estudo na educação básica, os alunos podem conviver anos com os mesmos professores ou mesmo ter experiências com diferentes profissionais a cada mudança de série.

Em determinado momento da vida, os alunos conhecem, dentro ou fora da escola, o futebol, paixão nacional, o esporte mais popular em todo o mundo. Essa paixão toma conta de muitas crianças e adolescentes, fazendo com que sua prática seja cada vez mais reforçada.

Na escola não é diferente, quando chegam às aulas de Educação Física, o professor logo lhes entrega a bola e lá vão, principalmente os meninos, montar suas equipes e partir para o gol. Esse cenário pode parecer muito comum e divertido para muitos, trazer boas lembranças e algumas risadas. Porém, é cena que fomenta indagações sobre a importância da Educação Física na escola.

Já aquele professor de Educação Física que solicitou um trabalho sobre o significado e origem dos Jogos Olímpicos, que falou sobre a capoeira no Nordeste, as maratonas vencidas pelos quenianos e sobre a origem do futebol, muitas vezes é tido como chato ou exigente, visto que trabalhou com conteúdos técnicos e teóricos sobre Educação Física e, muitas vezes, os próprios alunos o negligenciam, cobrando que faça mais partidas de futebol.

O papel do professor de Educação Física é explorar o que o esporte, a atividade física, o movimento puramente dito podem proporcionar às pessoas. Sendo assim, qual modelo citado acima reflete melhor a evolução da importância da Educação Física no ambiente escolar?



Para saber mais sobre a evolução da Legislação escolar, bem como as implicações para a Educação Física acesse:

- **BRASIL. Ministério da Educação.** Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 11 jan. 2017.
- **CREFA/SP. Conselho Regional de Educação Física da 4ª Região.** Disponível em: <www.crefsp.org.br>. Acesso em: 11 jan. 2017
- **EBC. Entenda o que diz a proposta de reforma do ensino médio.** Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2016/10/entenda-reforma-do-ensino-medio>>. Acesso em: 11 jan. 2017

Leia também o artigo “Relações entre políticas educacionais e a reestruturação do trabalho pedagógico na Educação Física escolar”.

ZIMMERMANN, A. P. R. C.; FERREIRA, L. S. **Relações entre políticas educacionais e a reestruturação do trabalho pedagógico na Educação Física escolar.** Disponível em: <http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT4/GT4_Comunicacao/AnaPauladaRos aCristinoZimmermann_GT4_integral.pdf>. Acesso em: 31 out. 2016.

Sem medo de errar

Ao se deparar com as diversas solicitações feitas pelo corpo diretor da escola, o nosso professor Júlio solicitou o Projeto Político Pedagógico da Instituição. Deste modo, ele teve consciência daquilo que é preconizado pela escola. Para compreender esse Projeto, ele teve que recorrer a estudos da Lei de Diretrizes e Bases e do Plano Nacional de Educação, assim viu que estavam todos em conformidade. Em posse dessas informações, ele pôde elaborar o seu Plano de Ensino, dizendo quais seriam suas metas de trabalho ao longo do ano, quais conteúdos pretendia trabalhar e sua lógica de evolução deste conteúdo. Também pode deixar claro que seguia as diretrizes federais, mas que também adequava suas ações para a realidade daquela escola.

Após a montagem do Plano de Ensino, ficou fácil elaborar seu Plano de Aulas, no qual descreveu a base de conteúdos de seus encontros com os alunos, a progressão pedagógica e os objetivos finais de cada aula.

Agora, é só iniciar as aulas para checar se o planejamento ficou adequado ou se precisará de alterações conforme a necessidade dos alunos.

Avançando na prática

Planejamento – material fechado ou aberto?

Descrição da situação-problema

Ao entregar o Plano de Ensino de sua disciplina, o professor Júlio foi muito elogiado pelo trabalho realizado e pelo compromisso em deixar seu documento alinhado com os documentos escolares e governamentais. Ficou claro para a direção da escola que ele sabia do que estava falando, mais ainda, tinha consciência da importância da construção desses documentos para um bom desenvolvimento de sua disciplina ao longo do ano.

O professor Júlio estava muito empolgado ao iniciar as aulas, porém, ao final de três semanas de aulas, percebeu que suas expectativas estavam além do conhecimento dos alunos e que suas exigências eram maiores do que seus alunos poderiam solucionar.

O professor Júlio sentiu-se desconfortável com a situação, já que tinha preparado tudo com tanto cuidado e, a princípio, queria seguir, de forma literal, tudo o que tinha planejado.

E agora, será que esse é o melhor caminho? Levar o planejamento a cabo, mesmo estando inadequado à realidade de seus alunos?

Resolução da situação-problema

Nessa situação, é previsto nos documentos legais e também no documento escolar o ajuste do Planejamento realizado por seus professores.

Em todos os momentos, a Lei de Diretrizes e Bases, o Plano Nacional de Educação e o Projeto Político Pedagógico da instituição devem deixar claro que sua construção tem como função dirigir o que será ministrado e há um conteúdo específico a ser ensinado ao longo dos bimestres, porém a dinâmica com a qual as aulas acontecerão poderá ser alterada conforme o contexto social daquela turma. Se há necessidade de trabalhar um conteúdo mais básico e simples, que não estava previsto, para melhorar o aprendizado de conteúdos mais avançados, isso poderá ser feito, pois é importante se adequar à necessidade dos alunos, bem como se o conteúdo apresentado estiver muito simples para determinada classe, ele poderá ser alterado para maior complexidade, exigência e aprendizado dos alunos.

Nesse sentido, todos os documentos são claros. Eles direcionam o que deve ser trabalhado em cada nível educacional e alguns conteúdos obrigatórios a serem ensinados, mas o caminho até esses conteúdos e a sua conclusão deverá ser delineado por quem acompanha os alunos de forma integral, ou seja, seus professores.

Faça valer a pena

1. Podemos entender o termo Políticas Educacionais como um conjunto de medidas planejadas e organizadas pelo governo de um país, estado ou município, estudadas e estruturadas previamente para serem colocadas em prática. Dentre as atitudes destas medidas, podemos destacar questões relacionadas à infraestrutura, aos recursos humanos, materiais e outros.

De modo geral, as políticas educacionais regem a base da educação em todo território nacional, visto que sua construção deve conter elementos básicos, mas ao mesmo tempo flexibilidade para contemplar as necessidades locais.

No texto acima temos referência a ações planejadas nas diferentes esferas administrativas do país e ao final fala-se sobre elementos básicos e necessidades locais. Por que faz-se necessário planejar em diferentes esferas administrativas, manter elementos básicos e ao mesmo tempo flexibilizar conteúdos?

a) Porque os conteúdos devem ser escolhidos pelo professor, visto que esse é detentor do conhecimento.

b) Porque a União deve delimitar todo conteúdo ofertado a todos os alunos do país, que receberão o mesmo conhecimento de seus professores.

c) Porque cada região deve organizar seu currículo e conteúdo, visto que o aspecto regional tem maior importância que o aspecto nacional.

d) Porque a União deve delinear conteúdos básicos, que devem permear o conhecimento dos docentes e alunos de cada região do país, mas ao mesmo tempo deve dar margem para que, além do conhecimento global, professores e alunos troquem informações sobre conhecimentos regionais.

e) Os únicos a escolher o conteúdo ministrado pelos professores devem ser os alunos, pois esses são sujeitos ativos no processo ensino-aprendizagem.

2. A Lei de Diretrizes e Bases é um documento produzido pelo governo federal, com responsabilidade da Câmara Federal e do Ministério da Educação (MEC), que prima pela organização básica dos preceitos da educação nacional. Até 1961 toda a responsabilidade sobre a educação brasileira estava sob os cuidados do MEC, porém, ao ser editada e publicada, essa Lei traz descentralização, traçando a base comum que deve ser respeitada pelos Estados e Municípios e, ao mesmo tempo, transferindo responsabilidades para estes.

O art. 92 da LDB de 1961 previa direcionamento de recursos públicos para desenvolvimento e manutenção da educação. Qual é a importância do direcionamento de recursos financeiros, de forma fixa, para esse programa?

a) Garantia mínima de investimentos em educação.

b) Garantia de repasses de impostos para estados e municípios.

c) Garantia de repasses de impostos dos estados e municípios para a União.

d) Investimentos ilimitados em educação.

e) Garantia de educação privada aos cidadãos sem recursos financeiros

3. Outros documentos estabelecidos pelo governo federal com o intuito de organizar o ensino no Brasil são os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), referências para a elaboração de matrizes de conteúdos para cada disciplina. Desse modo, difundem

a reforma curricular e orientam professores na busca e aplicação de novas abordagens e metodologias de ensino. Apesar da orientação aos docentes, os PCNs reforçam competências básicas que os jovens necessitam para ingressar na vida adulta com aprendizados significativos e contextualizados do conhecimento escolar, facilitando a percepção de interdisciplinaridade dos conteúdos.

De acordo com os PCNs, o currículo é uma ferramenta em constante construção e deve ser base para a prática contínua do professor em alcançar metas de ensino, adequando a realidade e a necessidade dos alunos. Para sua construção foram consultados e utilizados diversos recursos materiais e recursos humanos, na esfera estadual e municipal, de instituições públicas e privadas, tendo absorvido conteúdo das diferentes regiões e características nacionais, aumento da sua efetividade nas diretrizes básicas e respeito às peculiaridades locais.

Assim como a LDB, os PCNs servem para basear e direcionar os conteúdos da educação nacional, respeitando aspectos regionais.

Como podemos diferenciar a LDB dos PCNs?

- a) A LDB estabelece responsabilidades para a União, enquanto os PCNs direcionam responsabilidades para Estados e Municípios.
- b) A LDB estabelece responsabilidades gerais, descentraliza a administração da educação e legisla sobre a matéria. Os PCNs, por sua vez, estabelecem os conteúdos propriamente ditos que serão trabalhados de forma básica pelo sistema educacional nacional.
- c) Os PCNs estabelecem responsabilidades legais, enquanto a LDB legisla sobre conteúdos pertinentes à educação básica.
- d) O LDB cria mecanismos de acesso à educação, enquanto os PCNs elaboram mecanismos de permanência na educação.
- e) O LDB e os PCNs têm a mesma função: legislar e estabelecer os conteúdos básicos de cada disciplina.

Seção 1.3

Aspectos culturais da Educação Física escolar

Diálogo aberto

Quando estamos no ambiente escolar e somos responsáveis por parte da transmissão de conhecimento aos alunos, nos deparamos com diferentes situações que colocam as relações da sociedade em primeiro plano e o aprendizado motor em segundo.

Famílias com crenças religiosas diferentes, tratamentos machistas fora da escola, visão do corpo como algo que deve ser escondido dos olhares alheios, preocupações com a saúde, enfim, uma enorme possibilidade de relações que trarão discussões às aulas.

Certa vez, ao realizar uma atividade com equipes, a turma foi dividida entre meninos e meninas. O jogo começou e os meninos foram superiores. Ao longo da atividade, algumas meninas trouxeram reclamações relacionadas à superioridade dos colegas, mas as equipes não foram alteradas.

Ao final, no momento da roda de conversa, foram feitos questionamentos sobre a atividade, aspectos divertidos e dificuldades, em certo ponto da conversa a pergunta foi: "Por que os meninos venceram a partida?" e, sem qualquer dúvida, várias meninas afirmaram que eles venceram porque são meninos e meninos são mais fortes e melhores. Nesse momento, estabelecemos a discussão sobre gêneros e as considerações sociais sobre cada um deles, além de aspectos do desenvolvimento. E, então, como resolver essa questão que aparentemente é simples mas está presente em diferentes situações do cotidiano, dentro e fora da escola?

Não pode faltar

Ao longo das seções anteriores, aprendemos como foi o desenvolvimento do conceito de Educação Física e escolarização ao longo dos anos, também tivemos contato com diversos documentos nacionais que gerem o processo educacional e a Educação Física no ambiente escolar.

Compreendemos, principalmente nos aspectos históricos, que em cada sociedade e cada época o tratamento da Educação Física e dos aspectos educacionais foi diferenciado, apesar de que em alguns momentos havia semelhanças entre comunidades diferentes, principalmente causadas pelos processos de domínio e sobreposição de uma civilização e seus costumes à outra. No entanto, por que fazer esse pequeno retorno aos conteúdos da primeira seção?

Entraremos agora nos estudos dos aspectos culturais da Educação Física escolar, nos quais discutiremos escola, cultura, corpo, sociedade, gênero, práticas corporais e saúde, todas relacionadas às práticas de Educação Física e os primeiros pontos que trabalharemos serão a mescla de escola e cultura.

Segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2016), a definição de escola pode ser entendida como “Instituição pública ou privada que tem por finalidade ministrar ensino coletivo”. Nesse sentido, a escola é um local que pessoas frequentam para transmissão de conhecimento de forma organizada e planejada, com métodos e processos avaliativos e progressivos.

Já a definição para cultura, do ponto de vista antropológico, do mesmo dicionário, sugere como “conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, padrões de comportamento, adquiridos e transmitidos socialmente, que caracterizam um grupo social” e também “conjunto de conhecimentos adquiridos, como experiências e instrução, que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual; instrução, sabedoria”.

Para Basei (2007, p.1), “o conceito de cultura, portanto, denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos”. A partir dessas definições, podemos entender que

é na escola que os diversos conhecimentos de uma comunidade são transmitidos, adquiridos ao longo do tempo, bem como registrados pelas pessoas e, de modo geral, representam a cultura da comunidade, que será transmitida entre gerações.

Porém, essa é uma visão simplista e fragmentada dessa instituição e suas funções. Um dos primeiros pontos que mostram a complexidade da escola é que, historicamente, ela cumpre uma função de socialização de conhecimento científico, preparo para a vida social e para o mercado de trabalho. Além disso, há um lado transformador e questionador dos conceitos e valores instituídos em determinado grupo social. Outras variáveis do ambiente escolar são as pessoas que gerem e frequentam o espaço: alunos, professores, gestores, funcionários administrativos, auxiliares de manutenção, alimentação e outros membros que possam estar presentes na escola. Esses entes participam direta ou indiretamente dos processos de ensino-aprendizagem que se desenvolvem e, querendo ou não, com o relacionamento entre estas figuras, há entrelaçamento de conteúdos na escola e em seu entorno. As pessoas que frequentam as escolas são carregadas de conhecimento, seja aquele que veio pelas instituições de ensino ou o adquirido pelas experiências e vivências e esses conhecimentos, crenças, atitudes, pensamentos e comportamentos também influenciam e são influenciados pelo ambiente escolar. Com isso, é possível perceber que há troca de conhecimento de modo formal, com os conteúdos escolares propriamente ditos, e também de modo informal, com as trocas estabelecidas nos mais variados relacionamentos que podem ser encontrados entre os frequentadores do ambiente escolar.

Para Santos e Castro (2012), esse envolvimento entre escola e cultura ainda pode ser dividido em três linhas diferentes, sendo elas: cultura na escola, cultura da escola e cultura escolar. Segundo os autores, a cultura na escola busca solucionar e entender



questões sobre como se diferenciam as formas de apreensão de uma cultura hegemônica por grupos culturais diversos, que marcas de identidade são engendradas nas relações socioculturais entre professores e alunos e como a escola é ressignificada por diferentes grupos culturais. Os

estudos sobre essas temáticas tomam para análise de escolas que reúnem estudantes de minorias raciais, imigrantes, adolescentes e jovens oriundos de subúrbios e favelas e, ainda, escolas de sindicato e escolas de bairros com características culturais específicas. (SANTOS, CASTRO, 2012, p.73)

As investigações em cultura da escola, por sua vez, de acordo com Santos e Castro (2012, p.73) "buscam dar visibilidade ao que se denomina ethos cultural de um estabelecimento de ensino, sua marca ou identidade cultural, constituída por características ou traços culturais que são transmitidos, produzidos e incorporados pela e na experiência vivida no cotidiano escolar".

E, por fim, as pesquisas com tema na cultura escolar trazem vertentes como "privilegiar as transformações e impregnações que constituem a vida escolar, reconstituindo a trajetória histórica e social de instituições educacionais escolares, a partir de recortes espaço-temporais mais demarcados" (SANTOS, CASTRO, 2012, p. 75).

É importante destacar que em todos os casos de análises das questões vinculadas à escola e cultura, há relacionamento e troca de informações e experiências, que fazem com que os envolvidos nesta situação saiam com alguma mudança de atitude e/ou pensamento.

De acordo com os documentos analisados na seção anterior, podemos perceber uma coerência entre o que eles preconizam com as ideias da relação escola versus cultura, sendo enfatizada a importância de conteúdos de núcleo comum associada a conceitos regionais, contemplando a realidade local. Mais do que isso, é preciso ter em mente que todos têm suas bagagens de vida, as quais são válidas e podem contribuir com o ambiente como um todo e, no mínimo, deve haver respeito por cada indivíduo e suas experiências.

O modo como cada pessoa participará do contexto escolar será muito particular, bem como a sociedade na qual ele vive e como ela interpreta esse envolvimento. Podemos fazer um contraponto entre os gregos, que valorizam a relação do homem com seu corpo e o Período Medieval, com grande domínio da Igreja e que estabelecia uma relação com o corpo mais restrita, já que era visto como objeto pecaminoso.

Seguindo nossas análises, discutiremos agora, justamente, esta relação entre corpo e sociedade.

O que é corpo? Visualizá-lo é fácil, mas definir segue outro caminho.

Mais uma vez, com recursos do Dicionário Michaelis Online (2016), o corpo pode ser visto das seguintes maneiras:



1-ANAT- Conjunto de elementos físicos que constitui o organismo do homem ou do animal, formado por cabeça, tronco e membros.

2-ANA- Formação anatômica, embriológica ou histológica.

3-Tudo o que tem extensão e forma.

4-ANAT- A estrutura física de uma pessoa.

5-FIG- A matéria conformada que é parte da individualidade de cada ser humano ou animal.

Por essa perspectiva, o corpo se assemelha muito a um objeto, cuja função é responder aos comandos e executar tarefas, porém, esses conceitos vêm deixando de lado certos valores morais, como se estivesse desconectado das influências externas da sociedade na qual está inserido. Porém, um dos fatos mais importantes de hoje e de nossas aulas é absorver que o corpo está em função da sociedade, além de receber os mais variados estímulos dados por ela e também fazer suas contribuições. Marques (2012) traz comentário que segerem interpretações semelhantes ao corpo no seu sentido mais puro, biológico, “visto como objeto pela Ciência e ao qual são atribuídas possibilidades de controle e manipulação pela sociedade, marca a existência de cada um: o corpo é necessariamente visto como algo separado do mundo, dos outros e de si mesmo” (MARQUES, 2012, p.418). Mais uma vez, observamos a separação dada pela Ciência entre o corpo e o ambiente no qual está inserido.

No entanto, há outras formas de enxergar esse objeto. Dentro de outra perspectiva, Barbosa, Matos e Costa (2011, p.24) escrevem que “se modifica o ambiente, os afetos e é a pensar em um corpo dinâmico, construído pela cultura e pela sociedade que tentaremos falar do corpo e da sua história”. Nesse caminho, já podemos interpretar a relação do corpo com os momentos históricos

aos quais foi inserido e as variações tanto da História quanto do referencial que temos para o corpo.

Relatar que o corpo é apenas um objeto, que recebe comandos e executa de acordo com seu dono, nega todos os efeitos que o corpo tem ao executar estas mensagens. Além disso, é pelo corpo que tomamos os primeiros aprendizados sobre a vida e o ambiente e também é pelo corpo que temos manifestações sobre aspectos psicológicos do indivíduo, por vezes, sem qualquer intenção de estímulo intrínseco ou extrínseco. As diversas manifestações do corpo não são atitudes isoladas, são respostas a comandos internos ou manifestações voluntárias e involuntárias, mas que, de qualquer modo, estão correlacionadas com as experiências vividas pelo indivíduo, remetendo mais uma vez às questões de integração do corpo com o ambiente ao qual está imerso.

Além das definições sobre corpo, precisamos delinear as explicações de sociedade. A começar pelas exposições do Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa – Michaelis (2017), sociedade é “agrupamento de pessoas que vivem em um território comum, interagindo entre si, seguindo determinadas normas de convivência e unidas pelo sentimento de grupo social; coletividade”. A definição dada anteriormente já deixa claro que, mais do que um grupo de pessoas vivendo juntas, a interação dentro de normas de convivência e o sentimento em relação aos outros fazem parte da formação desse aglomerado de indivíduos. Nesse sentido, como visto anteriormente, a relação estabelecida trará trocas entre os envolvidos, fazendo com que um influencie o outro e realizando também o inverso. As atitudes, formas de linguagem, registros de fatos e conhecimento, semelhanças e diferenças, todas as formas que conhecemos hoje fazem parte da construção da nossa sociedade e, querendo ou não, quem está inserido nesta é ator e receptor, seja de forma física ou abstrata.

Cabe aqui salientar que, de acordo com nossa realidade e conhecimento, sem um corpo seríamos incapazes de participar dessas transformações. Não é à toa que temos os órgãos dos sentidos e milhares de receptores por nossa máquina, pelos quais percebemos como está nosso ambiente e respondemos a ele da forma mais adequada, dentro das nossas normas de convivência coletiva.

Vemos então que corpo e sociedade são dois elementos praticamente indissociáveis, que transformam e são transformados mutuamente. Como estas são constantes, como podemos ver o corpo hoje?

Diversas pesquisas científicas têm tratado do tema, principalmente relacionadas a como usamos e trabalhamos o corpo em busca da perfeição posta pelos diferentes meios de comunicação. Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 29) abordam sobre o corpo, afirmando que ele é “poder de estimulação social”, que vem a ser o quanto você influencia ou corresponde aos padrões postos pelos atores construtores e divulgadores de normas sociais. Isto traça caminhos, mostrando quais são as atitudes esperadas, desenhos agradáveis, cuidados aceitáveis, uma infinidade de conceitos, mas que, em suma, reproduzem e reforçam modelos. Cabe ao contexto social e ao indivíduo filtrarem os aspectos positivos e negativos de todas estas trocas e, teoricamente, aquilo que for para o bem comum deverá ser mais valorizado em detrimento àquilo que enaltece a minoria e enfraquece a maioria.

Essa forma filtrada de interação social é necessária em variados sentidos, quando falando única e exclusivamente do corpo, quando abordamos a sexualidade, saúde, práticas corporais, enfim, diferentes termos, que, no fim das contas, estão interligados, visto que o corpo está envolvido em todos, como agente receptor ou executor de estímulos, de forma isolada ou coletiva, transformando o ambiente a todo momento.

Como o corpo está envolvido o tempo todo nas transformações, também temos que lidar com diferenças de corpos e a primordial delas é a entre homens e mulheres, mas, mais do que uma discussão sobre sexo, diretamente ligado à composição biológica, ou sexualidade, que faz referência aos conceitos e direcionamentos no relacionamento físico de homens e mulheres, com suas atrações, desejos e atos propriamente ditos, cabe neste ponto do texto abarcarmos nossa discussão sobre gênero. Gênero nada mais é do que a construção de comportamentos sociais feminilizados ou masculinizados, conforme influências sociais e discernimentos pessoais dentro de suas competências, experiências e vivências. Esta definição é subsidiada por Fraga (1995), Gonçalves e Fraga (2005) e Nunes e Saraiva (2010). Nesse sentido, as divisões e elaborações

de tarefas e conteúdos relacionados às discrepâncias diversas entre meninos e meninas cai por terra, reforçando que, apesar de diferenças biológicas marcantes, as semelhanças prevalecem e, do ponto de vista jurídico, cada dia mais as desigualdades diminuem. Isso não significa que as diferenças entre sexo dos alunos deva ser desconsiderada, porém, de certo modo, pode ser posta em segundo plano, pois, quando falamos do aprendizado e desenvolvimento motor, as passagens de um ponto a outro da maturidade e maturação serão iguais para todos.

Entretanto, ainda temos alguns profissionais que continuam a inserir elementos direcionadores de gênero para seus alunos. Exemplo disso são aqueles que se preocupam em deixar a bola de futebol com os meninos e a sapatilha de ballet para as meninas. Outra semelhança pode ser encontrada com a disposição de aulas extracurriculares exclusivas a meninos ou meninas. Todos esses fatos direcionadores de atitudes feminilizadas ou masculinizadas contribuirão, sim, para a formação de indivíduos. Nesse ponto, destacamos o delineamento para comportamentos mais feminilizados ou masculinizados, caracterizando as influências em gênero.

Sendo assim, discutir e formar gênero permeia cuidar da forma como colocamos tarefas nas aulas de Educação Física. Os direitos e os deveres devem ser iguais, assim como oportunizar a todos vivências e experiências que façam sentir a diferença entre as pessoas e suas pontualidades, mas ao mesmo tempo com igualdade e equidade na execução das tarefas.

Observamos aqui uma grande simbiose entre esta seção e outras já escritas. Nesse sentido, cabe saber que as influências sociais moldarão comportamentos e os comportamentos ditarão influências sociais.

Nunes e Saraiva (2010, p.3) afirmam que “representações sociais ganham peso na análise da cultura, como modo de produzir significados” e isso confirma o exposto neste trecho do nosso estudo.

Estudamos até agora diversos contextos e representações sociais e entraremos no universo das práticas corporais.

Basei (2008) apresenta a construção dos conceitos de vivência e práticas corporais. De modo vazio, pode-se descrever as práticas corporais como todas as ações realizadas por nossos corpos, porém,

de modo complexo, é possível construir esse conceito como as ações realizadas carregadas de significado e sentido para o corpo que as executam de acordo aos aspectos culturais da sociedade, na qual o indivíduo está inserido.

Quando relacionamos as discussões de gênero com as práticas corporais, a maior parte das referências bibliográficas faz descrição do domínio de espaços e atividades pelos meninos, com ações características da sociedade, como brincadeiras de correr, futebol e outros. Já em relação às atitudes femininas, são referências atividades mais restritas como as rítmicas, pular corda e brincadeiras de representação (por exemplo, brincar de casinha). Todas estas referências estão vinculadas à construção dos gestos masculinizados e feminilizados, os quais a sociedade de modo geral pratica. Porém, as práticas corporais que devem compor aulas de Educação Física, por exemplo, deveriam descaracterizar comportamentos rotulados de meninos e meninas, reforçando e estimulando a vivência e a experiência em grau de igualdade e equidade para as crianças. Logicamente que esta abordagem vai de encontro com as associações de senso comum da sociedade, evidenciando conflitos e discussões sobre os papéis sociais de homens e mulheres, que, em alguns casos, se confirmam, como o fato de ser mãe e pai, mas em outros podem ser revogados, em âmbito estudantil, por exemplo.

Seguindo esses preceitos, as aulas de Educação Física podem estar carregadas de comportamentos sociais de formação de gênero e, talvez, esse seja espaço para desconstruções e valorizações de igualdade e equidade entre homem e mulher, seja nas práticas corporais, seja nos comportamentos sociais.

Mais um ponto a ser discutido nesta unidade compete a outro conteúdo já abordado historicamente na Educação Física, os aspectos relacionados à saúde. Antigamente chamado de viés higienista, já foi muito criticado por ser relacionado à defesa da saúde do proletariado para aumentar rendimentos financeiros da burguesia, como Bracht (1999, p.72-73) afirma



a constituição da Educação Física, ou seja, a instalação dessa prática pedagógica na instituição escolar emergente dos séculos XVIII e XIX foi

fortemente influenciada pela instituição militar e pela medicina. A instituição militar tinha a prática — exercícios sistematizados ressignificados (no plano civil) pelo conhecimento médico. Isso vai ser feito em uma perspectiva terapêutica, mas principalmente pedagógica. Educar o corpo para a produção significa promover saúde e educação para a saúde (hábitos saudáveis, higiênicos).

No entanto, considerando a crescente demanda médica da população, com índices de obesidade e comorbidades em ascensão, como corrobora Guedes (1999, p.1) quando afirma sobre o “aumento das estatísticas associadas às doenças crônico-degenerativas em consequência de hábitos de vida não saudáveis, principalmente no que se relaciona com a prática de atividade física”, não podemos negar que esta seja uma abordagem aplicada à Educação Física.

Ainda segundo Guedes (1999, p.1),

convém lembrar de que já houve épocas em que os programas de Educação Física escolar eram vistos com objetivo de aquisição e manutenção da saúde. No entanto, de forma muito equivocada e deturpada, na medida em que se preocupavam unicamente com a realização de exercícios físicos sem nenhuma consequência para a formação educacional dos jovens.

Quando pensada a vertente da Educação Física e os aspectos de saúde, não se deve visualizar que as aulas são os momentos das práticas para manutenção de saúde, mas sim momentos de educação para hábitos saudáveis, que vão além da prática de atividades físicas, pois englobam o entendimento das consequências do sedentarismo, da má alimentação, da má higiene e dos comportamentos de risco. Pensar a Educação Física como ferramenta e conteúdo da saúde é pensar a transformação de perfis de risco social para pessoas mais conscientes de suas atitudes e reações.

Em diferentes momentos históricos, como ressaltaram Castellani Filho (1988), Bracht (1999) e Guedes (1999), a Educação Física foi

ferramenta relacionada aos aspectos de saúde, porém, como ressalta o último, não devemos pensar que é no momento da aula que serão realizadas as atividades físicas para benefícios salutar, mas sim o momento para educação para hábitos de saúde. Vemos conflito entre os autores sobre a abordagem do tema em Educação Física, porém ao mesmo tempo concordam no viés transformador e educador que a disciplina pode exercer no ambiente escolar. Além dessa discussão relacionada à saúde, pode-se perceber ao longo do texto diversas divergências em relação às práticas postas nas aulas de Educação Física e mesmo abordagens para seus conteúdos, contudo em nenhum momento os autores e pesquisadores aqui citados discordam do papel e da importância da Educação Física como disciplina e conteúdo escolar, com potencial para mudar formas de pensamento e percepção do mundo dos alunos que frequentam estas aulas.

Nesse sentido, cabe finalizar esta seção com a seguinte reflexão: a Educação Física tem sido estudada em diversas vertentes, que, por vezes, parecem ser competitivas e contraditórias, mas ao mesmo tempo reforçam que esta disciplina tem um alcance sem igual frente ao interesse e à participação dos alunos. Assim, a Educação Física não tem necessidade de excluir temas, mas sim a obrigação de agregar conteúdos e atuar na formação cidadã dos alunos, que agirão na sociedade de acordo com seus aprendizados escolares e não escolares.



Assimile

Esta seção abordou bastante conteúdo com breves exemplos, mas que podem nortear aprendizados. Assim, tenha claro em seu pensamento que:

- Escola e cultura – a escola é meio de transmissão cultural, mas também de absorção e na escola temos a possibilidade do encontro de várias culturas que se relacionarão; a cultura tem base social, mas também sofre influências individuais.
- Corpo e sociedade – as normas e condutas sociais influenciam como o corpo é visto e usado pelo indivíduo de forma única e coletiva; o corpo é o mecanismo pelo qual

o indivíduo entra em contato com a sociedade e, além de receber e fazer a transmissão conteúdos.

- Discussões de gênero e práticas corporais – gênero é diferente de sexo e sexualidade. Gênero faz referência aos comportamentos que os indivíduos têm em cada situação do cotidiano, papéis sociais fazem parte das discussões e formações de gênero. As aulas de Educação Física, por estarem carregadas de significados para cultura, corpo e práticas corporais, por consequência está carregada de discussões e formações de gênero.
- Saúde e Educação Física – em tempos remotos foi usada como ferramenta para práticas de melhoria da saúde dos alunos, mas esse conceito é negado por diversos autores. Atualmente, há necessidade de abordagem de temas em saúde na Educação Física visto que atividades físicas fazem parte de seu conteúdo e são a ferramenta contra o sedentarismo.

Todos esses conteúdos estão interligados à Educação Física escolar e são pertinentes aos planejamentos e execuções em aulas. Dessa maneira, podemos ser transformadores na vida dos alunos que estarão em contato conosco.



Refleta

Tivemos a oportunidade de o contato com diversos temas relacionados à Educação Física e que, por vezes, parecem concorrentes, visto que em alguns momentos negam possibilidades da disciplina para reforçar seu conteúdo. Nesse sentido, você acredita que a Educação Física realmente precisa negar um conteúdo para difundir outro? Será que as abordagens podem coexistir e se complementar? Dessa forma, o aluno que frequenta boas aulas de Educação Física seria mais ou menos beneficiado?

Pense sobre esses assuntos. Após pesquisar mais em cada tema, apresente suas respostas e, mais do que isso, trace suas metas de como será quando atuar neste mercado.



Exemplificando

Em aulas de Educação Física escolar vamos nos deparar com diversas pessoas, cada uma delas tem sua bagagem cultural e seu envolvimento social, além disso, estão em pleno desenvolvimento. Teremos alunos que não farão as atividades práticas, outros que serão os primeiros a iniciá-las; haverá meninos que não aceitarão a presença de meninas no esporte, bem como meninas que desejarão fazer as atividades separadas dos meninos. Apenas com esse panorama já podemos ver a heterogeneidade do perfil de cada um em aulas de Educação Física. Nesse momento, com toda a divisão entre os alunos, nos depararemos com o questionamento de um deles, sobre qual é a importância de aprender conteúdos de ginástica artística, afirmando que a modalidade é para meninas.

O que fazer nesse momento?

Essa é uma grande oportunidade para mostrar a importância do desenvolvimento físico em nosso dia a dia, sua influência em nosso desempenho acadêmico e profissional, bem como seu benefício em nossas práticas de atividades físicas ao longo da vida, mantendo nosso corpo ativo e saudável. Além disso, há atletas e praticantes amadores de todas as modalidades, que não fazem distinção de gênero na essência das práticas e as usam como ferramenta para desenvolvimento de bons hábitos e transmissão de informações sobre corpo, sociedade, cultura, gênero, saúde, etc.

Então, vemos que, ao longo de uma aula, um pequeno questionamento que pode ser provocado pelo professor gera abertura para falar sobre todos os temas vistos nesta seção.

Sendo assim, provoque seus alunos a questionarem e refletirem sobre os assuntos aqui abordados, pois com certeza pensarão nas suas atitudes e como isso pode influenciar seu contexto.



Pesquise mais

Para se aprofundar nos assuntos tratados, veja estas sugestões:

Escola e cultura:

ROBERTO, L. H. S. **Escola e cultura**. Disponível em: <<http://eaulas.usp.br/porta1/video.action?idItem=4425>>. Acesso em: 12 jan. 2016

BARROSO, J. **Cultura, cultura escolar, cultura de escola**. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65262/1/u1_d26_v1_t06.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017

Corpo e sociedade:

Este artigo pode ser mais uma opção de leitura que contribuirá para o seu aprendizado.

TRASFERETTI, J. **Corpo e cultura**: no contexto da sociedade brasileira. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/7498/5316>>. Acesso em: 2 nov. 2016.

GABRIEL MARTINS. **Corpo e sociedade**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wNgxvYkU8c>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

Pesquise publicações do professor Jocimar Daólio, você aprenderá muito sobre o assunto.

Gênero e práticas corporais:

Assista a este vídeo sobre futebol feminino

CLÁUDIO OLIVEIRA. **Documentário — Futebol feminino, uma história invisível**. Disponível em: <<http://tvbrasil.etc.com.br/caminhosdareportagem/episodio/futebol-feminino-uma-historia-invisivel>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

Para entender mais sobre as discussões de gênero, a professor Helena Altman é uma excelente pesquisadora que tem ótimas publicações.

Saúde e Educação Física:

CONFEEF. **Educação Física na saúde** — parte 4. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QHGFCLUdgKg>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

Sem medo de errar

Ao se deparar com discussões que, aparentemente, não competem àquela disciplina, muitas pessoas deixam o assunto de lado sem ser resolvido. Porém, como bom profissional e com toda percepção de relacionamentos entre conteúdos das aulas e fatos do dia a dia, você saberá lidar com cada uma dessas situações.

Quando as meninas expuseram toda sua indignação pela vitória dos meninos e que as duas equipes precisavam de meninos para funcionarem, elas expressaram acima de tudo o pensamento de que os meninos são melhores esportistas, mais fortes, mais rápidos e mais eficientes que as meninas, enquanto estas são mais frágeis e precisam deles para conseguirem vencer.

Em uma visão mais ampla, isto pode remeter a uma sociedade que desvaloriza o gênero feminino, sua capacidade, formação física e potencial para vencer um obstáculo sem ajuda masculina. Vemos aqui a relação de que bola é para menino e boneca para menina. Então, o professor daquela turma começou a mostrar que os meninos foram mais eficientes, sim, não porque são meninos, mas porque foram mais atentos, trabalharam melhor em equipe e executaram ações eficientes, enquanto a outra equipe fez exatamente o contrário, com pequenas exceções. As meninas eficientes foram evidenciadas, mostrando que também poderiam ter tido desempenho igual ao dos meninos, desde que toda a equipe estivesse voltada ao mesmo objetivo, fato que não aconteceu. Elas foram desorganizadas e distraídas.

Então, após essa discussão e o professor mostrar que os meninos venceram porque tiveram comportamentos diferentes, as meninas compreenderam que as duas equipes tinham o mesmo potencial, no entanto se comportaram de forma completamente diferente, trazendo resultados diferentes.

Avançando na prática

Ressignificando o planejamento

Descrição da situação-problema

Em uma aula de Educação Física, diversos alunos faltaram e o

planejamento para o dia foi comprometido. Ao alterar o conteúdo e a forma de aplicá-lo, um aluno teve uma pequena entorse de tornozelo, o que gerou desconforto e desatenção por parte dos colegas. Imediatamente você precisa contornar e fazer com que essa situação seja significativa para seus alunos. Como resolver?

Resolução da situação-problema

A partir dessa situação, algumas portas ficam abertas. Nesse momento entra a importância das práticas de atividades físicas para preparo do corpo como um todo para enfrentar os desafios diários. Após essa abertura, podemos trazer os conteúdos já trabalhados e a trabalhar, mostrando que cada um deles pode contribuir de uma maneira para seu desenvolvimento. Além do desenvolvimento físico, o aprendizado de novos conceitos e práticas trará grande estimulação cognitiva, que contribuirá também para o aprendizado em outras áreas de conhecimento. Ao expor que, por exemplo, a dança será conteúdo abordado, os meninos da turma demonstraram desaprovação, afirmando que seria aula apenas para meninas. Nesse momento, há contexto para discussão de formação de gênero e dos papéis sociais de cada um na sociedade. Assim, podemos observar que esta seção abordou conteúdos interligados que contribuem para a formação pessoal e cidadã de alunos dos mais variados contextos sociais.

Faça valer a pena

1. "Convém lembrar que já houve épocas em que os programas de Educação Física escolar eram vistos com objetivo de aquisição e manutenção da saúde. No entanto, de forma muito equivocada e deturpada, na medida em que se preocupavam unicamente com a realização de exercícios físicos sem nenhuma consequência para a formação educacional dos jovens." (GUEDES, 1999, p.1)

Ao fazer tal afirmação, o autor descreve momentos históricos que abordam a Educação Física como ferramenta para a saúde, mas deixa claro que discorda desse modo de abordagem para a disciplina. De acordo com o texto da seção e as referências bibliográficas, Guedes (1999) acredita:

a) Na Educação Física formadora de gênero e única e exclusivamente neste seu papel.

b) Na Educação Física como ferramenta para a educação para a saúde, com vivências e discussões para a formação contundente dos alunos.

c) Que a prática de atividades físicas na escola trará mudanças sociais.

d) Que a Educação Física deve ser uma disciplina para execução de tarefas e preparação do corpo sem discussões e informações sobre a saúde como um todo.

e) Que Educação Física e práticas corporais são as mesmas coisas e não têm relação ou poder de transformação do indivíduo.

2. “Na escola em que fiz meu estágio de final de curso – em 1995, na cidade de Porto Alegre – os estudantes sabiam onde realizariam a aula de Educação Física: ao soar a sirene, os meninos dirigiam-se à quadra externa, onde encontrariam um professor e jogariam futebol, enquanto as meninas iam ao ginásio, para, com uma professora, jogar voleibol.” (ALTMANN, 1998, p.1).

Ao fazer tal relato, a pesquisadora evidencia uma prática muito realizada há anos nas aulas de Educação Física, com separação de sexo, conteúdo e repetição viciada. Ao pensar na Educação Física e nos comportamentos dos alunos com os quais ela teve contato, qual é a sua impressão?

a) Havia relações de gênero nas aulas de Educação Física, bem como tradição e construção cultural em separação de sexo e objetivos e metas diferentes para meninos e meninas.

b) Os meninos preferiam usar a quadra externa e as meninas o ginásio e ainda os meninos eram cordiais ao oferecer o espaço coberto para as meninas.

c) Futebol e voleibol eram as modalidades mais praticadas por ambos os sexos e a escola tinha grande tradição em campeonatos da modalidade.

d) O futebol é o esporte mais praticado e recomendado para meninos, pois desenvolve força e coletividade, já o voleibol, por ter maior restrição de contato físico, é mais praticado e recomendado para meninas, preservando sua delicadeza.

e) Meninos e meninas tinham aversão uns pelos outros, por esse motivo praticavam esportes distintos em espaços distintos, tradição naquela escola e construção cultural daquela comunidade.

3. Ao se 'enquadrar' em padrões estéticos vigentes para satisfazer sua necessidade de inclusão, pertencimento e aceitação, o homem deixa-se seduzir pela oferta da bioengenharia, que promete corpos de 'deuses': está o homem reduzido à forma. Ao procurar e receber um tratamento especializado que não vê, nem entende à sua totalidade, o homem entrega a outro a responsabilidade sobre seus processos clínicos: está o homem reduzido a uma parte do seu corpo." (MARQUES, 2012, p.1)

Qual dos temas estudados na seção estão contemplados na descrição do texto acima?

- a) Escola e cultura.
- b) Corpo e sociedade.
- c) Discussões de gênero e práticas corporais.
- d) Saúde e Educação Física.
- e) Mescla de todos os temas abordados.

Referências

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias e homens na Educação Física.** 1998. 110 f. Dissertação (Mestrado) — Curso de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/FAEC-85ZJEJ/1000000292.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

ARANTES, A. C. **A história da Educação Física escolar no Brasil.** Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd124/a-historia-da-educacao-fisica-escolar-no-brasil.htm>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia e Sociedade**, v. 23, n. 1 p. 24-34, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>>. Acesso em: 1º nov. 2016.

BARROSO, J. **Cultura, cultura escolar, cultura de escola.** Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65262/1/u1_d26_v1_t06.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2017

BASEI, A. P. **As práticas corporais na cultura escolar: a estrutura do contexto e a construção de significados.** Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd121/as-praticas-corporais-na-cultura-escolar-contexto-e-significados.htm>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

_____. **Escola e cultura(s): repercussões e possibilidades para uma prática pedagógica intercultural.** Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd111/escola-e-culturas.htm>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a05.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

BRASIL. **Constituição Política do Império do Brasil nº234, de 25 de março de 1824.** Carta de Lei: Constituição Política do Império do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao24.htm>. Acesso em: 2 fev. 2017.

----- **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil nº 1, de 24 de fevereiro de 1891.** Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm>. Acesso em: 2 fev. 2017.

----- **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil nº 6, de 16 de julho de 1934.** Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm>. Acesso em: 2 fev. 2017.

----- **Constituição dos Estados Unidos do Brasil nº 62, de 10 de novembro de 1937.** Constituição dos Estados Unidos do Brasil. Riode Janeiro, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao37.htm>. Acesso em: 2 fev. 1937.

----- **Constituição dos Estados Unidos do Brasil nº 58, de 18 de setembro de 1946.** Constituição dos Estados Unidos do Brasil. Rio de Janeiro, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm>. Acesso em: 2 fev. 2017.

----- **Constituição da República Federativa do Brasil nº 1, de 24 de janeiro de 1967.** Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/Constituicao/Constituicao67.htm>. Acesso em: 2 fev. 2017.

----- **Constituição da República Federativa do Brasil nº 7689, de 5 de outubro de 1988.** Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 2 fev. 2017.

----- **Decreto nº 377-A, de 5 de maio de 1890.** Coleção de Leis do Brasil - 1890. Campinas, São Paulo. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-377-a-5-maio-1890-526951-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

----- **Decreto nº 6, de 19 de novembro de 1889. Coleção de Leis do Brasil, 1889.** Rio de Janeiro, Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-6-19-novembro-1889-508671-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

..... **Decreto nº 7, de 20 de novembro de 2017.** Coleção de Leis, 1889. Rio de Janeiro, Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7-20-novembro-1889-517662-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

..... **Emenda Constitucional nº 1, de 17 de outubro de 1969.** Emenda Constitucional. Brasília, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Emendas/Emc_anterior1988/emc01-69.htm>. Acesso em: 2 fev. 2017.

..... **Ministério da Educação.** Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 11 jan. 2017.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil:** a história que não se conta. 15. ed., Campinas: Papyrus, 2008. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=uU-eXQhmCd0C&oi=fnd&pg=PA11&dq=saude+e+educacao+fisica&ots=o7bhBVaKwF&sig=EhbU6_w1HWeHhkVb7yjW4rDf2SE#v=onepage&q=saude+e+educacao+fisica&f=false>. Acesso em: 4 nov. 2016.

CLÁUDIO OLIVEIRA. **Documentário:** futebol feminino, uma história invisível. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jKerlkgGCww>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

CREFA4/SP. **Conselho Regional de Educação Física da 4ª Região.** Disponível em: <www.crefsp.org.br>. Acesso em: 11 jan. 2017

CREFA 4/SP. **Revista CREF4/SP.** Disponível em: <<http://www.crefsp.gov.br/revista-crefsp/>>. Acesso em: 12 jan. 2017

CONFED. **Educação Física na saúde:** parte 4 Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QHGFCLUdgKg>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

CONFED. **Revista Educação Física.** Disponível em: <<http://www.confed.org.br/extra/revistaef>>. Acesso em: 12 jan. 2017

EBC. **Entenda o que diz a proposta de reforma do ensino médio.** Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2016/10/entenda-reforma-do-ensino-medio>>. Acesso em: 11 jan. 2017

FRAGA, A. B. Concepções de gênero nas práticas corporais de adolescentes. **Movimento**, ano 2, n.3, p. 35-41, 1995/2. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2197/918>>. Acesso em: 3 nov. 2016.

FREITAS, N. K. Corpo, imagem corporal, educação e sociedade: tramas conceituais. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 57, fev./2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/057/57freitas.htm>>. Acesso em: 1º nov. 2016.

GABRIEL MARTINS. **Corpo e sociedade**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wNgxvXykU8c>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

GONÇALVES, V. P.; FRAGA, A. B. **A quadra e os cantos**: arquitetura de gênero nas práticas corporais escolares. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd87/genero.htm>>. Acesso em: 3 nov. 2016.

GUEDES, D. P. Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar. **Motriz**, v. 5, n. 1, jun./1999. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ccs/pebll/Dartagnam_revista_motriz.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2016.

MARQUES, C. P. A crise do corpo na sociedade contemporânea: uma reflexão à luz da Filosofia e da Bioética. **Revista BIOETHIKOS**, v. 6, n. 4, p. 416-421. São Paulo: Centro Universitário São

Camilo. 2012. Disponível em: <<http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/98/06.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

MELHORAMENTOS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2016. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 2 nov. 2016

NUNES, T. M.; SARAIVA, M. C. A identidade de gênero (feminilidades e masculinidades) na mídia e nas práticas corporais: produção científica em revistas da Educação Física brasileira de 2000 a 2008. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO 9: DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 2010, Santa Catarina. **Anais...** Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em: <[http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278290091_ARQUIVO_FAZENDOGENERO-artigocongresso-Maria\[1\]2\[1\].pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278290091_ARQUIVO_FAZENDOGENERO-artigocongresso-Maria[1]2[1].pdf)>. Acesso em: 3 nov. 2016.

ROBERTO, L. H. S. **Escola e cultura**. Disponível em: <<http://aulas.usp.br/portal/video.action?idItem=4425>>. Acesso em: 12 jan. 2016

SANTOS, M. P.; CASTRO, C. B. As relações entre escola e cultura sob o olhar da Sociologia da educação: uma abordagem sistêmica. **Imagens da Educação**, v. 2, n. 3, p. 69-78, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ImagensEduc/article/view/18274/9906>>. Acesso em: 8 nov. 2016.

SENADO FEDERAL. **Medida Provisória nº 746, de 2016**. Disponível em: <<http://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/matéria/126992>>. Acesso em: 19 out. 2016.

SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes europeias e Brasil. [S.l.]: Autores Associados, 2001. Constituição Federal de 1824.

TRASFERETTI, J. Corpo e cultura: no contexto da sociedade brasileira. **Revista UFG**, v. 11, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/7498/5316>>. Acesso em: 2 nov. 2016.

Conceitos básicos da Educação Física no ensino infantil

Convite ao estudo

Após conhecermos um pouco da História da Educação Física, da institucionalização escolar e de sua legislação, aprofundaremos os conceitos de ordem técnica. A partir desta unidade, nos envolveremos diretamente no ambiente escolar, na Educação Física nesse contexto e em suas linhas de aplicação em cada faixa etária. Nessa unidade, especificamente, abordaremos todos os aspectos relacionados à Educação Física no Ensino Infantil. Ao final deste processo, você deverá compreender o ensino da Educação Física no contexto das escolas nacionais e internacionais ao longo do tempo e, considerando os aspectos culturais, refletir sobre os conteúdos das aulas de Educação Física para crianças de zero a cinco anos, conhecendo as teorias e relacionando com as mudanças nessas faixas etárias.

Dessa maneira, queremos que você adquira os conhecimentos necessários para adaptar abordagens e atividades práticas ao quadro biopsicossocial desses alunos, estabelecendo uma boa didática com eles. Para alcançar essas metas, aprenderemos na primeira seção os aspectos de alterações que acontecem durante o processo de crescimento e desenvolvimento nessa faixa etária. Na segunda seção, teremos acesso a algumas das abordagens teóricas mais aplicadas para a educação infantil e, após o conhecimento teórico desses materiais, na Seção 3, saberemos como colocar essas teorias em prática.

Cabe aqui refletirmos sobre qual é a importância do educador físico para esse grupo de alunos e como deve ser a postura e atuação deste profissional, visto que, em diversos

momentos, houve substituição por professores generalistas.

Aproveite todo material teórico, didático-pedagógico oferecido, pois ele será a base para que você atue com segurança e competência no mercado de trabalho.

Bons estudos!

Seção 2.1

Crescimento e desenvolvimento de zero a cinco anos

Diálogo aberto

Durante o período de planejamento de uma escola de educação infantil, foi proposto que nas aulas de Educação Física houvesse apenas brincadeiras livres, pois as crianças precisavam de momentos de lazer e diversão, com atividades que elas escolhessem e fizessem sem compromissos acadêmicos e de aprendizado dirigido.

Esse apontamento foi apoiado por diversos setores da escola, dentre professores generalistas, coordenadores e proprietários. Também foi consenso desses setores que não é possível reduzir tempo de conteúdos de pré-alfabetização, visto que esta é mais importante para as crianças.

Como você, professor de Educação Física, vai encarar esse momento? Será essa proposta efetiva para o desenvolvimento integral das crianças?

Não pode faltar

Ao longo da unidade anterior, compreendemos questões relacionadas aos aspectos históricos e legais da escola e da Educação Física. Além disso, tivemos contato com questões culturais que permeiam essas duas instituições. Pudemos perceber que, ao longo do tempo, a Educação Física mudou conforme o contexto social no qual estava inserida e, aos poucos, tomou a forma que vemos hoje, com discussões sobre corpo, sociedade, gênero, saúde, entre outras.

Cabe destacar que todas essas discussões permeiam nossa área e são complementares, apesar de parecerem divergentes em diversas situações.

Entraremos agora em um universo diferente daquele visto anteriormente, mas que é a continuidade natural para absorver conteúdos teóricos e práticos para elaboração, execução e conduta durante aulas de Educação Física escolar, seja qual for a faixa etária dos alunos.

Para isso, iniciaremos com as crianças mais novas, de zero a cinco anos.

Desde a concepção, estamos em pleno crescimento e desenvolvimento. Esses dois processos caminham de forma paralela ao longo da vida. O crescimento é relacionado às alterações físicas, de forma mensurável e com limites a serem atingidos, enquanto que o desenvolvimento pode ser entendido como um processo de "mudanças sistematizadas no indivíduo" (SHAFFER; KIPP, 2012, p. 2). Os mesmos autores ainda afirmam que "descrever mudanças como sistemáticas implica que elas são ordenadas, padronizadas e relativamente permanentes, portanto, mudanças de humor e demais mudanças transitórias estão excluídas." (SHAFFER; KIPP, 2012, p. 2)



Assimile

Devemos ter claro que o crescimento e o desenvolvimento são processos paralelos e distintos, porém, complementares.

Além disso, há outras variáveis que devemos levar em conta e, para um pleno desenvolvimento, temos outros dois processos paralelos. Um deles pode ser entendido como maturação, que segue da divisão das primeiras células até o final do processo de maturidade sexual, o qual permite reprodução e perpetuação da espécie, que acontece entre 11 e 15 anos de idade. Ao mesmo tempo, temos o processo de aprendizagem que reflete nossas experiências e produzem mudanças de comportamento em relação aos estímulos que recebemos. Cabe ressaltar que estas são generalizações e perspectivas básicas e que ao longo dos anos vividos os indivíduos aumentam seu repertório de aprendizado e ganham maior excelência na execução de tarefas e enfrentamento de desafios. Desse modo, podemos perceber bem que o desenvolvimento também pode ter limites, mas suas margens são mais abstratas e estão ligadas a adaptações contínuas do indivíduo, fato que não pode ser atribuído ao crescimento.

Observe na Tabela 2.1 uma sugestão sobre cronologia e desenvolvimento humano:

Tabela 2.1| Visão cronológica do desenvolvimento humano

Período da vida	Idade aproximada
1. Estágio pré-natal	Concepção até o nascimento
2. Primeira infância	Do nascimento aos 18 meses
3. Período de 1,5 a 3 anos de idade (<i>toddlerhood</i>)	De 18 meses a 3 anos de idade
4. Estágio pré-escolar	Dos 3 aos 5 anos
5. Meninice	Dos 5 aos 12 anos, aproximadamente (até início da puberdade)
6. Adolescência	Dos 12 aos 20 anos (muitos desenvolvimentalistas definem o fim da adolescência como o ponto no qual o indivíduo começa a trabalhar e adquire certa independência dos pais).
7. Adulto jovem	Dos 20 aos 40 anos
8. Meia-idade	Dos 40 aos 65 anos
9. Velhice	A partir dos 65 anos

Nota: As idades aqui relacionadas são aproximadas e podem não se aplicar a uma situação particular, por exemplo: crianças de 10 anos que já atingiram a puberdade são classificadas como adolescentes. Alguns adolescentes são independentes, se sustentam e têm filhos. Nesse caso, são classificados como adultos jovens.

Fonte: adaptada de Shaffer e Kipp (2012, p. 5).

Considerando a faixa etária da educação infantil, trataremos de crianças com idade entre zero e cinco anos, premissa que determina a ação da educação infantil e a transição para o ensino fundamental. Fisiologicamente, essa fase é carregada de alterações, que serão estudadas de forma linear, visto que são esperados alguns períodos e sobreposições de evoluções.

Em relação às especificidades hormonais, pode-se destacar a ação do hormônio do crescimento, também conhecido como GH. Sabe-se que sua velocidade de ação é muito elevada, principalmente no primeiro ano de vida, diminuindo aos poucos pelos próximos três anos e atingindo valores relativamente estáveis por volta dos quatro anos de idade. Além desse aspecto hormonal, é possível ressaltar, ainda, como mudanças fisiológicas os pontos que seguem:

1. Ritmo de sono e excreção.
2. Desenvolvimento progressivo da visão.
3. Desenvolvimento progressivo da audição.
4. Aumento das dimensões corporais com concomitante aumento celular.
5. Nos primeiros 12 meses, o peso triplica em relação ao peso do nascimento e a altura aumenta cerca de 50%.
6. Até os seis primeiros meses, a gordura corporal representa cerca de 25% do peso da criança e, a partir de 12 meses, essa proporção diminui, com desenvolvimento muscular mais acelerado.
7. Processo da erupção dos dentes da criança.

É possível verificar que os processos fisiológicos estão intimamente ligados ao crescimento, desenvolvimento, controle corporal e à ampliação e otimização dos sentidos. A interação do corpo com o ambiente é uma das formas mais utilizadas pela criança para absorver o que a rodeia e transformar em conhecimento, adquirido e colocado em prática com diversas ações motoras que a criança é capaz de realizar.

As primeiras ações motoras são reflexas, estando algumas vinculadas à sobrevivência, como: deglutir, piscar os olhos, movimentos pupilares, procura por seio/mamadeira, sucção e deglutição. Outros, por sua vez, estão relacionados aos instintos de autopreservação, como reflexo de Babinski, de preensão palmar, de Moro, de nadar e de caminhar. A tendência dos reflexos de sobrevivência é de permanência até o final da vida, com exceção ao reflexo de procura por seio/mamadeira, substituído por ações voluntárias. Já os reflexos vinculados à autopreservação, em caso de desenvolvimento neurológico normal, tendem a desaparecer ao final de 12 meses de vida (SHAFFER; KIPP, 2012). Paralelamente, há o desenvolvimento de ações motoras voluntárias.

Fazendo uma pequena divisão em faixas etárias, observamos, a seguir, o levantamento de algumas referências de evoluções motoras que as crianças podem apresentar. Essas faixas etárias são médias e cada criança responde de forma individual, de

acordo com seu repertório, volume e qualidade de estímulo que recebe dos pares e do ambiente.

De zero aos seis meses:

- Processo de fortalecimento gradual dos músculos e do sistema nervoso: com controle progressivo da cabeça, dos membros e do tronco.
- Entre os quatro e os seis meses, utiliza os membros para se movimentar, principalmente com rolamentos.

Dos seis aos 12 meses

- Os músculos, o equilíbrio e o controle motor estão mais desenvolvidos, permitindo sentar sem apoio e realizar deslocamentos, como engatinhar e iniciar os processos do bipedismo.
- Entre os seis e os oito meses, é capaz de segurar os objetos de forma mais firme e estável e de manipulá-los na mão.

De um 1 aos dois anos

- Começa a andar, subir e descer em diferentes superfícies.
- Melhora a manipulação de objetos e o controle de ação sobre eles, como pegar, soltar e trocar de mãos.
- Por volta dos 20 meses, já inicia transporte de objetos na mão enquanto caminha.

Dos dois aos três anos

- Seu equilíbrio e coordenação aumentam, sendo capaz de saltar com os dois pés e com transferência de um pé para outro.
- Há evolução da coordenação motora fina, com domínio sobre lápis e talheres, por exemplo. Inicia controle de esfínteres.

Dos três aos quatro anos

- Já corre, salta, sobe escadas.
- Começa a adquirir domínio sobre cuidados pessoais

básicos, como: comer, trocar roupas, escovar dentes, tomar banho.

- A coordenação motora fina continua em evolução, sendo capaz de copiar figuras simples.

Dos quatro aos cinco anos

- Rápido desenvolvimento muscular, que possibilita também maior controle de movimentos.



Pesquise mais

Sugerimos a leitura do artigo *Desenvolvimento motor: padrões motores fundamentais de movimento em crianças de quatro e cinco anos de idade*, um bom exemplo sobre pesquisas relacionadas ao desenvolvimento motor infantil:

MARQUES, T. S. et al. Desenvolvimento motor: padrões motores fundamentais de movimento em crianças de quatro e cinco anos de idade. **EFDeportes, Revista Digital**, ano 18, n. 186, nov./2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd186/padroes-motores-fundamentais-de-movimento.htm>>. Acesso em: 19 fev. 2017.



Refleta

Os estímulos auxiliam no processo de desenvolvimento, sendo que o crescimento está mais relacionado aos aspectos fisiológicos. Se estimularmos as ações relacionadas aos períodos etários corretos, provavelmente teremos resultados positivos dentro das sugestões de desenvolvimento e aprendizagem, conforme estabelecidos pela Ciência.

Quais seriam as consequências para o desenvolvimento se os estímulos forem para ações diferentes das esperadas para cada faixa etária? Afetaria outras áreas, como a fala, por exemplo?

De acordo com Gallahue e Ozmun (2005), podemos classificar as fases do desenvolvimento motor partindo da seguinte imagem:

Figura 2.1 | As fases do desenvolvimento motor:



Fonte: adaptada de Gallahue e Ozmun (2005, p. 57).



Pesquise mais

O vídeo abaixo também traz alguns exemplos de fases de desenvolvimento motor:

FASE motora fundamental – inicial, elementar e maduro.
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yry2sbZglgk>>.
Acesso em: 26 nov. 2016.

Como aprendido anteriormente, pode-se notar que há boa relação entre a proposta de Gallahue e Ozmun (2005) e a de Shaffer e Kipp (2012), que afirmam que temos predomínio de movimentos reflexos no primeiro ano de vida; aprendizado de movimentos simples e relacionados às necessidades básicas, como locomoção, bipedismo e manipulação de objetos de forma simples, entre o primeiro e segundo anos de vida; aquisição efetiva de movimentos básicos que podem ser enquadrados em três categorias: estabilização, locomoção e manipulação. Dos dois aos sete anos, é o período de desenvolvimento da fase motora fundamental que, como o próprio nome sugere, trará os elementos básicos e fundamentais para a

evolução do movimento em quantidade, habilidade e qualidade. Os padrões fundamentais de movimento, como andar, correr, saltar, arremessar, agarrar, entre outros, iniciando padrões ainda com pouca coordenação motora, mas, ao final da faixa etária, realizando-os de forma consistente.

Reforçamos mais uma vez que o aprendizado e desenvolvimento motor dependem dos estímulos que a criança recebe, seja de seus pares ou do ambiente, que expõem necessidades ao indivíduo que procura solucionar de forma efetiva.



Assimile

O crescimento e o desenvolvimento estão sob forte influência de estímulos e condições extrínsecos, como alimentação, saneamento e outros. Um bom contexto refletirá em um bom desenvolvimento, que acarretará nos ganhos físicos, psicológicos e sociais para a criança. Esses ganhos acontecem de forma gradual e ordenada, com fases relacionadas à idade cronológica da criança. Evoluindo de ações reflexas para ações voluntárias, de gestos simples, para mais complexos, de execuções rudimentares para elaboradas e harmoniosas, de padrões isolados para conjugados. Todas essas relações mostram o processo crescente ao qual estamos inseridos, quando em crescimento e desenvolvimento.

Além dos aspectos de domínio do próprio corpo, o desenvolvimento motor pode ser um fator contribuinte nas relações sociais das crianças. Podemos notar que, ao longo dos anos, a interação social também sofre alterações e estas acompanham alterações ocorridas no desenvolvimento motor.

Do zero aos seis meses

Desenvolvimento social

As primeiras relações sociais são estabelecidas com os cuidadores do recém-nascido, sendo a fixação do olhar uma das primeiras formas de contato, podendo executar sorrisos sociais a partir de seis semanas. Estando em meio a outras pessoas, também pode expressar seus sentimentos através de pequenos gestos. Com a evolução da

acuidade visual, passa a selecionar rostos conhecidos e dar preferência aos mais familiares, tudo isso acontecendo até cerca de seis meses de vida. Até doze meses, é esperado que a interação social aumente com vocalizações, expressões e gestos, além disso, já inicia alguns processos de imitação àquilo que presencia, principalmente em relação às ações dos adultos. Nesse período, também surge maior interesse em interagir com bebês.

Entre um e dois anos, a imitação em relação aos adultos pode se intensificar, aumentando, também, a complexidade dos gestos, com as habilidades de locomoção estabelecidas, já tem maior autonomia e liberdade para interagir com outras crianças e objetos nos ambientes. Entre dois e três anos, quer copiar comportamentos dos adultos e participar destes de forma ativa e, além disso, a atenção e a concentração ficam estabelecidas por um período maior, permitindo permanecer por mais tempo em uma atividade. Quando estão na fase de três a quatro anos, já conseguem participar com outras crianças de atividades coletivas, podendo aumentar sua interação quando em participação de atividades físicas em grupo. Com idade de quatro a cinco anos, a interação em atividades coletivas aumenta, continua a imitar comportamentos e atividades dos adultos, com mais complexidade e desenvoltura e compartilha e respeita regras de forma mais efetiva.

Com todas essas exposições, fica claro que o desenvolvimento motor na fase de zero a cinco anos de idade é rápido e amplo, saindo de movimentos reflexos para os complexos e contextualizados. Além disso, os movimentos passam a ter sentido social, além de ser ferramenta para tal, permitindo interação com o outro e troca de experiências, seja com adultos ou crianças.

O desenvolvimento motor mostra-se muito importante nesse momento da vida das pessoas. Por ele, podemos analisar se os padrões estão dentro das margens esperadas ou se algo pode estar necessitando de maior estímulo ou mesmo a identificação de alguma patologia ou deficiência. Mais do que os aspectos motores, os aspectos sociais são parte desse processo e a socialização acontece de maneira mais intensa e efetiva com os gestos e movimentos criados pelos indivíduos inseridos naquele grupo.

Estimular com quantidade e qualidade adequadas é fundamental e essencial para o pleno desenvolvimento da criança.



Exemplificando

A forma mais simples de entendermos a evolução do crescimento e do desenvolvimento nessa fase humana é a análise dos processos locomotores de uma criança.

Nesse sentido, as escolas de educação infantil estão recheadas de oportunidades de observação em suas turmas de crianças que ainda não andam. Primeiramente, é esperado que a criança tenha condições de manter seu corpo firme e com menos contato com chão. Após esse processo, deve haver coordenação motora complexa, com gestos de braços e pernas associados, para deslocar de um ponto a outro. Ao longo dessa etapa, também é possível perceber que apoiar em objetos maiores e mais firmes dá segurança para ficar em pé e, em seguida, quando os músculos das pernas estão fortes o bastante, andar se transforma na tarefa mais complexa pela qual a criança deverá passar. Assim, há os fatores de crescimento atuando para que o corpo tenha estrutura para alcançar os resultados desejados e o desenvolvimento gere habilidades suficientes para realizar as tarefas mais variadas que podem surgir em nosso cotidiano.



Pesquise mais

Os livros aqui sugeridos também podem auxiliar em seu aprendizado:

HAYWOOD, K. M. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. Coautoria de Nancy Getchell. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. Coautoria de Ruth Duskin Feldman. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

SCHMIDT, R. A.; LEE, T. D. **Aprendizagem e performance motora: dos princípios à aplicação**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

Sem medo de errar

Ao ser indagado e colocado em xeque que as aulas de Educação Física deveriam ter conteúdos de livre escolha dos alunos e que as

outras disciplinas pedagógicas são mais importantes que as aulas de Educação Física, a escola interferiu no momento de pleno desenvolvimento da criança.

Como demonstrado anteriormente, há diversas alterações físicas que acontecem nessa fase, contemplando gestos motores grossos e finos, simples e complexos e que fazem parte do dia a dia. Além disso, é estudado que o desenvolvimento motor exerce grande influência no aprendizado acadêmico-pedagógico. Nesse sentido, as atividades dirigidas são necessárias e de extrema importância para os alunos e, com toda a certeza, eles serão beneficiados nos outros conteúdos oferecidos pela escola.

O desenvolvimento motor é evidenciado em cada faixa etária e relacionado com o ganho de independência para atividades cotidianas, além do domínio motor para realização de tarefas, ambos envolvidos nos conteúdos pedagógicos diferentes de Educação Física, reforçando mais uma vez o valor e função da disciplina na educação infantil.

Avançando na prática

Desenvolvimento motor e relações sociais: como a Educação Física pode contribuir?

Descrição da situação-problema

Um aluno de 15 meses, recém-chegado à escola, está com dificuldades em andar, visto que foi pouco estimulado para realizar essa tarefa de forma eficaz e independente. Além disso, por iniciativa própria, há três semanas não realiza atividades coletivas com os colegas de sala, pois o domínio motor deles supera o do aluno com dificuldades.

Como a Educação Física no ensino infantil pode contribuir para a melhoria do desenvolvimento motor e social desse aluno?

Resolução da situação-problema

Durante as aulas de Educação Física, esse aluno precisa ser estimulado a andar para melhorar sua marcha. A colocação de

tarefas que exigem essa habilidade é fundamental para que ele a melhore. Além disso, para ser feito o processo de socialização entre os colegas de turma, podem ser propostas tarefas em duplas ou trios, nas quais um colega auxilia o outro nos desafios propostos pelo professor, assim, a interação está posta, bem como o estímulo à caminhada, promovendo, então, maior independência do aluno e seu relacionamento com os colegas.

Faça valer a pena

1. O desenvolvimento motor na fase de zero a cinco anos de idade é rápido e amplo, saindo de movimentos reflexos para movimentos complexos e contextualizados. Além disso, os movimentos passam a ter sentido social, além de ser ferramenta para tal. Permitindo interação com o outro e troca de experiências, seja com adultos ou crianças.

Ao afirmar que há transição de movimentos reflexos para movimentos complexos, qual das palavras ou expressões melhor representa essa evolução?

- a) Movimento autônomo.
- b) Movimento voluntário.
- c) Movimento inconsciente.
- d) Independência.
- e) Socialização.

2. Esses dois processos caminham de forma paralela ao longo da vida, sendo o _____ relacionado às alterações físicas, de forma mensurável e com limites a serem atingidos, já o _____ pode ser entendido como um processo de “mudanças sistematizadas no indivíduo”.

Qual dos pares de palavras completam de forma significativa a afirmação acima?

- a) Crescimento e evolução.
- b) Mutação e envelhecimento.

- c) Envelhecimento e aprendizado.
- d) Crescimento e desenvolvimento.
- e) Desempenho e desenvolvimento.

3. Além dos aspectos de domínio do próprio corpo, o desenvolvimento motor pode ser um fator contribuinte nas relações sociais das crianças. Podemos ver que, ao longo dos anos, a interação social também sofre alterações e estas acompanham mudanças ocorridas no desenvolvimento motor.

Considerando a afirmação acima, podemos inferir que a evolução física do indivíduo interfere diretamente na sua evolução social.

Selecione a alternativa que melhor exemplifica essa relação direta:

- a) Ao aprender diferentes movimentos, a criança está apta a encontrar pares que tenham atitudes semelhantes, gerando identificação social e, conseqüentemente, interação entre esses indivíduos.
- b) Ao aprender diferentes movimentos, a criança está apta a realizar competições, gerando vencedores e perdedores, estabelecendo uma relação de hegemonia com os pares.
- c) Ao aprender diferentes movimentos, a criança aprende sobre si mesma, estando melhor posicionada sobre seu corpo e realizando apenas suas vontades.
- d) A afirmação acima não é verídica, visto que a interação social acontece sem qualquer domínio motor.
- e) A interação social com semelhantes acontece mesmo sem domínio motor, pois a criança interage ao longo da vida apenas com os pais.

Seção 2.2

Teorias pedagógicas da Educação Física escolar infantil

Diálogo aberto

Ao ser contratado para trabalhar com estimulação motora na Educação Infantil, o professor João ficou muito entusiasmado com a possibilidade de auxiliar no desenvolvimento global de crianças de zero a seis anos. Com esse entusiasmo, ele iniciou seu planejamento de atividades que realizaria ao longo do ano, todas as propostas e desafios que faria com seus alunos, como seria a ludicidade em cada momento.

Porém, em determinado momento, ele se deparou com um questionamento: qual seria a linha de trabalho da escola? Construtivista, Desenvolvimentista, Sociocultural, Psicomotricidade? Com esse problema em mente, João teve que buscar informações no planejamento pedagógico escolar, e lá pôde solucionar essa primeira dúvida. No entanto, veio a segunda dúvida: como é essa teoria que a escola usa para o processo ensino-aprendizagem dos alunos? Como vou aplicar tal teoria relacionada à Educação Física?

Assim, o professor João iniciou suas pesquisas sobre teorias pedagógicas da educação e suas relações com a Educação Física.

Não pode faltar

Na última seção, foram estudados os diferentes aspectos do desenvolvimento, principalmente em sua vertente motora. Neste bloco, abordaremos as principais teorias sobre a evolução das nossas habilidades e gestos. Para entendê-las, precisamos saber o que é uma teoria. Shaffer e Kipp (2012, p. 45) a descrevem como: "conjunto de

conceitos e de proposições destinados a organizar, descrever e explicar um conjunto de observações”, além disso, sobre a qualidade de uma teoria, os mesmos autores afirmam que ela precisa ser concisa, parcimoniosa, que significa “fazer uso de poucos princípios para explicar uma ampla gama de observações” (SHAFFER; KIPPER, 2012, p. 45). Sendo assim, quanto mais simples e concisa, melhor.

Dentro da pedagogia da Educação e da pedagogia da Educação Física, temos diversas teorias e as mais difundidas nos dias atuais são Construtivismo, Desenvolvimentismo, Montessoriana, Freinet, Waldorf e Tradicionais (conteudistas). Cada uma delas com suas especificidades, pontos positivos e negativos, mas que de toda maneira almejam o melhor desenvolvimento global dos alunos.

Neste material, nos atentaremos às abordagens Construtivista, Desenvolvimentista e Psicomotricidade, visto que são as mais relacionadas à Educação Física, principalmente no ambiente escolar.

Iniciaremos agora com o olhar sobre a teoria Construtivista, que teve as maiores contribuições vindas de Jean Piaget, teórico suíço que investigou o desenvolvimento intelectual infantil por mais de 60 anos, desde a década de 1920. Suas pesquisas demonstraram que as pessoas têm processos mentais divididos em estágios, atingidos conforme o indivíduo se desenvolve e cada estágio atingido tende a ser mais complexo que o anterior. Piaget afirmava também que “a inteligência é um processo básico da vida que ajuda o organismo a se adaptar ao seu ambiente” (SHAFFER; KIPP, 2012, p. 59). Nesse sentido, cada indivíduo tem respostas adaptativas de acordo com o ambiente no qual está inserido.

Piaget (1950) apud Shaffer e Kipp (2012) chamou essas fases de esquema, que pode ser definido como padrão organizado de ações usadas para solucionar alguma situação na qual o indivíduo esteja envolvido. Um exemplo disso é o bebê estender os braços e usar suas mãos e dedos para segurar objetos e explorá-los e, dessa forma, nessa etapa, usará desse padrão de ações para experimentar o mundo ao seu redor. Quando aprender a engatinhar, fará o deslocamento, a extensão dos braços e segurará o objeto, ou seja, tornando a ação mais complexa. Essa lógica de evolução pode ser aplicada no aprendizado da linguagem, da matemática e a todos os momentos e situações da vida.

Quanto mais situações o indivíduo vivencia, mais ele reproduz seus esquemas e a cada adição de elementos nessas situações, mais elaborados ficam seus esquemas. Porém, qual é o ponto de partida para esse desenvolvimento? Seguindo as colocações de Piaget (1950) apud Shaffer e Kipp (2012), podemos inferir que as pessoas se adaptavam conforme experimentavam o ambiente onde estavam inseridas e, para cada situação experienciada, utilizavam um esquema adquirido, processo chamado de ASSIMILAÇÃO. Quando algo novo surgia, havia necessidade de reelaboração dos esquemas, processo denominado ACOMODAÇÃO e, dentro destes ajustes de situações, nosso desenvolvimento assimilava e acomodava cada experiência de acordo com sua necessidade, adequando as respostas ao que era vivenciado.

Além de definir os processos, Piaget (1950) apud Shaffer e Kipp (2012, p. 61) separou o desenvolvimento em diferentes períodos, por faixas etárias distintas, com demandas igualmente variadas. De zero a dois anos, é o estágio SENSÓRIO-MOTOR, no qual bebês usam das capacidades sensórias e motoras para explorar o ambiente em estágio inseridos, a fim de estendê-lo. Inicialmente, os movimentos são reflexos, mas, ao fim do estágio, eles são voluntários e complexos. As principais aquisições desse momento são a diferenciação entre "eu" e "outros", a permanência de objetos, que significa saber que objetos podem continuar a existir, mesmo que não os vejamos e, por fim, começam a internalizar experiências e processar por vias cognitivas.

Após esse primeiro momento, passamos para o estágio PRÉ-OPERACIONAL, que acontece dos dois aos sete anos. Nessa etapa, as crianças já são capazes de usar simbolismo de imagem e linguagem para representar e entender seu ambiente, com um pensamento egocêntrico e imaginando que todos têm as mesmas percepções que elas. Em relação a suas ações, usam mais da imaginação em suas brincadeiras. Conforme a idade avança, percebem que nem sempre os outros veem o mundo a seu modo.

Seguindo o desenvolvimento, de sete a onze anos, acontece o estágio OPERACIONAL CONCRETO, no qual as operações cognitivas ganham forma no pensamento lógico, assim, entendem melhor os eventos diários, conseguem compreender motivos de acontecimentos, bem como o contexto de sua ocorrência.

Finalmente, a partir de 11 anos em diante, assumimos o estágio OPERACIONAL FORMAL, em que as crianças já podem refletir sobre seus pensamentos, organizá-los de forma sistemática e compreender elementos abstratos. O pensamento extrapola a barreira daquilo que é concreto e assume forma também nas situações hipotéticas. Além disso, elas têm sistematização no pensamento e iniciam os processos dedutivos. Para Piaget (1950) apud Shaffer e Kipp (2012, p. 61), esta sequência aconteceria de forma invariável, visto que cada avanço de estágio é feito com base no anterior, expondo o aumento de complexidade nas ações. As pesquisas de Piaget afirmaram que as crianças tinham melhor aprendizado quando interagiam com seu ambiente e, de acordo com suas experiências, pensamento e entendimento, evoluíram de forma linear e sistematizada. Porém, Piaget pode ter desconsiderado alguns pontos, como os aspectos sociais no desenvolvimento e os aspectos de treinamento de habilidade e aplicação de técnicas de treinamento nas situações vivenciadas pelos indivíduos, mas, de qualquer modo, Jean Piaget contribuiu muito à sua época para a compreensão do desenvolvimento e organização escolar. Esse viés de Piaget pode ser entendido e aplicado à Educação Física de modo a

proporcionar experiências motoras que favoreçam a aquisição de habilidades por parte dos alunos, em graus cada vez mais elevados. O aluno não é visto em sua historicidade, em sua realidade socioeconômica e cultural; o comportamento motor esperado é padronizado e organizado em etapas e, por fim, analisado pela sua individualidade e sistematizado para acompanhar o desenvolvimento do aluno. (COSTA; COELHO; SANTANA, 2012 p. 1)



Pesquise mais

Sobre Construtivismo, leia o texto abaixo:

SANTANA, A. L. **Construtivismo**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/educacao/construtivismo/>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

Diferentemente de Jean Piaget, o russo Lev Vygotsky acreditava que a criança aprende muito além da exploração ambiental independente. Sua teoria, a sociocultural, segue caminho com valorização da cultura do grupo no qual a criança está inserida e também nos aspectos genéticos, transmitidos entre gerações. Nesse sentido, o aprendizado ganha forma com a mediação ativa da sociedade, significa dizer que além da exploração de ambiente, a criança aprende com as orientações e diálogos vindos de alguém com mais experiência. Além disso, Vygotsky negava a lógica de Piaget sobre os mesmos estágios e processos para todos, justamente pelo envolvimento cultural que pode influenciar na forma de aprendizado e execução de ações.

Em sua linha de pensamento, as crianças dependem não só de fatores biológicos para se desenvolverem, necessitam também da interação ambiental, na qual haverá oportunidades de aprendizado. Isso fica melhor compreendido com seu conceito de zona de desenvolvimento proximal, distância entre o desenvolvimento já adquirido e o domínio do próximo conceito a ser aprendido. Nesta zona de desenvolvimento proximal, a criança se depara com uma barreira para seu desenvolvimento e aprendizado, porém, com o auxílio de um outro indivíduo, mais experiente, poderá agregar o conhecimento do outro para seus processos internos, o que poderá contribuir na formação dos próprios conceitos e ações para solução de problemas futuros semelhantes àquele em que precisou da ajuda de um colega mais experiente.



Assimile

Teoria construtivista – visa o desenvolvimento da criança com sua exploração de diferentes estímulos. Pela linha de pensamento de Piaget, a criança explora e aprende já dentro de seus interesses; de acordo com Vygotski, há essa exploração do ambiente, uso de auxílio de alguém com mais experiência e também valorização do histórico cultural e social.

Outra teoria pedagógica com muita aplicação na Educação Física é a Desenvolvimentista, que baseia suas ideias nas pesquisas de David Gallahue, que dividiu as fases do desenvolvimento por faixas etárias, como pode ser visto abaixo:

- De dentro do útero até quatro meses de idade – fase motora reflexiva – estágio de codificação de informações.
- De quatro a 12 meses de idade – fase motora reflexiva – estágio de decodificação de informações.
- Até 1 ano – Fase motora reflexiva – fase motora rudimentar – estágio de inibição de reflexos.
- De um a dois anos de idade – fase motora rudimentar – estágio de pré-controle.
- De dois a três anos – fase motora fundamental – estágio inicial.
- De quatro a cinco anos – fase motora fundamental – estágio elementar.
- De seis a sete anos – fase motora fundamental – estágio maduro.
- De sete a dez anos – fase motora especializada – estágio transitório.
- De 11 a 13 anos – fase motora especializada – estágio aplicação.
- De 14 anos em diante – fase motora especializada – estágio utilização permanente.

(GALLAHUE, 2008)



Pesquise mais

Sobre desenvolvimentismo, vale a pena ler o artigo:

TANI, G.; BASSO, L.; CORRÊA, U. C. O ensino do esporte para crianças e jovens: considerações sobre uma fase do processo de desenvolvimento motor esquecida. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 2, p. 339-350, jun./2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092012000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jan. 2017.

A teoria desenvolvimentista baseia-se no desenvolvimento motor como principal meio para a aprendizagem. Seu vínculo com a Educação Física parte da ideia de que o movimento é o principal meio e fim da Educação Física, deixando em segundo plano aspectos relacionados à alfabetização, apesar desse processo poder ser beneficiado pelas práticas da Educação Física. De modo geral, o desenvolvimento motor é visto como contínuo e gradual, além da constante aprendizagem e possibilidades de novos movimentos. Nesse sentido, cabe à Educação Física a sistematização para o aperfeiçoamento do movimento motor, por meio de experiências de novos movimentos. No Brasil, o principal autor na linha desenvolvimentista é Go Tani. Segundo Tani (1988) apud Costa, Coelho e Santana (2012), podemos eleger três aspectos na Educação Física escolar, relacionados ao desenvolvimento e aprendizado infantil:



Em primeiro lugar, o estabelecimento de objetivos, conteúdos e métodos de ensino coerentes com as características de cada criança; em segundo lugar, a observação e a avaliação mais apropriada dos comportamentos de cada indivíduo, permitindo um melhor acompanhamento das mudanças que ocorrem e, finalmente, a interpretação do real significado do movimento dentro do ciclo de vida do ser humano. (COSTA; COELHO; SANTANA, 2012, p. 1)

Essa afirmação ilustra bem a diretriz da pedagogia desenvolvimentista na Educação Física, deixando claro que os objetivos são relacionados ao desenvolvimento motor e as contribuições sobre aspectos sociais e de alfabetização são consequência ou segundo plano. Com a repetição da prática e evolução dos gestos motores, a interação com o outro e com o ambiente torna-se mais efetiva, trazendo aprendizado em outros segmentos do desenvolvimento.

Diferente da teoria construtivista, no Desenvolvimentismo é esperada ação docente para progressão das crianças, sendo essas consumidoras do conhecimento do professor.



Teoria desenvolvimentista – foca o aprendizado motor como principal objetivo das aulas de Educação Física. Neste viés, a aquisição de outros conteúdos fica em segundo plano. As atividades devem respeitar a idade e o desenvolvimento da criança, criando desafios adequados a cada uma delas.

Além dessas duas vertentes, estudaremos a teoria da psicomotricidade. Segundo a Associação Brasileira de Psicomotricidade (2016, s./ p.), essa é uma abordagem que preza pela “concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização”.



Aprofunde seus conhecimentos sobre psicomotricidade:

LE BOULCH. **Educação psicomotora**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. Tradução: Jeni Wolff.

GOMES, J. A. D. G. **Construção de coordenadas espaciais, psicomotricidade e desempenho escolar**. 1998. 192 f. Tese (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000134714>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

O intelectual Jean Le Boulch contribuiu largamente para essa teoria, reforçando a importância da Educação Física com objetivos e métodos bem definidos, com foco no desenvolvimento motor global, bem como emocional e, dessa maneira, criou condições e embasamento para que a criança inicie os processos de alfabetização. Na teoria psicocinética, de Le Boulch, propõe também que o movimento seja um meio para ensino de outros conteúdos. Além disso,

pode também ser definida como o campo transdisciplinar que estuda e investiga as relações e as influências recíprocas e sistêmicas entre



o psiquismo e a motricidade. Baseada em uma visão holística do ser humano, a psicomotricidade encara de forma integrada as funções cognitivas, socioemocionais, simbólicas, psicolinguísticas e motoras, promovendo a capacidade de ser e de agir em um contexto psicossocial. (ABP, [s.d.], [s.p.]



Assimile

Teoria da psicomotricidade – visa o pleno desenvolvimento da criança, sendo que a exploração pelos gestos motores é a ferramenta para o crescimento pessoal, psicológico e social e também reforça a valorização social e cultural.

Nesse sentido, essa abordagem considera todos os tipos de interações e estados emocionais como participantes do processo de ensino-aprendizagem, não somente no aspecto motor, mas também social, emocional, psicológico e outras possibilidades e associações.

Fernandes, Souza e Mourão-Carvalho (2014) fazem um compilado de artigos sobre a criança e seu desempenho escolar. Os autores afirmam que, sem um olhar holístico, problemas de aprendizagem podem estar relacionados às falhas no desenvolvimento motor e psicossocial da criança. Quando as fases de desenvolvimento são respeitadas e concluídas com êxito, os casos de déficit de aprendizagem tendem a diminuir, reforçando a interligação entre o desenvolvimento motor, psicossocial e de aprendizagem.

Por essa ótica, as aulas de Educação Física representam muito mais do que o recorte do desenvolvimento motor, exigindo maior conhecimento e observação do professor em outras áreas de estudo relacionadas ao lado psicológico e social da criança, para que, dessa forma, possa elaborar as melhores alternativas que auxiliem o desenvolvimento de áreas que a criança esteja com dificuldades e com grande associação com outros profissionais, como o professor/pedagogo de sala.

Dessa maneira, é possível perceber que, por diferentes óticas, as aulas de Educação Física na educação infantil ganham dimensões distintas, mas por qualquer destes olhares sua importância é

incontestável. Por isso, sua aplicação a todos os alunos é essencial, o que chama atenção para a inclusão nas aulas e atividades de Educação Física.

Como aprendemos na unidade sobre políticas educacionais, é garantido por lei que todas as crianças, sem exceção, tenham acesso ao ensino básico regular, direito garantido tanto na Constituição Federal, quanto na Lei de Diretrizes e Bases. A perspectiva da Educação Física Inclusiva é garantir o acesso e o sucesso na realização de diferentes tarefas em prol do desenvolvimento motor e também psicossocial da criança. Segundo Bruno (2006, p. 14):

princípio filosófico da inclusão é definido pela metáfora do “caleidoscópio”, cuja imagem sugere uma composição mais rica pela combinação e diversidade das partes e pelo movimento, obtendo-se composições novas e mais complexas. Assim também as crianças se desenvolvem, aprendem e evoluem melhor em um ambiente rico e variado.

A mesma autora ainda incrementa essa visão:

A metáfora da inclusão sugere a imagem de uma escola em movimento, em constante transformação e construção, de enriquecimento pelas diferenças. Esse movimento implica: mudança de atitudes, constante reflexão sobre a prática pedagógica, modificação e adaptação do meio em nova organização da estrutura escolar. (BRUNO, 2006, p. 14)

Seguindo essa linha de pensamento, a Educação Física Inclusiva deve proporcionar aos seus alunos atividades com acesso e possibilidades semelhantes para todos, independentemente de suas potencialidades e limitações e, além disso, realizar ajustes em casos pontuais, pois mais do que o desenvolvimento motor, a riqueza de aprendizado social contribuirá para a formação cidadã dos alunos.

Rodrigues (2003) destaca que a teoria da Educação Física Inclusiva tem diversos pontos a favor, porém, em realidade, sua aplicação tem

sido questionável, com atividades predominantemente competitivas e pensadas para grupos homogêneos. Neste caminho, ainda ressalta que é na Educação Física que podem ser proporcionados os momentos de real inclusão do aluno e sua preparação para outras atividades, visto que o nível de desenvolvimento motor tem grande influência nas possibilidades de atuação e evolução do aluno em conceitos da pedagogia e alfabetização.



Assimile

Inclusão – criação de oportunidades e atividades com igual possibilidade de acesso e sucesso nas propostas, independentemente da limitação do aluno.



Refleta

De modo geral, como podemos encarar essas diferentes vertentes relacionadas às aulas de Educação Física? Será que apenas uma forma de olhar soluciona todas as indagações e necessidades dessa disciplina? A diferença de contexto escolar pode influenciar na escolha desta ou daquela teoria para embasar o planejamento escolar do professor de Educação Física? Caso o projeto político pedagógico de uma instituição seja diferente dos preceitos que o professor segue, qual é a melhor alternativa?

Pelo exposto neste conteúdo, nota-se que há diferentes maneiras de pensar a educação e a Educação Física, com inúmeras teorias pedagógicas e intervenções, mas não podemos esquecer de que devem estar de acordo o planejamento pedagógico da instituição e da disciplina.



Exemplificando

Para compreender melhor, observe a seguinte situação:

Em uma escola de educação infantil não havia estimulação motora para as crianças com um professor especialista, apenas com o professor generalista (pedagogo). Ao levar um projeto, o

professor de Educação Física João foi muito elogiado por seu embasamento teórico, apresentou diferentes possibilidades de abordagens com as teorias pedagógicas da Educação Física e sua relação com a Educação de modo geral.

O diretor da escola disse que o projeto político pedagógico da escola era pautado no Construtivismo e, logo em seguida, indagou o professor João: "Professor, como podemos aplicar os conceitos de psicomotricidade com o Construtivismo?".

Imediatamente, o professor respondeu que poderia associar os estímulos motores com as questões psicossociais que surgissem nas aulas, usando das situações para auxiliar na formação cívico-cidadã das crianças. Além disso, seriam consideradas as experiências prévias das crianças na elaboração e atualização do planejamento das aulas, assim elas explorariam o ambiente de acordo com diretrizes e também por seus interesses, teriam vínculo com suas experiências passadas e, a cada situação surgida de modo coletivo, seriam trabalhados conceitos como respeito, auxílio ao próximo, autoestima, responsabilidade ambiental, entre outros.

O professor foi muito elogiado e o diretor concordou que, com essa exposição feita por ele, tanto o Construtivismo quanto a Psicomotricidade tinham sido abordados e que estava de acordo em contratá-lo.



Pesquise mais

Para ampliar seus conhecimentos sobre as diversas teorias abordadas nesta seção, leia:

Sobre a teoria Montessoriana:

FARIA, A. C. E. et al. Método Montessoriano: a importância do ambiente e do lúdico na educação infantil. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, n. 12, p. 1-21, jan. 2012. Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br/artigos/NDY2.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

Sobre o método Freinet:

COSTA, J. M. **A criança e a pedagogia Freinet na educação integral**. 2013. 17 f. Monografia (Especialização em educação integral) – Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30385923.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

Sobre o método Waldorf:

BACH JUNIOR, J. **A pedagogia Waldorf como educação para a liberdade**: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner. 2012. 409 f. Tese (Doutorado em Educação), Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <[http://www.ppge.ufpr.br/teses_d2012/d2012_Jonas Bach Junior.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses_d2012/d2012_Jonas%20Bach%20Junior.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2017.

Cabe ressaltar que aqui abordamos três vertentes relacionadas à Educação Física, e você, aluno, deve buscar mais informações, tanto sobre essas teorias, quanto sobre outras citadas.\

Sem medo de errar

Ao pesquisar o planejamento da escola, o professor João descobriu que lá a base de trabalho é vinculada à pedagogia Waldorf. Com essa resposta, o docente buscou informações sobre as diretrizes dessa teoria, descobrindo que ela é pautada em desenvolvimento físico, espiritual, intelectual e artístico dos alunos, de forma integral. O professor pensou e chegou à seguinte conclusão: suas aulas teriam atividades de estimulação para diferentes faixas etárias, desse modo, as atividades seriam mais difíceis para alguns alunos e mais fáceis para outros, e os maiores poderiam auxiliar os menores de acordo com a necessidade.

A cada aula, a dificuldade seria variada, para que, assim, todos os alunos tivessem desafios que os fizessem evoluir. Além disso, para ter um material objetivo sobre suas aulas, frequentemente os alunos seriam estimulados a registrar em desenhos suas impressões sobre as aulas de Educação Física e também haveria momentos para expor

seus sentimentos sobre as aulas. Todas essas ferramentas seriam usadas constantemente para ajustes no planejamento e adequação às necessidades e interesses dos alunos.

Assim, o professor conseguirá elaborar suas diretrizes de trabalho e colocar de forma objetiva como seria a aula de Educação Física na Educação Infantil daquela instituição.

Avançando na prática

Unindo diferentes métodos de análise das fontes

Descrição da situação-problema

Em uma entrevista de emprego em uma escola, a professora Maria estudou sobre a instituição e também relembrou conteúdos sobre as mais variadas teorias pedagógicas e sobre as teorias em Educação Física escolar. Em determinado momento, ela foi informada de que a escola tinha uma linha de trabalho no Desenvolvimentismo e que, dessa maneira, a escola visava o desenvolvimento por completo de seus alunos, em todas as disciplinas pelas quais passavam.

Essa afirmação da entrevista cabia para aquele momento? Será que havia consonância entre o que foi falado e o que foi estudado pela professora Maria?

Resolução da situação-problema

Ao se deparar com essa situação, a professora Maria expôs sua experiência, dizendo que havia estudado sobre a instituição na qual pretendia ingressar como profissional e que em seus documentos estava descrito que o trabalho era Construtivista, então, se assim o fosse, a perspectiva de aprendizagem estaria de acordo e ela poderia pautar seus trabalhos em Educação Física com os autores Piaget e Vygotski, por exemplo, mas, caso realmente houvesse um viés Desenvolvimentista, usaria os autores Gallahue e Go Tani para elaborar seus planejamentos e atividades.

Em seguida, ela foi parabenizada pelos entrevistadores e encaminhada para contratação.

Faça valer a pena

1. Dentro da pedagogia da educação e da pedagogia da Educação Física temos diversas teorias. As mais difundidas nos dias atuais são Construtivismo, Desenvolvimentismo, Montessoriana, Freinet, Waldorf e Tradicionais (conteudistas). Cada uma delas com suas especificidades, pontos positivos e negativos, mas que de toda maneira almejam o melhor desenvolvimento global dos alunos.

Pensando nas teorias da pedagogia da educação e da pedagogia da Educação Física, os autores Piaget e Vigotsky possuem diferenças teóricas muito significativas. Quais são essas diferenças?

a) Piaget acreditava que as pessoas têm processos mentais divididos em estágios, atingidos conforme o indivíduo se desenvolve e cada etapa tende a ser mais complexa que a anterior. Já Vygotsky defendia que a criança aprendia muito além da exploração ambiental independente, valorizando a cultura do grupo no qual ela está inserida.

b) Piaget acreditava que a criança aprendia muito além da exploração ambiental independente, valorizando a cultura do grupo no qual ela está inserida, enquanto Vigotsky afirmava que as pessoas têm processos mentais divididos em estágios, atingidos conforme o indivíduo se desenvolve e cada etapa tende a ser mais complexa que a anterior.

c) Piaget acreditava que o desenvolvimento motor era o principal meio para a aprendizagem, enquanto que o Vigotsky defendia que o desenvolvimento acontecia em estágios.

d) Piaget afirmava que todos os tipos de interações e estados emocionais eram participantes do processo ensino-aprendizagem. Já Vygotsky defendia que o desenvolvimento motor era o principal meio para a aprendizagem.

e) Piaget defendia que as pessoas têm processos mentais divididos em estágios, atingidos conforme o indivíduo se desenvolve e cada etapa tende a ser mais complexa que a anterior enquanto que para Vygotsky, todos os tipos de interações e estados emocionais eram participantes do processo ensino-aprendizagem

2. A teoria construtivista teve as maiores contribuições vindas de Jean Piaget, teórico suíço que investigou o desenvolvimento

intelectual infantil por mais de 60 anos, desde a década de 1920. Piaget afirmava que a “inteligência é um processo básico da vida que ajuda o organismo a se adaptar ao seu ambiente.” (SHAFFER; KIPP, 2012, p. 59)

Para Piaget, as pessoas têm processos mentais divididos em estágios, atingidos conforme o indivíduo se desenvolve e cada etapa tende a ser mais complexa que a anterior. O estágio relacionado ao uso das capacidades sensoriais e motoras para explorar o ambiente no qual está inserido, entendendo-o, inicialmente os movimentos são reflexos, mas ao fim do estágio os movimentos são voluntários e complexos é o:

- a) Sensório-motor.
- b) Pré-operacional.
- c) Operacional formal.
- d) Operacional concreto.
- e) Operacional não formal.

3. Dentro da pedagogia da educação e da pedagogia da Educação Física, temos diversas teorias. As mais difundidas nos dias atuais são Construtivismo, Desenvolvimentismo, Montessoriana, Freinet, Waldorf e Tradicionais (conteudistas). Cada uma delas com suas especificidades, pontos positivos e negativos, mas que de toda maneira almejam o melhor desenvolvimento global dos alunos.

Uma teoria pedagógica com muita aplicação na Educação Física é a desenvolvimentista, que baseia suas ideias nas pesquisas de David Gallahue, que dividiu as fases do desenvolvimento por faixas etárias. O estágio de inibição de reflexos acontece em qual faixa etária?

- a) De dentro do útero até quatro meses de idade.
- b) Até 1 ano.
- c) De seis a sete anos.
- d) De dois a três anos.
- e) De quatro a cinco anos.

Seção 2.3

Modelos pedagógicos da Educação Física escolar infantil

Diálogo aberto

O professor Fábio finalizou o ano escolar e foi chamado pelos gestores para uma conversa. Nesse momento, seus superiores ressaltaram que seu trabalho havia sido bem feito e que estavam satisfeitos com suas posturas e o desenvolvimento dos alunos. Porém, os mesmos gestores apontaram pontos a melhorar nos aspectos profissionais e de organização e um desses pontos foi em relação ao planejamento e à sequência lógica das aulas. O docente afirmou que realmente tinha deixado o planejamento de lado desde o começo do ano e que desenvolveu uma lógica pedagógica de acordo com suas percepções subjetivas nas aulas e nas turmas, porém tudo ficou sem registros.

Ainda nessa conversa, os gestores salientaram a importância do planejamento, não apenas para cumprir procedimentos escolares, mas também para nortear a ação ao longo do ano, afirmando que o planejamento é uma base, mas que poderia ser alterado conforme as necessidades e potencialidades surgissem.

Ao ouvir esses comentários o professor Fábio ficou pensativo sobre como havia agido ao longo do ano e, ao final de alguns segundos, ainda no diálogo com seus gestores, ele disse: “Como faço para planejar e executar e, ao mesmo tempo, alterar o rumo das aulas, caso necessário?”.

Dessa forma, os gestores começaram a auxiliá-lo. Como? Observe a seguir.

Não pode faltar

Nesta seção, trabalharemos o modo de transformar a teoria em prática na educação infantil. Compreendemos, na seção anterior,

algumas das teorias usadas com frequência para crianças até 6 anos de idade. Pudemos perceber que há semelhanças e diferenças entre elas e que, de modo geral, não há algo que solucione todas as necessidades do processo ensino-aprendizagem. Tivemos contato com três modelos diferentes de teoria: a construtivista, a desenvolvimentista e a psicomotricidade e, com esses estudos teóricos realizados, chega a hora de avançar para o direcionamento prático, que perpassa pela construção de planejamento e execução das aulas propriamente ditas.



Pesquise mais

Artigos científicos também contribuem para o entendimento da importância do planejamento. Sendo assim, sugerimos a leitura dos artigos indicados:

BOSSLE, F. Planejamento de ensino na Educação Física – uma contribuição ao coletivo docente. **Movimento**, v. 8, n. 1, p. 31-39, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19480/000317609.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 fev. 2017

CASTRO, P. A. P. P.; TUCUNDUVA, C. C.; ARNS, E. M. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. **Athena – Revista Científica de Educação**, v. 10, n. 10, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://nead.uesc.br/arquivos/Fisica/instrumentacao/artigo.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017

Para Libâneo (2015), há dificuldades na formação profissional que engloba o conhecimento do conteúdo da disciplina e também em como transmitir esses conhecimentos. Ele ainda afirma que esses aspectos são indissociáveis e influenciam diretamente no sucesso de aprendizado dos alunos. Nesse contexto, o planejamento pode reduzir o risco de falhas no ensino-aprendizado da Educação Física.

Iniciaremos nossas atividades entendendo o que é planejamento e suas funções.

Segundo a Editora Melhoramento, em seu Dicionário Brasileiro

da Língua Portuguesa (2016), em essência, planejamento é o ato de planejar, criar um plano para otimizar o alcance de um objetivo específico. Essa palavra pode abranger muitas áreas diferentes: planejamento econômico, familiar, financeiro, profissional, empresarial, escolar, entre outros.

O planejamento por si só é uma importante ferramenta para gestão e administração de projetos, quaisquer que sejam e com ele realizamos preparação, organização e estruturação de um objetivo específico. Um bom planejamento pode influenciar na tomada de decisões e execução de tarefas, além de facilitar condutas quando as decisões e tarefas tendem a se repetir. Com base no planejamento, também podem ser confirmadas as hipóteses usadas para sua construção. Se houve muitas alterações, as hipóteses não se confirmam, porém, quando o planejamento é feito sem muitas alterações, mostra-se que as hipóteses foram adequadas àquele contexto. De modo geral, realizar planejamentos indica interesse na organização do trabalho, o que pode prevenir possíveis erros e desperdícios, aumentando assim sua eficiência.



Assimile

É importante ter claro, após os estudos desta seção, que o planejamento é extremamente importante para o bom desenvolvimento de metas e objetivos.

O planejamento pode ser dividido em três modalidades: estratégico, tático e operacional. Na sequência, conheceremos, a partir das contribuições de Paula (2015), como se dão esses quesitos.

Estratégia pode ser defendida como a forma de procedimentos estabelecidos e formais, com o intuito de nortear caminhos e alcançar resultados. O planejamento estratégico inicia-se na elaboração de metas e objetivos e consiste no uso eficiente dos mais variados recursos para aumentar a produtividade em uma instituição. De modo geral, a gestão de tempo, dinheiro e de riscos são pontos valiosos na construção do planejamento estratégico, que concentra suas ações a longo prazo (de cinco a dez anos), com visão global e com poucos detalhes de como buscar o resultado final.

É importante considerar fatores internos e externos da instituição, como recursos humanos, recursos financeiros e recursos materiais. Dessa maneira, terá dimensão de onde está, de onde pretende chegar e como fará esse caminho. Para esclarecer esse ponto, Paula (2015, p. 1) cita alguns exemplos sobre objetivos estratégicos:

- Aumentar a satisfação dos alunos em 20%.
- Reduzir o tempo desperdiçado em 15%.
- Elevar o índice de capacitação dos funcionários em 30%.

Como facilitador para realização do planejamento estratégico, o mesmo autor elenca algumas perguntas que podem elucidar ideias e traçar caminhos pertinentes às características da instituição, auxiliando na elaboração do planejamento estratégico:

- Quem somos?
- O que fazemos?
- Por que fazemos?
- Onde estamos?
- Onde queremos chegar?
- O que valorizamos?

De modo geral, o planejamento estratégico deve ser atualizado constantemente, para que, dessa maneira, continue coerente com as ações e estados da instituição e, caso isso não aconteça, corre-se o risco de tornar o planejamento atrasado e incoerente com cada momento que a instituição atravessar. A elaboração do planejamento pode ser uma forma de motivar as pessoas a realizá-lo de forma efetiva.

Entrando nos méritos do planejamento tático, podemos inferir que seu foco é no médio prazo (de um a três anos), com mais detalhes em relação ao planejamento estratégico, mas permanecendo global e simplificado.



Uma das principais diferenças do planejamento estratégico para o planejamento tático é que o primeiro é voltado para a organização como um todo, enquanto o segundo é orientado às áreas e aos departamentos da empresa, sendo o detalhamento com os meios para atingir os objetivos e as metas da organização. Ou seja, podemos dizer que o planejamento tático é a decomposição do planejamento estratégico para cada setor, para cada área da empresa. (PAULA, 2015, p. 1)

Nesse excerto, é possível substituir a palavra empresa por instituição e, dessa maneira, teremos o mesmo efeito para compreensão deste conteúdo para a realidade escolar. Assim como estratégia faz referência a elementos macro de uma instituição, a tática está vinculada às ações setorizadas, em prol do alcance do objetivo final global. Traduzindo para o ambiente escolar, pode-se pensar as ações da direção, da coordenação, dos professores, dos alunos, do setor de alimentação, do setor de manutenção e cada um que puder existir internamente, estabelecendo, assim, a importância e a função única de cada parte, para constituição do todo. “É nesta etapa que vamos ter os planos de marketing, os planos de produção, planejamento de pessoal e tudo isto resultando no planejamento financeiro, com a visão geral de entradas e saídas da companhia para o período que está sendo planejado.” (PAULA, 2015, p. 1) Mais uma vez, com o intuito de esclarecer essas questões, observe as perguntas que seguem, segundo Paula (2015, p. 1):

- O que fazer?
- Dá para fazer?
- Vale a pena fazer?
- Funcionará?
- Quando faremos?

Como o planejamento estratégico traça metas globais, no planejamento tático podem ser projetados objetivos mais específicos

para cada setor e estes devem estar alinhados com os objetivos da instituição.

Alguns exemplos de objetivos táticos:

- Certificar que as dúvidas dos alunos sejam solucionadas em no máximo um dia.
- Assegurar que nenhuma informação errada chegue aos alunos.
- Garantir que 100% dos funcionários estejam habilitados para suas funções.

Dessa maneira, com planos e metas, aos poucos vão sendo traçados caminhos sólidos e organizados para alavancar resultados.

Para finalizar, há o planejamento operacional, focado no curto prazo (de três meses a um ano), com métodos, processos e sistemas estabelecidos e detalhados para garantir que todos sigam o mesmo caminho em direção aos objetivos comuns do setor e da instituição como um todo. Nesse momento, identificamos um grande detalhamento das atividades, especificando as pessoas envolvidas em cada função, suas responsabilidades, equipamentos disponíveis, destinados àquela área e todas as informações pertinentes para execução efetiva do planejamento. Os planos de ações, cronogramas, organogramas e outras ferramentas de direção estão presentes também nesta etapa. Para exemplificar, podemos observar algumas sugestões de objetivos operacionais relacionados ao ambiente escolar:

- Implantar um sistema de adequação de conteúdos aos alunos de cada nível.
- Estabelecer um programa de qualidade total de aulas.
- Fechar parceria com uma universidade para capacitar os funcionários.

Além disso, há algumas questões norteadoras que podem ajudar a enxergar de forma mais clara as necessidades do período:

- Como fazer?
- Quem fará?
- Qual é o prazo esperado?
- Quais as ferramentas e recursos necessários?
- Quanto custará?
- Quais as alternativas?

Para ter segurança nas ações, faz-se necessário refletir sobre possíveis riscos e falhas nesses processos, assim como em prováveis formas de solução de problemas, caso apareçam.

Uma maneira de saber se o planejamento está adequado às ações é realizar avaliações, que podem ser quantitativas ou qualitativas, com questionários, análises de aprovações, notas, número de livros lidos, entre outras possibilidades. Essas avaliações poderão indicar se o andamento dos processos está adequado aos prazos e resultados traçados no planejamento e, assim, é possível fazer ajustes necessários, de forma que as metas e os objetivos continuem possíveis.



Assimile

Devemos ter claro que o planejamento é dividido em estratégico, tático e operacional e que no ambiente escolar é chamado de projeto político pedagógico, plano de ensino e plano de aula.

No entanto, como transferir todas essas informações para o ambiente escolar? Será que elas cabem nesse tipo de instituição? Já aprendemos que o planejamento pode fazer parte de diferentes instâncias, inclusive de modo pessoal. Nesse sentido, a vida escolar também pode e deve ser planejada. Para tal, vejamos o exposto nas próximas linhas:

Planejamento escolar consiste em uma ferramenta usada pelos gestores pedagógicos e administrativos da instituição, bem como pelos professores, com o intuito de gerir seus projetos. No caso dos gestores, cabe traçar as diretrizes administrativas e pedagógicas, respectivamente competentes às suas funções. Já para os professores, é necessário traçar suas metas, objetivos e procedimentos de acordo

com o planejamento da escola e também com os documentos legais que norteiam o ensino brasileiro. Estes documentos de nível nacional já foram conhecidos na primeira unidade desta apostila.

Por meio do planejamento escolar, os professores elegem os conteúdos que serão trabalhados e suas alocações junto ao calendário escolar. Também são expostos recursos bibliográficos, materiais de apoio, formas de avaliação, entre outras variáveis e, assim, visualiza-se o que é necessário realizar ao longo do ano com seus alunos. Mesmo que alguns conteúdos fiquem desajustados com o calendário escolar, durante o ano podem ser feitos ajustes, mantendo os objetivos e os conteúdos adequados à velocidade de ensino-aprendizado de cada turma e cada aluno em específico. Além dos aspectos mais gerais e amplos, podem ser planejadas atividades, eleitos materiais, atividades externas, presença de convidados, enfim, um grande universo de ações.

Para organizar essas ações, no ambiente escolar podemos encontrar o projeto político pedagógico, que reflete o que a instituição pensa e ambiciona academicamente. O plano de ensino ilustra o planejamento de longo prazo do professor e o plano de aulas que contempla os conteúdos mais específicos de cada encontro entre aluno e professor de cada conteúdo.

De modo geral, o projeto político pedagógico pode ser entendido como o planejamento estratégico, o plano de ensino é o planejamento tático e o plano de aula tem paridade com o planejamento operacional.

Entraremos em mais detalhes sobre a montagem desses documentos nas próximas unidades.

Pensando na proposta teórico-acadêmica, o planejamento com base nos ideais construtivistas devem considerar a exploração do ambiente pela criança. Se for uma proposta pautada nas ideias de Piaget, não precisará ser feita intervenção nem relação com o desenvolvimento social. Já com ideias semelhantes ao trabalho de Vygostki, o professor deverá mediar atividades, além de respaldar questões do desenvolvimento social. Os desafios deverão ser progressivos, em ambos os casos. Já no pensamento desenvolvimentista, o foco principal deverá ser o desenvolvimento motor e, nesse sentido, o professor elaborará propostas de atividades

que contemplem a faixa etária dos alunos, seu estado atual de desenvolvimento motor e pequenos passos para avançar nesse estado. Já em relação à psicomotricidade, a intervenção profissional é altamente solicitada, promovendo relações sociais, estando a postos para estímulos extrínsecos e pensando não apenas no desenvolvimento motor, mas também social, psicológico e cidadão da criança.



Assimile

Cada uma das teorias estudadas anteriormente tem suas semelhanças, mas também suas particularidades que devem ser levadas em consideração em sua construção.

Nesse processo, é importante estabelecer respaldo acadêmico, metas, objetivos gerais, específicos, além de calendário, recursos materiais, atividades complementares e tudo o que for necessário para o desenvolvimento das aulas.



Pesquise mais

Alguns blogs na internet mostram outros materiais relacionados ao planejamento escolar. Acesse os links indicados e aprenda um pouco mais sobre a forma de montar um planejamento:

CANAL PEDAGÓGICO. **Plano de aula na concepção construtivista**. Disponível em: <<http://canalpedagogico.blogspot.com.br/2009/07/plano-de-aula-na-concepcao.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

A MAGIA DO EDUCAR. **Modelo de plano de aula socioconstrutivista**. Disponível em: <<http://amagiadoeducar.blogspot.com.br/2014/10/modelo-de-plano-de-aula-socio.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

Esses vídeos também podem contribuir com seu aprendizado:

NOVA ESCOLA. **Aspectos do planejamento escolar**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uCQCtHOnwkM>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

TV CPP. **Como fazer um bom planejamento escolar?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rIuqayi8R1s>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

Na sequência você verá três modelos sugeridos para cada uma das abordagens:

Sugestão de planejamento estratégico relacionado às aulas de Educação Física infantil:

Embasamento teórico: Lev Vygostky

Objetivos gerais: atender às crianças de zero a seis anos e elaborar ambientes que favoreçam suas explorações para amplo desenvolvimento motor, sem e com auxílio docente, além da interação com outras pessoas nos locais de aulas.

Objetivos específicos:

Crianças de zero a dois anos: nessa faixa etária, espera-se o desenvolvimento e aguçamento dos sentidos e de gestos básicos, principalmente relacionados a pequenas manipulações de objetos e locomoção.

Crianças de dois a seis anos: faixas etárias subdivididas:

- De dois a quatro anos – uso da função simbólica por meio da linguagem, do jogo e da imitação. Assim, serão construídos conceitos, principalmente pelas experiências visuais concretas.
- De quatro a cinco anos – período com grande aumento de questionamentos, o que a faz refletir sobre as possibilidades de exploração que podem experimentar. É uma fase rica em descobertas, em relação à etapa anterior.
- De cinco anos e meio a sete anos de idade: período em que a criança reproduz seus conhecimentos adquiridos em situações já vivenciadas e outras ainda desconhecidas.

Sugestões de atividades:

Elaboração de ambiente com diferentes texturas (terra, pedras, tecidos variados, tapetes, colchões), diversas possibilidades de locomoção (túneis, pontes, espaços largos, estreitos) e objetos variados para exploração (bolas, arcos, penas, materiais esportivos, roupas, almofadas).

O professor deverá demonstrar diferentes possibilidades aos alunos, auxiliá-los quando for solicitado ou se deparar com situações relacionadas à zona de desenvolvimento proximal, incentivando a interação entre crianças mais velhas e mais novas, sendo que os mais velhos poderão servir de modelo para os mais novos.

Embasamento teórico: Go Tani

Objetivos gerais: atender às crianças de zero a seis anos e elaborar atividades que favoreçam o desenvolvimento motor das expectativas para cada faixa etária, respeitando variações acima e abaixo da média, conforme necessidades individuais.

Objetivos específicos:

Crianças de zero a quatro meses: fase motora reflexiva. Estímulos aos reflexos naturais humanos, etapa de reunião de informações no córtex.

De quatro meses a um ano: fase motora reflexiva. Diminuição gradativa dos reflexos e aquisição progressiva de movimentos voluntários. Fase de uso das primeiras informações adquiridas no período anterior.

De um a dois anos: fase motora rudimentar. Período de prática e domínio de diversos movimentos rudimentares, como segurar objetos, controle de movimentação e locomoção.

De dois a três anos: fase motora rudimentar inicial. Domínio de padrões motores rudimentares e refinamento de gestos motores. Locomoção regular, manipulação de objetos de forma consciente e firme, estabilização corporal regular.

De quatro a cinco anos: fase motora rudimentar elementar. Coordenação rítmica, espaço temporal. Padrões de movimento ainda restritos ou exagerados, mas com maior domínio.

De seis a sete anos: fase motora rudimentar madura. Movimentos eficientes, conscientes, coordenados e controlados.

Sugestões de atividades:

Elaboração de diferentes tarefas motoras, cada uma delas adequada às faixas etárias e suas fases de desenvolvimento. Os trabalhos serão realizados nos espaços de atividades físicas e também terão progressão gradativa.

O professor deverá demonstrar as atividades e gestos esperados, adaptando cada uma à respectiva faixa etária e auxiliar na aquisição e aprimoramento dos gestos motores.

Embasamento teórico: Associação Brasileira de Psicomotricidade

Objetivos gerais: Atender às crianças de zero a seis anos e elaborar atividades que favoreçam o desenvolvimento global das crianças em cada faixa etária, desde aspectos motores, sociais e psicológicos.

Objetivos específicos:

Desenvolver e aprimorar gestos motores básicos, como: correr, pular, saltar, rolar, puxar, empurrar, respeitando cada um dos momentos das faixas etárias e aprimorando habilidades básicas e transformando-as em complexas.

Sugestões de atividades:

Elaboração de variados circuitos psicomotores, com diferentes materiais, como: pranchas, rampas, rolos, colchões, barreiras, bolas, plintos etc. Os circuitos serão elaborados com desafios mais simples e ampliarão a dificuldade conforme domínio dos alunos.

O professor deverá demonstrar as atividades e os gestos possíveis, adaptando cada uma às suas respectivas faixas etárias e auxiliar na aquisição e no aprimoramento dos gestos motores. Além disso, também terá como função expor estímulos extrínsecos e reforçar os intrínsecos, além de orientações para interação com os colegas de turma. Em conflitos surgidos nas aulas, poderá haver mediação do professor para solução, seja de forma individual ou coletiva.

Os modelos acima são pequenos exemplos de como colocar em prática os conceitos teóricos expostos na seção anterior. Logicamente, há muito mais na construção deles, com aprofundamento em cada fase do planejamento, que tem diferentes dimensões, como aprendido nesta seção. Aqui, temos o que seria o planejamento tático ou plano de ensino, ainda bem rudimentar. Sendo assim, cabe aprimorar os estudos sobre as teorias e transferi-las para o papel e posteriormente para a prática.



Assimile

Realizar o planejamento é importante, assim como revisá-lo constantemente para checar se continua adequado às necessidades e aos objetivos de cada turma.



Refleta

Após todas essas explanações sobre a importância do planejamento e pequenos exemplos de como construir esses documentos, pense nas suas aulas vivenciadas ao longo de sua vida como estudante. Havia sequência lógica na transmissão de conteúdos? Havia variação de métodos para esse processo ensino-aprendizagem? Os professores mais organizados tinham melhor ou pior desempenho em relação aos menos organizados? E seu desempenho como estudante foi melhor quando esteve organizado em seus estudos?



Ao iniciar o ano letivo, o professor Antônio participou das reuniões pedagógicas e treinamentos promovidos pela escola onde trabalha. Desse modo, teve acesso a diferentes conteúdos sobre projetos realizados ao longo do ano. Dias depois, foi convidado a apresentar seu planejamento.

Ele elaborou o planejamento após ler o projeto político pedagógico da escola, incluindo itens como calendário das aulas, número de aulas que cada turma teria até o final do ano, atividades extracurriculares, além, é claro, de itens como intenções de desenvolvimento motor dos alunos, técnicas e materiais a serem utilizados.

Ao finalizar sua apresentação, o corpo gestor da escola o elogiou pela aplicação e detalhamento do planejamento, mas o questionou em relação aos conteúdos específicos das aulas.

Será que esse item realmente faltou?

Sem medo de errar

Os gestores selecionaram alguns materiais sobre elaboração de conteúdos e planejamento escolar, desde o projeto político pedagógico até o plano de aulas. Eles sugeriram que o professor Fábio lesse esses materiais e retornasse com suas dúvidas. Após realizar tal tarefa, o docente indagou: “Preciso descrever os conteúdos que vou trabalhar, estabelecer um calendário aproximado das atividades e pensar de quais recursos necessitarei, mas ainda não entendi muito bem a questão dos ajustes”.

Então, um dos gestores o alertou: “Professor, os ajustes só serão realizados em caso de necessidade. Para isso, você precisa iniciar seu ano letivo, suas aulas, avaliar seus alunos e verificar se está adequado o que pensou para eles e, se estiver, continue, mas se perceber que há divergências, reorganize seu planejamento para que suas aulas atinjam seus objetivos e as crianças se desenvolvam de acordo com as expectativas e possibilidades delas”.

Assim, o professor compreendeu que o planejamento era uma diretriz para seu início e não um engessamento de suas ações. Ele se organizou e iniciou as aulas.

Avançando na prática

O ensino de história na pedagogia

Descrição da situação-problema

Ao iniciar as aulas, o professor Fábio observou seus alunos por cerca de duas semanas e se debruçou sobre seus planejamentos. Analisou a todos e percebeu que na turma de crianças de quatro a cinco anos havia muitos alunos com necessidades básicas mais simples daquelas que ele havia planejado. Nesse momento, ele se deparou com suas dúvidas anteriores: como realizar a adequação das atividades para essas crianças se, de acordo com sua idade, elas estão em estágios diferentes de desenvolvimento?

Resolução da situação-problema

O professor buscou novamente seus gestores e fez tais questionamentos, então foi orientado de que, por mais que a idade cronológica fosse avançada, as crianças ainda tinham necessidades mais simples e que, nesse caso, o planejamento deveria atender às dificuldades dos alunos, ou seria muito difícil que alcançassem as expectativas criadas para as aulas.

Após o ajuste, o professor percebeu que os alunos evoluíram muito e rapidamente ficaram aptos a seguir o que havia sido planejado anteriormente. Mais uma vez, o planejamento precisaria ser modificado, mas agora Fábio já sabia o que fazer.

Faça valer a pena

1. O planejamento, em sua essência, é o ato de planejar, criar um plano para otimizar o alcance de um objetivo específico. Essa palavra pode abranger muitas áreas diferentes, pois podemos tratar

de planejamento econômico, familiar, financeiro, profissional, empresarial, escolar, entre outros.

De maneira geral, como podemos sintetizar o planejamento?

- a) Elaboração de objetivos e organização para alcançá-los.
- b) Elaboração de documentos sem objetivos específicos.
- c) Pensamento abstrato de onde queremos chegar.
- d) Ações fixas a serem realizadas para, posteriormente, pensar em uma meta.
- e) Plano para aumento do número de objetivos claros.

2. Por meio do planejamento escolar, os professores elegem os conteúdos que serão trabalhados e suas alocações junto ao calendário escolar.

Associe as colunas abaixo e selecione a ordem correta de correspondência:

- | | |
|------------------------------|---------------------------------|
| (a) Planejamento estratégico | (1) Plano de aula |
| (b) Planejamento operacional | (2) Plano de ensino |
| (c) Planejamento tático | (3) Projeto político pedagógico |

- a) a-1; b-2; c-3.
- b) a-3; b-2; c-1.
- c) a-2; b-3; c-1.
- d) a-3; b-1; c-2.
- e) a-2; b-1; c-3.

3. Estamos apressados e precisamos iniciar nossas atividades o quanto antes. Não há tempo para planejamento.

Refleta sobre a frase acima e sobre os conhecimentos adquiridos nesta seção. Escolha a alternativa que melhor descreve sua reflexão:

- a) O planejamento é importante para cumprir protocolo.
- b) O planejamento é importante para organização e gestão.
- c) O planejamento não é tão importante para avaliação.
- d) O planejamento é importante apenas para contenção de gastos.
- e) O planejamento é importante apenas para delegar funções de funcionários.

Referências

A MAGIA DO EDUCAR. **Modelo de plano de aula socioconstrutivista**. Disponível em: <<http://amagiadoeducar.blogspot.com.br/2014/10/modelo-de-plano-de-aula-socio.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017

ABP. **O que é psicomotricidade**. Disponível em: <<http://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade/>>. Acesso em: 8 dez. 2016.

AKRÉ, J. **Alimentação infantil**: bases fisiológicas. 1997. Disponível em: <<http://www.ibfan.org.br/documentos/ibfan/doc-288.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

BACH JUNIOR, J. **A pedagogia Waldorf como educação para a liberdade: reflexões a partir de um possível diálogo entre Paulo Freire e Rudolf Steiner**. 2012. 409 f. Tese (Doutorado em Educação), Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <[http://www.ppge.ufpr.br/teses_d2012/d2012_Jonas Bach Junior.pdf](http://www.ppge.ufpr.br/teses_d2012/d2012_Jonas%20Bach%20Junior.pdf)>. Acesso em: 18 jan. 2017.

BOSSLE, F. Planejamento de ensino na Educação Física – uma contribuição ao coletivo docente. **Movimento**, v. 8, n. 1, p. 31-39, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19480/000317609.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

BRUNO, M. M. G. **Educação infantil**: saberes e práticas da inclusão. 4. ed. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

CANAL PEDAGÓGICO. **Plano de aula na concepção construtivista**. Disponível em: <<http://canalpedagogico.blogspot.com.br/2009/07/plano-de-aula-na-concepcao.html>>. Acesso em: 20 fev. 2017

CASTRO, P. A. P. P.; TUCUNDUVA, C. C.; ARNS, E. M. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. **Athena – Revista Científica de Educação**, v. 10, n. 10, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://nead.uesc.br/arquivos/Fisica/instrumentacao/artigo.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017

COSTA, E. M.; COELHO, M. C.; SANTANA, C. B. A Educação Física na educação infantil: uma perspectiva desenvolvimentista. **EDeportes, Revista Digital**, ano 16, n. 164, jan./ 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd164/a-educacao-fisica-na-educacao-infantil.htm>>. Acesso em: 5 dez. 2016.

COSTA, J. M. **A criança e a pedagogia Freinet na educação integral**. 2013. 17 f. Monografia (Especialização em educação integral) – Universidade Estadual de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/30385923.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

FARIA, A. C. E. et al. Método Montessoriano: a importância do ambiente e do lúdico na educação infantil. **Revista Eletrônica da Faculdade Metodista Granbery**, n. 12, p. 1-21, jan. 2012. Disponível em: <<http://re.granbery.edu.br/artigos/NDY2.pdf>>. Acesso em: 18 jan. 2017.

FERNANDES, C. T.; DANTAS, P. M. S.; MOURÃO-CARVALHAL, M. I. Desempenho psicomotor de escolares com dificuldades de aprendizagem em cálculos. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 95, n. 239, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812014000100007&lang=pt>. Acesso em: 8 dez. 2016.

GALLAHUE, D. L. **Educação Física desenvolvimentista para todas as crianças**. São Paulo: Phorte, 2008.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3.ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GOMES, J. A. D. G. **Construção de coordenadas espaciais, psicomotricidade e desempenho escolar**. 1998. 192 f. Tese (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000134714>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

HAYWOOD, K. M. **Desenvolvimento motor ao longo da vida**. Coautoria de Nancy Getchell. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

LE BOULCH. **Educação psicomotora**. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. Tradução: Jeni Wolff.

LIBÂNEO, J. C. Formação de professores e didática para desenvolvimento humano. **Educação e Realidade**, v. 40, n. 2, p. 629-650, jun./2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362015000200629>. Acesso em: 17 dez. 2016.

MARQUES, T. S. et al. Desenvolvimento motor: padrões motores fundamentais de movimento em crianças de quatro e cinco anos de idade. **EFDeportes, Revista Digital**, ano 18, n. 186, nov./2013. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd186/padroes-motores-fundamentais-de-movimento.htm>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

MELHORAMENTOS. **Dicionário brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=planejamento>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

MUNDO DO ABC. **Fases do desenvolvimento infantil (de zero a seis anos)**. Disponível em: <<http://mundodoabc.com.br/index.php/blog/69-fases-do-desenvolvimento-infantil-0-a-6-anos>>. Acesso em: 18 nov. 2016.

NOVA ESCOLA. **Aspectos do planejamento escolar**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uCQCtHOnwKM>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. Coautoria de Ruth Duskin Feldman. 12. ed. Porto Alegre: Amgh Editora, 2013.

PAULA, G. B. **Planejamento estratégico, tático e operacional: o guia completo para sua empresa garantir os melhores resultados**. Disponível em: <<https://www.treasy.com.br/blog/planejamento-estrategico-tatico-e-operacional>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

RABELLO, E.; PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em: <<http://www.josesilveira.com/artigos/vygotsky.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2016.

RODRIGUES, D. A Educação Física perante a educação inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. **Revista da Educação Física**, v. 14, n. 1, p. 67-73, 2003. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3649/2515>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

SANTANA, A. L. **Construtivismo**. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/educacao/construtivismo/>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

SANTOS, N.; GOETZE, A. C.; ARAGÃO, A. C. **Fisiologia do crescimento**. Disponível em: <http://pt-br.infomedica.wikia.com/wiki/Fisiologia_do_Crescimento>. Acesso em: 18 nov. 2016.

SHAFFER, D. R.; KIPP, K. **Psicologia do desenvolvimento**: infância e adolescência. 8. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SCHMIDT, R. A.; LEE, T. D. **Aprendizagem e performance motora**: dos princípios à aplicação. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

SOUZA, C. R. C.; ARAÚJO, J. A.; MENEZES, T. L. P. Abordagem pedagógica desenvolvimentista na Educação Física escolar: uma visão pessoal. **EFDeportes, Revista Digital**, ano 19, n. 199, dez./2014. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd199/abordagem-desenvolvimentista-na-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 7 dez. 2016.

TANI, G.; BASSO, L.; CORRÊA, U. C. O ensino do esporte para crianças e jovens: considerações sobre uma fase do processo de desenvolvimento motor esquecida. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 26, n. 2, p. 339-350, jun./2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092012000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 jan. 2017.

TV CPP. **Como fazer um bom planejamento escolar?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rлуqayi8R1s>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

VILELA JUNIOR, G. B. **Teoria psicocinética de Le Boulch**. Disponível em: <<http://www.cpaqv.org/epistemologia/leboulch.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

VITOLLO, M. R. **Nutrição**: da gestação à adolescência. São Paulo: Reichmann e Affonso, 2003.

Conceitos básicos da Educação Física no ensino fundamental

Convite ao estudo

Caro aluno, já tivemos a oportunidade de passar pelos aspectos históricos da Educação Física, vimos a instituição da Educação Física e sua legislação, iniciamos os estudos sobre crescimento e desenvolvimento, bem como o conhecimento de algumas teorias e princípios de planejamento. Nesta unidade, daremos seguimento ao envolvimento no ambiente escolar e à Educação Física dentro desse contexto, avançando em suas linhas de aplicação e ingressando no ensino fundamental e no ensino médio. Além disso, abordaremos os aspectos do crescimento e desenvolvimento, bem como as teorias que se enquadram nesse contexto, trazendo reflexões sobre suas diferenças com relação à educação infantil.

Ao final deste processo, você compreenderá o ensino da Educação Física no contexto do ensino fundamental e médio, com suas características e particularidades das escolas nacionais. É importante destacar que também deverão ser considerados os aspectos culturais e a reflexão sobre a relevância de conteúdos e práticas das aulas de Educação Física para crianças de 6 a 14 anos e adolescentes de 15 a 18 anos, conhecendo as teorias e relacionando-as com as mudanças nessas faixas etárias.

Assim sendo, desejamos a você que a aquisição dos conhecimentos necessários e sugeridos facilite a abordagem em atividades teóricas e práticas e que incremente os aspectos biopsicossociais dos seus alunos, estabelecendo uma boa didática com eles.

Nesta terceira unidade, estudaremos os aspectos de alterações que acontecem durante o processo de crescimento e

desenvolvimento de 6 a 14 anos, teremos acesso a algumas das abordagens teóricas mais aplicadas para o ensino fundamental e aprofundaremos nossas discussões sobre o planejamento escolar. Após o conhecimento desses conteúdos, teremos essa mesma base de informações adequadas ao ensino médio, na quarta unidade, e o aprofundamento em assuntos transversais sobre a Educação Física e sua função escolar como um todo.

Cabe aqui continuar a reflexão sobre a importância do Educador Físico no cenário escolar e como deve ser a postura e atuação em cada seguimento desse ambiente, visto que, em diversos momentos, são sugeridas outras funções além da prática de atividades físicas.

Aproveite o material teórico oferecido e aprofunde seus conhecimentos pesquisando mais nas próprias referências e também nas sugestões ao longo dos materiais. Esta será a sua base para a iniciação profissional e atuação com segurança, competência e respaldo científico no mercado de trabalho.

Bons estudos!

Seção 3.1

Crescimento e desenvolvimento dos 6 aos 14 anos

Diálogo aberto

Ao iniciar suas atividades com as turmas do ensino fundamental, a professora Márcia não teve problemas com os procedimentos de suas aulas com as turmas mais novas, de 1º e 2º anos, porém, com classes que já haviam experimentado por mais tempo a Educação Física no ensino fundamental, os problemas começaram a aparecer. Quanto mais velhos os alunos, mais frequente era o pedido dos meninos em apenas jogar futebol e muitas das meninas queriam outras atividades que não envolvessem os meninos. Nesse ponto do ensino fundamental as crianças já começam a expor suas preferências, mas, será que em uma aula de Educação Física esse deve ser o procedimento? Qual deve ser a conduta da professora Márcia com os alunos de ensino fundamental em relação aos seus pedidos e os objetivos traçados no planejamento para as aulas?

Não pode faltar

A criança, no período de transição entre o ensino infantil e o ensino fundamental já está mais madura, desenvolvida e com seus processos de crescimento mais estáveis em relação ao período pós-parto, até seus dois ou três anos. Cabe lembrar que nosso processo de crescimento e desenvolvimento é extremamente complexo e que depende de fatores intrínsecos e extrínsecos, como hormônios, carga genética, estímulos, condições ambientais e outros.

Nesta unidade, abordaremos a faixa etária de 6 a 14 anos, com seus principais avanços. Existe uma estimativa que, dos 6 aos 11 anos, a criança cresça 5 cm e ganhe cerca de 2,5 kg anualmente e que essas pequenas alterações seguirão até ela chegar à sua altura

final aproximada para a idade adulta, fato que ocorre ao término da adolescência (SHAFFER; KIPP 2012). Quanto ao peso, este sofre outras influências de diversos fatores, como a atividade física e os hábitos alimentares. Em relação ao crescimento ósseo, é possível afirmar que nessa fase já existe grande calcificação e conexão entre suas extremidades e que isso é proporcional ao aumento da idade, pois o desenvolvimento dessas estruturas se consolida por volta dos 18 anos. Do ponto de vista muscular, também há relação direta entre a faixa etária e sua maturação, sendo a adolescência um marco desse aumento de músculos, pois é nessa fase que começa a diferenciação de força e volume muscular nos sexos, sendo os meninos mais fortes e musculosos que as meninas.

Também nessa fase, por volta de 9 anos de idade, temos a estabilização do crescimento do cérebro e da cabeça e, por volta de 12 anos, há grande aumento de velocidade no desenvolvimento do sistema reprodutivo, o sistema linfóide tem seu pico de desenvolvimento e há o famoso estirão de crescimento, ou seja, o crescimento geral é acelerado para ambos os sexos, começando com as meninas (SHAFFER; KIPP, 2012). Durante o período do estirão de crescimento, há marcos nítidos, como mudanças na aparência de mamas e alargamento de quadril nas mulheres e alargamento de ombros nos homens, características que aproximam cada vez mais o corpo adolescente do corpo adulto. As meninas podem crescer de 27 cm a 29 cm entre os 10 e 12 anos de idade e os meninos podem crescer entre 28 cm e 31 cm entre os 13 e 16 anos de idade, períodos aproximados do estirão de crescimento ocorrido na adolescência (SHAFFER; KIPP, 2012).

Do ponto de vista hormonal, os principais fatores são: o GH ou hormônio do crescimento (já visto na unidade anterior), que influencia no desenvolvimento das estruturas físicas corporais, como ossos e músculos; o estrogênio, hormônio produzido e liberado pelos ovários e que determinará as características do sistema reprodutor feminino, como mamas, vagina, útero, alargamento do quadril e crescimento de pelos púbicos; a testosterona, que nos homens é produzida e secretada pelos testículos e nas mulheres pelos ovários. Ela está para os homens como o estrogênio para as mulheres, ou seja, a testosterona determina o crescimento do pênis, da próstata, alterações na voz e crescimento de pelos nas diversas partes do corpo. Ela também tem uma pequena participação no crescimento geral dos indivíduos, sendo que o principal

contribuinte nesse processo é o GH (SHAFFER; KIPP, 2012).

Cabe reforçar mais uma vez que a maioria dos indivíduos tem esses padrões de processos de crescimento, porém, há a individualidade biológica, bem como os fatores externos, como nutrição, ocorrência de doenças, estresse emocional, entre outros.



Assimile

Durante o processo de crescimento, entre os 6 e 14 anos, há grande atuação dos hormônios GH, estrógeno (nas mulheres) e testosterona (principalmente nos homens e em menor escala nas mulheres). Ambos os sexos passam pelo estirão de crescimento, que levará suas alturas para uma medida muito próxima daquela definitiva na idade adulta. Também é nessa fase que os ossos estão com grande calcificação e há aumento do volume muscular, principalmente nos homens.

Após tanta evolução de crescimento corporal, há alterações também no desenvolvimento motor nessa faixa etária.

De modo geral, o desenvolvimento motor primário, que engloba andar, correr, pular, saltar, arremessar, agarrar, escalar, rolar e outros gestos básicos e simples, é adquirido nos seis primeiros anos de vida, gradualmente, do simples para o complexo.

Quando ficam mais velhas, as crianças passam a aprimorar seus movimentos, pulando mais alto, saltando mais longe, arremessando mais forte, rolando após uma corrida, entre outras milhares de associações de movimento. Isso acontece por motivo simples, como o crescimento muscular e maior controle motor (SHAFFER; KIPP, 2012) e esses elementos permitem que a exploração de gestos e o controle muscular fino torne os movimentos cada vez mais complexos, agregando diferentes partes do corpo para a realização mais efetiva de um movimento.



Exemplificando

Para tornar nosso pensamento mais claro, observe o exemplo que segue:

Quando a criança tem por volta de três ou quatro anos, ela já consegue realizar lançamentos de objetos de forma rudimentar, utilizando apenas os movimentos do braço, punho e mão.

Ao passar por alguns anos experimentando essa tarefa, por volta dos 10 anos de idade, já consegue associar diferentes partes do corpo para a realização da mesma tarefa, agregando movimentos nas pernas, quadril e tronco, fazendo o lançamento de forma mais eficiente, alcançando maior distância, com menor gasto energético e também com maior precisão de pontaria.

Nesse sentido, podemos perceber que, com o passar dos anos, crescimento corporal e domínio motor, a mesma tarefa pode ser cumprida com maior número de elementos e maior eficiência por parte da criança (GALLAHUE, 1989 apud SHAFFER; KIPP, 2012).

Além desses pontos avaliados no desenvolvimento motor, também podemos perceber que a coordenação óculo-manual é aprimorada, permitindo que movimentos finos sejam realizados, sem a necessidade de monitoramento visual focado e constante. Mais do que isso, o tempo de reação a estímulos é diminuído, ou seja, as crianças ficam mais ágeis.



Exemplificando

Para compreender esse fato, podemos analisar uma partida de tênis de mesa entre um adolescente de 12 anos e uma criança de sete anos. O adolescente já possui maior força, resistência e domínio corporal que seu oponente, que está em uma fase de transição entre o movimento rudimentar e o complexo. Nessa partida, o adolescente leva larga vantagem sobre o adversário mais jovem, que pode até tentar solucionar tal diferença, mas as chances de obter sucesso são mínimas.

Nesse sentido, notamos maior coordenação motora global, local e fina, além da coordenação entre diferentes sentidos, como a visão e o tato para a realização de gestos e tarefas.



Para condensar nosso conhecimento, precisamos compreender que ao longo da faixa etária de 6 a 14 anos há aumento muscular, bem como maior domínio das ações musculares. Com essa capacidade apurada, os gestos motores podem ser mais explorados, antes com movimentos rudimentares e, nessa fase, com controle motor fino e associação de diferentes partes do corpo para realização de gestos e movimentos mais complexos.



O artigo “Desenvolvimento infantil no interior do Amazonas: avaliação antropométrica de escolares de 9 anos” pode ajudar a compreender as diferenças regionais e de fatores externos nos aspectos de crescimento e desenvolvimento infantil:

LIMA, A. C. G. et al. Desenvolvimento infantil no interior do Amazonas: avaliação antropométrica de escolares de 9 anos.

Saúde e Transformação Social, v. 6, n.3, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://stat.cbsm.incubadora.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/3479>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

Dentro das perspectivas já estudadas anteriormente, temos duas definições de fases do desenvolvimento motor, segundo Jean Piaget (1896- 1980) e David Gallahue (1943-).

O primeiro autor, de acordo com Shaffer e Kipp (2012), coloca a faixa etária de 6 a 14 anos distribuída da seguinte maneira:

- De seis a sete anos: estágio pré-operatório, no qual as crianças estão finalizando o processo de inteligência simbólica, com avaliações rasas sobre fatos e pouca colocação no lugar do outro para ponderar situações.
- De sete a 12 anos: estágio operatório concreto, no qual ainda depende do mundo real para compreender situações, porém já começa a interpretar fatos com relação sobre tempo, velocidade e ordem diferentes da realidade, além de iniciar e aprimorar a percepção sobre simulacros.

- De 12 anos em diante: estágio operatório formal, momento em que as crianças já conseguem usar da abstração e fazem relações além daquelas que os fatos concretos ilustram, buscando soluções para as situações-problema, usando também a lógica.

Essas informações, também obtidas no texto de Terra (2017), elucidam a evolução do desenvolvimento de crianças e adolescentes, que transcendem os aspectos cognitivos e também contribuem no aprendizado motor.

Já Gallahue (2005) traz em sua ampulheta a seguinte divisão:

- De seis a sete anos – fase motora fundamental, estágio maduro: nesse ponto da fase motora, as experimentações e vivências são mais firmes em relação a todo aprendizado adquirido até essa idade, nesse sentido, os movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos estão mais aprimorados, sendo realizados com competência e controle motor.
- De sete a dez anos – fase motora especializada, estágio transitório: nessa etapa, os movimentos aprendidos nas fases anteriores são auxiliares e base para o desenvolvimento de atividades motoras complexas, como práticas esportivas, que demandam combinações de gestos e atitudes. Além disso, as habilidades básicas são cada vez mais refinadas e combinadas, com mais elaboração, enquadrando-se em cenários mais complexos e tarefas com grau de dificuldade mais exigente. Nesse momento, também podemos identificar a importância de vivências variadas para aumento crescente do repertório motor das crianças, evitando especialização precoce, por exemplo.
- De 11 a 13 anos – fase motora especializada, estágio de aplicação: após e concomitante à sofisticação dos movimentos, ocorre a sofisticação cognitiva, aumentando a capacidade de tomada de decisão de aprendizado e de ação, com base nas mais variadas informações que a tarefa possa conter. Portanto, nesse estágio, a seleção das atividades de sua preferência aumenta. Do ponto de vista do movimento, a forma de realização, habilidade de execução

e a precisão do movimento são mais aprimorados ainda, sendo adequadas para seu refinamento e uso em jogos e atividades mais complexos.

- De 14 anos em diante – fase motora especializada, estágio de utilização permanente: nessa etapa, há o princípio do auge de todo o processo de desenvolvimento motor e, teoricamente, dura toda a vida adulta dos indivíduos, tendo como característica principal o uso de todo repertório motor adquirido ao longo dos anos anteriores. Os interesses e seleções feitos na fase anterior são postos em prática e refinados nas atividades da vida diária, esportes e atividades de lazer praticados, com exceção das influências externas que podem interferir na efetiva utilização dos gestos motores.



Assimile

Ao longo dos primeiros anos de vida, experimentamos diferentes movimentos e aprendemos várias habilidades que, aos poucos, são aprimoradas e utilizadas nas mais oportunas tarefas às quais temos que cumprir. Apesar de, teoricamente, esse modelo compreender de forma linear o desenvolvimento motor, não podemos nos esquecer de que fatores externos, como estímulos, ambientes, nutrição e interesses, refletem no resultado final.



Refleta

Tivemos a oportunidade de estudar duas propostas de divisão de desenvolvimento, suas separações em faixas etárias e expectativas. Piaget (ano) traz reflexões voltadas aos aspectos cognitivos e Gallahue (2005) foca nos aspectos motores, porém os dois autores podem ser complementares.

Ao visualizar o proposto por Gallahue (2005), você considera essas fases adequadas aos aspectos de desenvolvimento motor pelo qual passamos?

Todas essas alterações fisiológicas e motoras fazem com que a criança tenha que passar por inúmeras adaptações e aprendizados e da mesma maneira também podem ser vistas as relações sociais nessa faixa etária.

Como mudanças sociais, podemos destacar principalmente o desenvolvimento do autoconceito que, “por volta dos 8 anos as crianças passam a se descrever considerando seus atributos internos e psicológicos duradouros” (SHAFFER; KIPP, 2012, p. 585), com o passar dos anos, “os adolescentes têm um autoconceito mais integrado e abstrato, que inclui não somente suas qualidades disposicionais, mas também o conhecimento de como essas características podem interagir com as influências situacionais para afetar seu comportamento” (SHAFFER; KIPP, 2012, p. 585), além disso, no tocante à Educação Física, “as relações com os companheiros tornam-se cada vez mais importantes. A segregação de gênero nas atividades grupais com amigos está no auge nesses anos” (BEE, 1997, p. 312).

Desse modo, podemos verificar que as crianças avaliam suas qualidades para se descrever e, após alguns anos, também incluem suas ações. Nesse ponto, quando as aulas de Educação Física tratam de jogos e atividades coletivas, a barreira de gênero pode interferir no processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos, mas é algo próprio da idade. Assim, nota-se que o reforço da socialização dentro das aulas de Educação Física com a atuação do professor de Educação Física poderá determinar também se haverá exclusão em suas aulas, seja por gênero, habilidade ou necessidade especial de algum aluno.



Exemplificando

Ao longo do ano, as aulas de Educação Física aconteceram sem muitos problemas. Após o recesso de Julho, os alunos retornaram com um novo colega na turma, Pedro, cadeirante, e muito empolgado com a nova escola.

Quando foram para a aula de Educação Física, o professor elaborou uma atividade corriqueira, pega-pega, e colocou a todos para brincar, inclusive Pedro que, à sua maneira, participou como fugitivo e pegador. Pedro saiu da aula satisfeito, conversando com os colegas, contando sobre sua antiga escola e também suas experiências.



Sugerimos que aprofunde seus conhecimentos, lendo o material indicado, que pode auxiliar na compreensão das alterações sociais nessa faixa etária:

LAZZARI, A. **A socialização de crianças e adolescentes no contexto de um projeto social de tênis**. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/18893>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

Seguindo as discussões sobre alterações sociais, entraremos na discussão sobre aspectos psicossociais. Shaffer e Kipp (2012) apresentam resultados de pesquisas com meninas adolescentes, que reforçam a ideia de que a prática em atividades físicas (no caso da pesquisa foram englobadas apenas atividades esportivas formais) têm efeitos positivos no nível de autoestima, sentimentos de competência física, autoavaliação de imagem corporal e posse de atributos desejáveis, como competitividade sadia e objetividade. Esses aspectos psicossociais podem influenciar a forma como a adolescente lida e se coloca em relacionamentos interpessoais. Nesse mesmo ponto, é reforçada a importância da postura profissional ao abordar, incentivar e dar suporte técnico às meninas durante as práticas esportivas formais, buscando enfatizar e educar no sentido dos benefícios da permanência em programas de atividades físicas. Podemos perceber que o processo da adolescência inicia por volta de 11 a 14 anos, anos finais do ensino fundamental, então, a autoestima pode diminuir progressivamente até o ensino médio. Cabe ressaltar que as boas condutas dos professores de Educação Física no ensino fundamental podem ser facilitadoras para a permanência em programas esportivos nos anos mais avançados da adolescência, auxiliando na melhoria da autopercepção das adolescentes.

Continuando sobre aspectos sociais, Shaffer e Kipp (2012) abordam as formas de relacionamento familiar, controle dos pais, desenvolvimento de independência e autonomia. Os autores colocam que há possibilidades de relacionamentos com mais controle e aqueles com menos, variando conforme a cultura na qual a família está inserida, assim como há momentos com mais laço afetivo e outros com menos.

Além disso, os estudiosos apontam que a forma com indicativo de maior sucesso e equilíbrio sobre o desenvolvimento da autonomia e controle dos pais é aquela em que os tutores oferecem oportunidades de escolhas por parte dos adolescentes, dando-os a chance de experimentar o poder da escolha, mas também deixando-os cientes de que devem arcar com as possíveis consequências, mas que, ao mesmo tempo, eles têm suporte para enfrentar as consequências e partir para as próximas decisões, o que nos permite inferir que esse processo tem seu início nos anos finais do Ensino Fundamental, aumentando gradativamente conforme avança a idade das crianças.

Outro ponto importante sobre aspectos psicossociais, exclusivamente relacionado a meninas, é sobre a menarca. Ainda não há consenso sobre as reações, mas tem-se claro que são contraditórias, principalmente se o amadurecimento vem mais cedo do que outras colegas ou se não foram orientadas sobre o assunto. Em relação à primeira ejaculação nos meninos, também não há relatos sobre a preparação para diálogo acerca desse assunto e as reações também parecem controversas (SHAFFER; KIPP, 2012, p. 245).

Nessa dinâmica existe a adoção de papéis sociais, ou seja, entre seis e oito anos a criança já pode reconhecer diferentes papéis sociais das pessoas, como professores, pais, avós, irmãos, amigos e outros presentes em seu contexto social; entre oito e dez anos, consegue analisar diferentes pontos de vista sobre o mesmo assunto, coloca-se no lugar do outro e também antecipa reações dos outros a seus comportamentos; dos 10 aos 12 anos, já pode considerar diferentes pontos de vista ao mesmo tempo, aprimora sua capacidade de se colocar no lugar do outro e tem visão de como todos os envolvidos na situação podem reagir de acordo com o comportamento dela; de 12 a 15 anos de idade, o adolescente já tenta entender o ponto de vista do outro e cria expectativa de que o outro assuma posicionamentos semelhantes ao da maioria de seu grupo social (SHAFFER; KIPP, 2012, p. 580).

Esses parâmetros levantados pela adoção de papéis sociais mostram evolução em relação ao comportamento social e reações tanto das crianças, quanto das pessoas que as rodeiam e, dessa forma, podem aprender como se colocar e receber as informações.

Há ainda outras teorias sobre aspectos sociais e psicossociais do

desenvolvimento da criança e do adolescente, como a Teoria da Cognição Social e Teorias sobre Desenvolvimento Sociocognitivo.



Pesquise mais

Para aprender mais sobre Teoria de Cognição Social veja a referência:

GOMIDE, P. I. C. A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 13, n. 1, p. 127-141, 2000. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Paula_Gomide/publication/26362165_A_influencia_de_filmes_violentos_em_comportamento_agressivo_de_crianças_e_adolescentes/links/564263d008ae997866c49a33.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2017.

E para entender mais sobre Teorias sobre Desenvolvimento Sociocognitivo, siga as referências:

RODRIGUES, M. C.; RIBEIRO, N. N. Avaliação da empatia em crianças participantes e não participantes de um programa de desenvolvimento sociocognitivo. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 114-126, ago. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v13n2/v13n2a09.pdf>>. Acesso em: 2 fev. 2017.

Ao final de todas essas explicações, podemos concluir que o crescimento e o desenvolvimento nessa fase da vida são de grande importância para a aquisição de identidade social, aprendizagem e aprimoramento motor e aumento de complexidade de tarefas. São grandes contribuições que influenciarão na próxima etapa.

Esses pontos elencados estão em plena presença e atuação nas aulas de Educação Física, respaldando nossa atuação profissional, bem como a importância dessa disciplina no ensino fundamental.

Sem medo de errar

A professora Márcia estudou toda a situação que presenciou e resolveu conversar com seus alunos. Em sua conversa, ela enfatizou

que a Educação Física é uma disciplina do currículo escolar, assim como Português, Matemática, Ciências e outras, e que, assim como as disciplinas citadas, a Educação Física tem seus conteúdos, planejamentos e objetivos. Ao levar essas informações aos alunos, a professora Márcia também ressaltou a importância do aprendizado motor, do refinamento de gestos, da exploração de novos conteúdos e que, ao longo do ano, os alunos vivenciariam tudo aquilo.

Dessa maneira, a professora Márcia ressaltou a importância da Educação Física, mostrou que, apesar das preferências colocadas pelos alunos, eles teriam muitos outros conteúdos a serem trabalhados e que de forma direta e indireta contribuiriam para sua evolução como um todo.

Avançando na prática

A reformulação de planejamento e avaliação de profissionais

Descrição da situação-problema

Uma escola do interior do Paraná passava por uma grande reorganização interna, que visava rever seu planejamento para os próximos cinco anos.

Para um efetivo planejamento, os gestores resolveram avaliar seus docentes, para verificar seu grau de atualização sobre conteúdos de sua área, bem como conhecimentos específicos, porém gerais a respeito do crescimento e desenvolvimento das crianças atendidas pelo ensino fundamental I e II da escola.

Quando avaliaram o professor Carlos, de Educação Física, constataram que seus conhecimentos técnicos da disciplina e também sobre crescimento e desenvolvimento geral estavam defasados e suas aulas vinham sendo repetitivas e não abrangiam a variedade de estímulos possíveis e necessários para os alunos. Os assuntos trabalhados se repetiam para as séries, sem avanço concreto de conteúdos e mediação profissional. Além disso, a administração também cruzou esses dados com uma avaliação subjetiva, na qual vinham percebendo que futebol e voleibol sempre estavam nas aulas, mas outros conteúdos não.

A partir da situação exposta, quais as possíveis consequências dessa falta de estímulos variados para o desenvolvimento motor dos alunos?

Resolução da situação-problema

Com a limitação de estímulos motores e falta de progressão nas mediações com idades diferentes, o potencial desenvolvimento motor dos alunos fica prejudicado, visto que as possibilidades foram reduzidas a apenas duas modalidades e suas características. A pouca variabilidade pode, inclusive, ser enquadrada como especialização precoce, dentro dos parâmetros propostos por Gallahue (2005). Além disso, a aula de Educação Física, que tem documentos oficiais que a regulam, deve atingir diversos objetivos de aprendizagem ao longo de seus encontros, além de ser uma oportunidade de apresentar aos alunos modalidades distintas, desafios motores diversos, conhecimento teórico e prático sobre os conteúdos da disciplina, enfim, uma gama enorme de possibilidades necessárias e desejáveis aos alunos do ensino fundamental.

Após o ajuste, o professor percebeu que os alunos evoluíram muito e rapidamente ficaram aptos a seguir o que havia sido planejado anteriormente. Mais uma vez, o planejamento precisaria ser modificado, mas agora Carlos já sabia o que fazer.

Faça valer a pena

1. De seis a 7 anos – nesse ponto da fase motora, as experimentações e vivências são mais firmes em relação a todo aprendizado adquirido até essa idade. Nesse sentido, os movimentos estabilizadores, locomotores e manipulativos estão mais aprimorados, sendo realizados com competência e controle motor.

A qual fase motora, proposta por Gallahue (2005), e seu respectivo estágio se refere o texto acima?

- a) Fase motora rudimentar, estágio de pré-controle.
- b) Fase motora fundamental, estágio inicial.
- c) Fase motora fundamental, estágio elementar.

- d) Fase motora especializada, estágio transitório.
- e) Fase motora fundamental, estágio maduro.

2. Do ponto de vista hormonal, os principais atores são o GH ou hormônio do crescimento que influencia no crescimento das estruturas físicas corporais como ossos e músculos.

Quais os hormônios, além do GH, estudados nesta sessão que promovem alterações físicas relacionadas ao amadurecimento sexual dos indivíduos?

- a) Tiroxina e ocitocina.
- b) Testosterona e prolactina.
- c) Estrogênio e cortisol.
- d) Estrogênio e testosterona.
- e) GH e testosterona

3. A criança, no período de transição entre o ensino infantil e o ensino fundamental, já está mais madura, desenvolvida e com seus processos de crescimento mais estáveis em relação ao período pós-parto, até seus dois ou três anos. Aqui abordaremos a faixa etária de seis a 14 anos, com seus principais avanços. Cabe lembrar que nosso processo de crescimento e desenvolvimento é extremamente complexo e que depende de fatores intrínsecos e extrínsecos, como hormônios, carga genética, estímulos, condições ambientais e outros.

A qual nível escolar está relacionada a faixa etária de 6 a 14 anos?

- a) Ensino fundamental.
- b) Ensino médio.
- c) Ensino superior.
- d) Ensino regular.
- e) Ensino infantil

Seção 3.2

Teorias pedagógicas da Educação Física escolar no ensino fundamental

Diálogo aberto

Ao iniciar o período letivo, a professora Carla montou seu planejamento para as turmas do ensino fundamental, ciclo II. Como ela já conhecia seus alunos, colocou futebol, vôlei, basquete, handebol e suas possibilidades pedagógicas, tudo do jeito que as crianças gostam.

Assim como as crianças, a professora Carla adora um esporte, seus aspectos competitivos, suas dinâmicas coletivas, o aprendizado do trabalho em equipe, a emoção da disputa, mas, ao levar seu planejamento e suas expectativas para os gestores da escola, a professora Carla foi indagada:

– Professora, você só vai oferecer esportes para seus alunos? Não existem outras práticas que podem ser colocadas no seu planejamento para engrandecer o conhecimento adquirido nas aulas de Educação Física?

Com essa indagação, a professora Carla foi para casa e refletiu sobre o assunto.

Pensando a respeito, o que é possível oferecer para os alunos, além de esportes variados?

Não pode faltar

Aos poucos estamos avançando nas nossas discussões sobre a Educação Física para a educação básica. Tratando de conteúdos de ordem biológica, como o crescimento e o desenvolvimento, de ordem social, como as relações humanas podem influenciar e ser influenciadas pelas atividades físicas e, também, psicológicas, como

a Educação Física pode contribuir na formação individual, seja em relação à autoestima ou à forma de lidar com situações diversas, previsíveis ou imprevisíveis, de ordem moral e ética e outras possíveis na Educação Física. Nosso avanço tem sido realizado de maneira cronológica, partindo dos aspectos de organização da Educação Física ao longo dos anos, tratando da Educação Física no ensino infantil e agora a Educação Física no ensino fundamental. Durante as discussões sobre o ensino infantil, foram apresentadas algumas teorias do desenvolvimento e da pedagogia da Educação Física para crianças até seis anos de idade.

Com seis anos, as crianças passam a compor o quadro de alunos do ensino fundamental e, apesar de dar continuidade ao processo de desenvolvimento motor fortemente visualizado na Unidade 2, aqui teremos teorias que transcendem o foco no desenvolvimento motor e falaremos sobre esportivização, jogos cooperativos, abordagem sistêmica e cultura corporal. Com esses temas, elevaremos a condição gestual da Educação Física à condição cognitiva e reflexiva, visto que as crianças ganham amadurecimento nesses anos e já elaboram abstrações com maior propriedade.

Nossas discussões iniciarão com a esportivização da Educação Física. Esse fenômeno já foi citado quando abordamos a história da Educação Física no Brasil, mostrando os relatos sobre o período de governança dos militares, em que a Educação Física era vista da seguinte forma: "fazia-se a apologia da técnica e da ciência em nome de um desenvolvimento tido como indiscutível" (OLIVEIRA, 2004, p. 13). Dentro de nossa área de conhecimento, a prática esportiva era a que mais se enquadrava nessas características e esse viés também é reforçado pela formação em Educação Física desse período, que ainda priorizava conteúdos técnicos dos esportes, principalmente os mais tradicionais, como o futebol, vôlei, basquete e handebol. Além disso, "o esporte foi a coroação de um mundo de competição, concorrência, liberdade, vitória, consagração" (OLIVEIRA, 2004, p. 13), fatores que eram interessantes para o governo como forma de publicidade interna e externa de sucesso das suas ações para a população. Porém, nesse mesmo período, havia discussões sobre a eficiência desse modelo. Ainda assim, as sugestões dos documentos oficiais em relação à Educação Física mantinham a prerrogativa da exclusividade do ensino do esporte nas escolas.

De qualquer modo, o uso dos esportes na Educação Física escolar é válido, desde que com os objetivos de desenvolvimento integral do aluno, tanto nos aspectos físicos, como psicossociais. A competição exacerbada, a busca pela excelência esportiva, o excesso de tecnicismo e o alto rendimento devem ser conteúdos voltados para o esporte de competição, diferente daquele almejado para o ambiente escolar.

Em dias atuais, ainda há profissionais que priorizam tais atividades nas aulas de Educação Física, mas, como veremos a seguir, existem outros conteúdos válidos nessas intervenções.



Assimile

Esportivização na Educação Física escolar consiste no uso exclusivo de esportes para as aulas em seus diferentes níveis de ensino, desconsiderando outros conteúdos pertinentes. O uso excessivo de conteúdos tecnicistas pode caracterizar especialização precoce e, por esse motivo, o professor deve estar atento para adequação dessa ferramenta às necessidades dos alunos e também aos objetivos da Educação Física escolar, desconsiderando características de competitividade exacerbada e alto rendimento dos alunos.



Refleta

Considerando a ampla gama de possibilidades de intervenções, ainda é cabível, dentro da Educação Física, tornar o uso do esporte, priorizando sua técnica específica como meio exclusivo de ensino-aprendizagem de habilidades motoras?



Pesquise mais

O artigo indicado aborda o esporte nas aulas de Educação Física na perspectiva do final da década de 1990. Leia-o e faça um comparativo com a Educação Física escolar na atualidade:

BETTI, I. C. R. Esporte na escola: mas é só isso, professor? **Motriz**, v. 1, n. 1, p. 25-31, jun. 1999. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT05022010213839.pdf>>. Acesso em: 21 fev. 2017

O artigo "Educação Física escolar ou esportivização escolar?" também traz observações realizadas em aulas de Educação Física em diferentes escolas:

GUERIERO, D. A.; ARAÚJO, P. F. Educação Física escolar ou esportivização escolar? **EFDeportes.com Revista Digital**, Buenos Aires, ano 10, n. 78, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd78/esportiv.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2017

Leia também mais um texto na referência:

GABARRA, L. M.; RUBIO, K.; ANGELO, L. F. A Psicologia do esporte na iniciação esportiva infantil. **Psicologia para América Latina**, México, n.18, nov.2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2009000200004>. Acesso em: 22 fev. 2017.

Por mais que os aspectos esportivos façam parte, sim, da Educação Física, estão longe de ser a única ferramenta a ser usada nas aulas. Outra opção muito difundida nos últimos anos é a vertente dos jogos cooperativos que, segundo Brotto (1999), surgiram da preocupação com a excessiva valorização dada ao individualismo e à competição exacerbada. O mesmo autor define essa modalidade como "uma estrutura alternativa em que os participantes jogam uns com os outros, ao invés de uns contra o outro" (BROTTO, 1999, p. 88) e a superação de desafios vem à frente da derrota do colega. Nesse sentido, o prazer de jogar, os fins coletivos, a associação do outro como parceiro, e não como adversário, a redução da pressão por resultados, aumento da espontaneidade e maior liberdade para criatividade na solução de problemas são alguns dos pontos destacados na vertente dos jogos cooperativos. De todo modo, jogos cooperativos e jogos competitivos podem ser complementares um ao outro, porém em diferentes situações essas modalidades parecem ser concorrentes.

A tabela abaixo, sobre o sequencial de competição-cooperação, auxilia na visão da orientação pedagógica e motivação de ação, além de definir essa motivação. Há também o tipo de comportamento esperado dos participantes.

Quadro 3.1| Quadro sequencial de competição-cooperação

COMPORTAMENTO	ORIENTAÇÃO	MOTIVAÇÃO PRINCIPAL
Rivalidade Competitiva	Anti-Humanista	Dominar o outro. Impedir que os outros alcancem seu objetivo. Satisfação em humilhar o outro e assegurar que não atinja seus objetivos.
Disputa Competitiva	Dirigida para um objetivo (contra os outros)	A competição contra os outros é um meio de atingir um objetivo mutuamente desejável, como ser o mais veloz ou o melhor. O objetivo é de importância primordial, e o bem-estar dos outros competidores é secundário. A competição é, às vezes, orientada para a desvalorização dos outros.
Individualismo	Em direção ao ego	Perseguir um objetivo individual. Ter êxito. Dar o melhor de si. O foco está em realizações e desenvolvimentos pessoais ou o aperfeiçoamento pessoal, sem referência competitiva ou cooperativa a outros.
Competição cooperativa	Em direção ao objetivo (levando em contas os outros)	O meio para se atingir um objetivo pessoal, que não seja mutuamente exclusivo, nem uma tentativa de desvalorizar ou destruir os outros. O bem estar das competidores é sempre mais importante do que objetivo extrínseco pelo qual se compete.
Competição não cooperativa	Em direção ao objetivo (levando em contas os outros)	Alcançar um objetivo que necessita de trabalho conjunto e partilha. A cooperação com os outros é um meio para se alcançar um objetivo mutuamente desejado, e que também é compartilhado.
Auxílio cooperativo	Humanista altruísta	Ajudar os outros a atingir seus objetivos. A cooperação e a ajuda são um fim em si mesmas. em vez de um meio para se atingir um fim. Satisfação em ajudar outras pessoas e alcançar seus objetivos.

Fonte: adaptado de Brotto (1999, p. 39).

Com as informações, é possível perceber que há momentos em que a competição avança sobre os aspectos cooperativos, momentos nos quais a cooperação supera os ideais de competição e situações nas quais um complementa o outro.

Além disso, como será visto a seguir, o autor expõe de forma comparativa como os jogos competitivos e os jogos cooperativos podem ser diferentes um do outro.

Quadro 3.2 | Quadro sequencial de competição-cooperação

JOGOS COMPETITIVOS	JOGOS COOPERATIVOS
São divertidos apenas para alguns	São divertidos para todos
Alguns jogadores têm o sentimento de derrota	Todos os jogadores têm um sentimento de vitória
Alguns jogadores são excluídos por sua falta de habilidade	Todos se envolvem independentemente de sua habilidade
Aprende-se a ser desconfiado, egoísta ou a se sentir melindrado com o outro.	Aprende-se a compartilhar e a confiar
Divisão por categorias: meninos x meninas, criando barreiras entre as pessoas e justificando as diferenças como uma forma de exclusão	Há mistura de grupos que brincam juntos, criando alto nível de aceitação mútua.
Os perdedores ficam de fora do jogo e simplesmente se tornam observadores	Os jogadores estão envolvidos nos jogos por um período maior, tendo mais tempo para desenvolver suas capacidades
Os jogadores não se solidarizam e ficam felizes quando algo de ruim acontece aos outros.	Aprende-se a se solidarizar com os sentimentos dos outros, e desejam também o seu sucesso
Os jogadores são desunidos	Os jogadores aprendem a ter um senso de unidade
Os jogadores perdem a confiança em si mesmos, quando eles são rejeitados ou quando perdem.	Desenvolvem a autoconfiança porque todos são bem aceitos
Pouca tolerância a derrota desenvolve em alguns jogadores um sentimento de desistência face às dificuldades	A habilidade de perseverar frente às dificuldades é fortalecida.
Poucos se tornam bem-sucedidos.	Todos encontram um caminho para crescer e desenvolver

Fonte: adaptado de Brotto (1999, p. 78).

Nesse caminho, podemos inferir que os jogos cooperativos trazem uma alternativa aos formatos competitivos exacerbados, com propostas que complementam os jogos gerais, assim como do esporte, contribuindo com a pedagogia do esporte para desenvolvimento integral dos alunos, diferente dos aspectos cotidianos ligados à

competição e valorizando a mudança dessa perspectiva, reforçando a base pela qual os jogos cooperativos são estimados. Desse modo, a corrente dos jogos cooperativos pode estar inserida na rotina da Educação Física escolar, visto que contemplará aspectos do desenvolvimento motor, bem como o aprendizado e aprimoramento relativo aos aspectos psicológicos e sociais, favorecendo a interação com o outro, associação para solução de problemas e, até mesmo, o desenvolvimento individual dentro de um grupo de pessoas.

A participação e uso dos jogos cooperativos pode e deve ser uma ferramenta utilizada nas aulas de Educação Física escolar, porém, não podemos negligenciar a existência da competição. Brotto (1999, p. 41) afirma que “competir ou cooperar são possibilidades de agir e de ser no mundo. Enquanto possibilidades dependem da vontade, do discernimento e da responsabilidade pessoal e coletiva, para se concretizarem na realidade”. Nesse sentido, temos claro que há momentos adequados a cada uma das situações, bem como necessidades e aprendizado nelas, cada qual com sua consequência e ensinamento incutidos e, sabendo adequar a ação à necessidade imediata, o resultado final provavelmente será positivo.



Assimile

A abordagem sistêmica visa a organização de um sistema complexo para o ensino da Educação Física, um sistema que abrange aspectos da política educacional, da escola, da própria Educação Física e do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando experiências diversas e que devem transcender às limitações do espaço escolar, sendo influenciada e influenciando a sociedade como um todo.



Pesquise mais

Para saber mais sobre jogos cooperativos, os artigos que seguem podem ser fontes para incremento de conhecimento e reflexão sobre suas aplicações:

CORREIA, M. M. Jogos cooperativos e Educação Física escolar: possibilidades e desafios. **EFDeportes.com Revista Digital**,

Buenos Aires, ano 12, n. 107, abr. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd107/jogos-cooperativos-e-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

CORREIA, M. M. Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na Educação Física escolar. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 27, n. 2, p. 149-164, jan. 2006. Disponível em: <<http://rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/99/107>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

CORTEZ, R. N. C. Sonhando com a magia dos jogos cooperativos na escola. **Motriz**, v. 2, n. 1, jun. 1996. Disponível em: <http://www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/02n1/V2n1_ART01.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2017.



Refleta

Na perspectiva dos Jogos Cooperativos, esses podem complementar e ser complementados pelas atividades esportivas, tão presentes nas aulas de Educação Física, e atrativas para os alunos. Dessa maneira, a inserção dos conteúdos dos Jogos Cooperativos na rotina escolar pode ser facilitada, incrementando ainda mais as aulas no Ensino Fundamental.

Dando seguimento aos nossos estudos, trataremos da abordagem sistêmica em Educação Física, elaborada por Mauro Betti (1994). A Abordagem Sistêmica, resumida no artigo “Reflexões sobre as Abordagens Pedagógicas em Educação Física” de Azevedo e Shigunov (2017) visualiza a Educação Física como um sistema aberto absorve e atua influenciando a sociedade e, por meio da vivência corporal, busca introduzir o aluno nos diferentes conteúdos oferecidos na escola, oportunizando a experiência da cultura de movimentos. Além disso, preza pela não exclusão e pela diversidade de atividades, com participações em esporte, atividade rítmica e de expressão corporal. Ainda para Betti (1994), a relação corpo-movimento é meio e fim da Educação Física escolar, e a Educação Física é a ferramenta que leva ao conhecimento nessa área e, considerando os alunos do Ensino Fundamental e Médio, deve introduzi-los na cultura física, tornando-os

capazes de consumir e criar nos diferentes conteúdos da Educação Física, como a dança, o esporte, a luta, o jogo e a ginástica.

Nesse sentido, Betti, segundo Ferreira (2000), constrói sua teoria afirmando ser um:

“ sistema complexo, hierárquico e aberto, com quatro níveis de hierarquia: a) política educacional: “mecanismo de transposição dos valores e prioridades sociais para o sistema educacional e escolar”; b) escola: “o instrumento de operacionalização da política educacional, que também define o perfil do egresso do sistema”; c) EF: “transpõe a política educacional, os objetivos do sistema escolar e os interesses de outros sistemas sociais para a prática da Educação Física”; d) processo ensino-aprendizagem: “relacionamento do trinômio professor-aluno-matéria de ensino.” (FERREIRA, 2000, p. 40)



Pesquise mais

Para saber mais sobre a abordagem sistêmica proposta por Mauro Betti, leia o material:

CARVALHO, S. F. A abordagem pedagógica sistêmica: um modelo sociológico para a Educação Física Brasileira. **EFDeportes.com. Revista Digital**, Buenos Aires, ano 16, n. 159, ago. 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd159/a-abordagem-pedagogica-sistemica-a-educacao-fisica.htm>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

Assim, podemos entender a abordagem sistêmica como uma forma de organizar a Educação Física escolar de modo que ela faça parte da construção dos diferentes aspectos sociais aos quais a escola está envolvida, sendo o corpo/movimento a ferramenta de aprendizado dos aspectos políticos, sociais e culturais dentro do contexto escolar, podendo extrapolar as barreiras de espaço e influenciar a sociedade como um todo.



Assimile

A abordagem sistêmica visa a organização de um sistema complexo para o ensino da Educação Física, um sistema que abrange aspectos da política educacional, da escola, da própria Educação Física e do processo de ensino-aprendizagem, proporcionando experiências diversas e que devem transcender às limitações do espaço escolar, sendo influenciada e influenciando a sociedade como um todo.



Refleta

Por si só, a abordagem sistêmica e sua complexidade deixam abstrata a organização de planos de ensino e de aula na Educação Física, mas ao mesmo tempo ela complementa outras abordagens e teorias com as quais tivemos contato.

Estudamos a proposta de Betti (1994) e, segundo essa visão transcendental, a associação da abordagem sistêmica com outras teorias pode incrementar de maneira positiva as aulas de Educação Física, favorecendo o aprendizado e a contribuição que os alunos conseguirão nessas aulas.

Outra visão que podemos ter sobre a Educação Física escolar e que, de certo modo, já foi citada em diversos pontos de nossos estudos, diz respeito à cultura corporal. Essa referência comumente vem ligada ao conceito de que diferentes conteúdos praticados por nós são advindos de forma compulsória, visto que nascemos imersos em um meio cultural e com seus significados, além disso, essa influência social nos faz incorporar e dar significado a cada forma de expressão, e o mesmo vale para elementos que podem estar presentes nas aulas de Educação Física.

Dessa maneira, os conteúdos lá ofertados devem ter significância para os alunos e assim estes assimilarão aquilo que o professor ofertar-lhes. Para tanto, “além dos conteúdos sobre desenvolvimento motor e de coordenação que a Educação Física deve trabalhar, temos que dar enfoque aos conteúdos de ensino sobre a relevância social e seu sentido” (NUNES; COUTO, 2017, p. 7-8). Mais do que os pontos expostos, o planejamento e a execução de atividades deve estar de acordo com o nível cognitivo do aluno e considerar sua bagagem

motora e social para adequação das propostas prévias sugeridas, identificando suas potencialidades e necessidades, reforçando aquilo que já tem estabelecido e oferecendo aqui o que lhe falta.

A cultura corporal incorpora e dissemina o gesto motor e também a cultura por trás desse gesto. Seguindo o caminho de desenvolvimento global do aluno, com base nas intenções dos professores, e, acima de tudo, na carga que cada aluno pode despejar nas aulas, contribuindo para o crescimento e incremento da disciplina e daqueles que a compõem, sejam professores ou alunos.



Exemplificando

Compreender a importância da cultura na qual os alunos estão inseridos faz com que o planejamento seja mais adequado à realidade de cada comunidade.

Não faz sentido, por exemplo, estudar os aspectos culturais do envolvimento e imersão das crianças brasileiras no baseball, visto que esse esporte não tem forte vínculo na cultura nacional. Nada impede de ele ser apresentado e praticado nas aulas de Educação Física, mas nesse sentido ainda seria necessário a incorporação dele na rotina dos alunos, criando uma identidade destes com a modalidade, porém, o futebol já apresenta diferentes subsídios para ser discutido na maioria das escolas do país, pois tem maior representatividade em nossa cultura.



Pesquise mais

Para compreender de forma integral a proposta da cultura corporal, a grande sugestão é o livro *Metodologia do Ensino de Educação Física* (AUTORES, Vários. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.), elaborado por um coletivo de autores e editado pela editora Cortez.



Assimile

A cultura corporal de movimento é a forma como os gestos de uma sociedade estão construídos e seus significados dentro dessa

sociedade. Essa cultura pode influenciar as aulas de Educação Física e ser base para otimizações de intervenções que visam agregar conteúdo e também difundir outros.

Portanto, mais do que valorizar os aspectos esportivos, de forma exclusiva, vimos que conforme a idade das crianças aumenta, bem como seu potencial cognitivo e crítico, as teorias e abordagens em Educação Física tornam-se mais complexas e exigentes, não no sentido do desenvolvimento motor, mas principalmente nos aspectos socioculturais.

Sem medo de errar

Mais do que esportes, temos outras atividades que compõem a cultura corporal dos alunos, como jogos cooperativos, jogos populares, atividades estrangeiras, assim como também podem ser feitas discussões diversas sobre as tão praticadas modalidades esportivas nas aulas de Educação Física. Associar o motivo pelo qual o futebol tem sua hegemonia no nosso país, verificar em qual momento histórico o vôlei e o basquete tiveram ascensão e assim por diante. Dessa maneira, fazemos nossos alunos conhecerem conteúdos diferenciados e os fazemos entender os conteúdos tradicionais pela ótica da nossa cultura.

Nesse caminho, um planejamento escolar pode e deve conter esportes, individuais e coletivos, desde que estes sejam colocados em um contexto, para que os alunos aprendam além das regras e gestos técnicos, como também o significado individual e coletivo que aquela modalidade representa.

Avançando na prática

Um professor só, domínio de milhares de conteúdos?

Descrição da situação-problema

A professora Carla compreendeu que a Educação Física vai muito além das modalidades esportivas e em seu planejamento inseriu

uma gama enorme de atividades que buscou na internet com fotos interessantes. Porém, ao iniciar as práticas didático-pedagógicas para seus alunos, ela se deparou com um problema: não dominava o conteúdo que havia destinado aos seus alunos, pois aquilo não tinha significância para ela, o que trouxe dificuldades variadas em suas explicações.

Nesse sentido, o que fazer para oferecer o diferente e manter o nível de qualidade das aulas?

Resolução da situação-problema

Ao inserir um conteúdo no planejamento escolar, o professor deve estar consciente do seu domínio ao dar suas aulas. Porém, um fato pode ser muito interessante: ao ofertar alguma modalidade na qual se sente inseguro em explicar aos alunos, o uso de literaturas e vídeos pode contribuir muito para essa situação.

Outra Atividade possível é a colocação em prática de forma livre para os alunos e, por último, convidar pessoas que dominem os conteúdos pode ser muito interessante, visto que o expert poderá ensinar aos alunos e aos professores os conceitos daquela modalidade diferenciada.

Faça valer a pena

1. Por mais que os aspectos esportivos façam parte, sim, da Educação Física, estão longe de ser a única ferramenta a ser usada nas aulas. Outra opção muito difundida nos últimos anos é a vertente dos jogos cooperativos.

Nesse sentido, qual das alternativas abaixo descreve melhor os jogos cooperativos?

- a) Jogos cujo objetivo principal são a integração e a participação de todos os alunos da turma.
- b) Jogos que valorizam a vitória a qualquer custo e sob quaisquer circunstâncias.
- c) Jogos em que os alunos assistem e aprendem com os professores sobre a competição exacerbada no esporte escolar.

d) Jogos cujo objetivo principal é a diversão individual em detrimento ao coletivo.

e) Jogos cooperativos são ferramentas para incremento das aulas de modalidades individuais, com poucos atletas dispostos a sacrificar o próximo em benefício próprio.

2. Com seis anos, a criança passa a compor o quadro de alunos do ensino fundamental e, apesar de dar continuidade ao processo de desenvolvimento motor fortemente visualizado na Unidade 2, conhecemos teorias que transcendem o foco no desenvolvimento motor, por isso, foram abordados: esportivização, jogos cooperativos, abordagem sistêmica e cultura corporal.

Qual dos autores abaixo tem seu nome vinculado fortemente à abordagem sistêmica?

a) Fábio O. Brotto.

b) Jocimar Daolio.

c) Elenor Khunz.

d) Mauro Betti.

e) Joelmir Beting.

3. Essa referência comumente vem ligada ao conceito de que diferentes conteúdos praticados por nós são advindos de forma compulsória, visto que nascemos imersos em um meio cultural e com seus significados. Além disso, essa influência social nos faz incorporar e dar significado a cada forma de expressão e o mesmo vale para elementos que podem estar presentes nas aulas de Educação Física. Dessa maneira, os conteúdos lá ofertados devem ter significância para os alunos e assim eles assimilarão aquilo que o professor ofertar-lhes.

A qual abordagem vinculada à Educação Física o texto faz referência?

a) Sociocultural.

b) Construtivista.

c) Abordagem sistêmica.

d) Cultura geral.

e) Cultura corporal.

Seção 3.3

Modelos pedagógicos da educação física escolar no ensino fundamental

Diálogo aberto

Durante as reuniões de retorno após o recesso, o corpo diretor da escola solicitou aos professores que elaborassem o planejamento das atividades daquele ano e que houvesse a melhor descrição possível de como cada um pretendia executar o que pensou.

O professor José e a professora Maria, ambos responsáveis pela disciplina de Educação Física, decidiram trabalhar em equipe para definir conteúdo e ferramentas usadas para o ensino fundamental. Como havia a orientação de que, ao finalizar, já estariam dispensados, os dois docentes concordaram em colocar o mínimo de informações em todas as fases do planejamento, pensando apenas em cumprir os trâmites burocráticos da instituição. Porém, ao entregar o material e o corpo diretor fazer sua avaliação, estes ponderaram que era necessário colocar mais informações e que o material entregue estava muito superficial, cumprindo apenas parte das expectativas sobre o planejamento. Os professores ficaram desorientados, visto que sempre realizaram daquela forma e nunca lhes exigiram mais, nem nas reuniões, menos ainda ao longo do ano.

Os gestores orientaram ambos a separar o planejamento por metas de longo, médio e curto prazo e fazer uma descrição crescente e mais incrementada a cada fase do planejamento. Quando os gestores salientaram estas informações, os professores retomaram o trabalho, mas por onde poderiam começar para que tudo fosse de encontro à expectativa dos gestores e para que o planejamento fosse efetivamente executado?

Não pode faltar

Ao estudarmos a Unidade 2, Seção 3, iniciamos nossas discussões sobre planejamento. Naquele momento de estudos da unidade 2, pudemos ver que há planejamento para praticamente todas as atividades que queremos desenvolver e que o planejamento é uma ferramenta para otimização de resultados, traçando objetivos e recursos para alcançá-los.

Estudamos os conteúdos sobre planejamento estratégico, planejamento tático e planejamento operacional, sendo o planejamento estratégico vazio em detalhes e com metas de longo prazo, o planejamento tático com mais detalhes e metas de médio prazo e, por último, o planejamento operacional com riqueza de detalhes e metas de curto prazo.

De modo comparativo, podemos fazer a relação da perspectiva escolar com o planejamento da seguinte forma no quadro sobre equivalência de termos do planejamento empresarial e do planejamento escolar:

Quadro 3.3| Equivalência entre terminologias de planejamento empresarial e planejamento escolar

NÍVEL DE PLANEJAMENTO	REALIDADE ESCOLAR
Estratégico	Projeto político pedagógico
Tático	Plano de ensino
Operacional	Plano de aula

Fonte: elaborado pelo autor.

Quando abordamos as discussões sobre o projeto político pedagógico de uma instituição, pensamos o planejamento como um todo daquele local, porém ele possui uma dinâmica e organização próprios. De acordo com o Ministério da Educação (BRASIL, 2017, p. 1), o projeto político pedagógico “deve se constituir na referência norteadora de todos os âmbitos da ação educativa da escola. Por isso, sua elaboração requer, para ser expressão viva de um projeto coletivo, a participação de todos aqueles que compõem a comunidade escolar”. Quando falamos dessa comunidade escolar, temos os gestores, professores, funcionários administrativos, pais, alunos, comunidade ao redor da escola, enfim, uma gama vasta de atores envolvidos na elaboração de um documento que conduzirá as ações daquela

instituição por determinado período de tempo. Ainda nesse sentido, a direção tomada por esse grupo de pessoas deve tomar dois possíveis caminhos, a “inovação regulatória” ou a “inovação emancipatória”, termos postos por Santos (1989 apud Veiga, 2003, p. 269-274).

A inovação regulatória é a criação de um documento que gerencie as demandas do espaço escolar, mas com participação restrita de alguns atores, como professores, pais e alunos, por exemplo. Já a inovação emancipatória reforça a participação coletiva na construção e na revisão desse documento, de acordo com as necessidades agudas surgidas naquele ambiente. Em ambos os casos, há sugestão de mudanças no ambiente e estrutura escolar, mas no primeiro as determinações são potencialmente hierarquizadas, quando, no segundo, o coletivismo é mais atuante. Nas duas situações, temos pontos positivos e negativos. De modo operacional, gestor, a inovação regulatória facilita o controle sobre objetivos e resultados, já a inovação emancipatória estimula mais os aspectos críticos destas mudanças, bem como sua realização efetiva.



Assimile

Projeto Político Pedagógico é um documento construído pela escola para nortear o trabalho como um todo, desde aspectos administrativos a aspectos pedagógicos, considerando sempre a possibilidade de transformação do indivíduo.



Exemplificando

O vídeo aqui sugerido também fala de aspectos importantes do projeto político pedagógico e sobre sua construção:

CONHECIMENTOS. **Projeto político pedagógico.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=cYL80sMsd3w>>. Acesso em: 23 fev. 2017.



Pesquise mais

Para ficar mais habituado com o projeto político pedagógico, você pode acessar o site da Secretaria de Educação do Governo

do Estado de São Paulo e verificar os documentos elaborados pelas unidades escolares.

SECRETARIA Municipal da Educação. **Projeto Político Pedagógico**. Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Noticia/Visualizar/PortalSMESP/Projeto-Politico-Pedagogico>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

Dando seguimento ao exposto sobre o projeto político pedagógico, entraremos agora na elaboração do plano de ensino. Aprendemos que o projeto político pedagógico contém poucos detalhes sobre como os processos devem acontecer, já no plano de ensino teremos um avanço nesses detalhes e, nesse momento, saímos do contexto escolar global e entramos no contexto de cada disciplina. Isso não significa que a interdisciplinaridade será deixada de lado, mas sim que cada disciplina deve ser organizada de acordo com suas especificidades e, caso seja realizado, o trabalho interdisciplinar deverá constar nesse plano. Nesse sentido, o plano de ensino é a organização e sistematização de conteúdos e ferramentas que poderão ser utilizados em uma disciplina.

Esse plano também trará as diretrizes das “atividades planejadas pelo professor com base no desenvolvimento de conhecimentos, competências, habilidades e atitudes demonstradas pelos alunos” (TAVARES, 2011, p. 126).

A mesma autora ainda reforça que o plano de ensino “deve ser bem elaborado, dividido por unidades sequenciais, nas quais devem aparecer objetivos específicos, conteúdos e desenvolvimento metodológico” (TAVARES, 2011, p. 117). Com essa definição, podemos perceber que o uso de sequências nas unidades permite a progressão das atividades e, mesmo dentro das unidades, isso pode ser evidenciado nas avaliações periódicas realizadas pelo professor, que assim checa se o plano está adequado à realidade daquela turma ou não.

Esse processo de avaliação constante é fundamental para o bom andamento e colocação em prática do Plano de Ensino. Sem a avaliação, objetiva ou subjetiva, é difícil identificar se o que foi proposto está sendo colocado em prática ou se foi abandonado.

A respeito desse assunto, é importante salientar que o abandono do plano de ensino pode comprometer o aprendizado dos alunos.



Exemplificando

Em uma determinada turma, o professor iniciou as atividades com a modalidade esportiva futebol. No primeiro dia, a aula consistiu em analisar como os alunos entendiam o esporte, quais seus domínios dos gestos técnicos e objetivos. Após esse dia, as aulas seguintes foram ministradas, porém o professor não realizou qualquer adequação em seu planejamento para a turma. Em diversas aulas, os exercícios foram repetidos, sem variação de objetivos ou nível de dificuldade e, para aqueles que já dominavam o futebol, a aula ficou desinteressante e, aos outros, após sanar suas dificuldades, ficou monótona, ocasionando a perda da participação de grande parte dos alunos. Com esse fato, podemos perceber que a falta de avaliação fez com que as aulas ficassem sempre no mesmo patamar de dificuldade, deixando de trazer possibilidades de aprendizado aos alunos e sem desafiá-los a ir mais além.

Nesse sentido, podemos perceber que a avaliação constante é necessária para o bom andamento das aulas e do desenvolvimento individual e coletivo.

Para a elaboração de um plano de ensino completo, alguns itens devem ser colocados como encabeçadores de tópicos. Observe abaixo quais são eles e suas descrições:

- **Cabeçalho:** consiste nos dados de identificação da instituição escolar, da disciplina e seu responsável. Neste item, não são necessários detalhes, apenas o apontamento das informações.
- **Ementa:** é um breve resumo dos conteúdos que deverão ser vivenciados pelos alunos, bem como sugestões de suas aplicações práticas e sua relação com o projeto político pedagógico da instituição.
- **Objetivos gerais:** são metas mais abrangentes a serem alcançadas ao final da disciplina, como conhecimento básico,

capacidades, habilidades e competências oferecidas pelos conteúdos (em capacidades, habilidade e competências, vemos que capacidade é a quantidade de informação que o indivíduo possa absorver, competência é o potencial para selecionar e utilizar ferramentas para a solução de problemas de forma crítica e habilidade é o desenvolvimento dessas ferramentas e seu uso generalizado).

- **Objetivos específicos:** são os resultados mais precisos dos conteúdos, como conceitos, relação com outros conteúdos, interpretação de situações e outras características pontuais de cada conteúdo proposto para a disciplina.
- **Conteúdo:** é aquilo que será ofertado pela disciplina de forma concreta.
- **Método:** é a ferramenta pela qual o conteúdo será trabalhado para alcançar os objetivos traçados.
- **Avaliação:** forma pela qual o professor analisará a evolução dos alunos em relação ao aprendizado dos conceitos da disciplina e sua aplicação prática.
- **Cronograma:** ordem cronológica de apresentação dos conteúdos, avaliações, entrega de trabalhos entre outras possibilidades dentro da disciplina.
- **Bibliografia:** material acadêmico/científico que respalda todo o planejamento da disciplina.

Com o preenchimento desses tópicos de forma detalhada, as diretrizes para o bimestre, trimestre, semestre ou ano da disciplina estarão traçadas e caberá ao professor aplicar os conteúdos selecionados, avaliar o desempenho dos alunos e adaptar pouco a pouco os detalhes que estiverem fora das expectativas.



Assimile

No plano de ensino, detalhamos conteúdos e forma como faremos para atingir os objetivos traçados. Além disso, aplicamos avaliações objetivas e/ou subjetivas para verificar a adequação do planejamento à realidade encontrada.

É importante realizar a descrição correta dos tópicos para que estes se complementem e facilitem a execução final do trabalho.



Refleta

Em diversas ocasiões, os planejamentos são construídos, mas deixados de lado no meio do processo ensino-aprendizagem, sem ser verificados e ajustados. Esse descaso com o planejamento pode acarretar em quais prejuízos? De modo geral, uma empresa sobreviveria sem planejamento? A evolução acadêmica pode ser verificada ou estimulada sem a construção ou execução de um planejamento?

Pensando na organização e sistematização do processo de ensino-aprendizagem, qual é a importância do planejamento para alcançar bons resultados para os alunos?



Exemplificando

A pró-reitoria de graduação da Universidade Federal de Goiás disponibiliza na internet um modelo de plano de ensino para os seus docentes. Apesar de ser voltado para o ensino superior, muito da sua construção pode ser aproveitada no ensino infantil, fundamental ou médio.

UFG. **Roteiro para elaboração de plano de ensino.** Disponível em: <https://prograd.ufg.br/up/90/o/roteiro_para_elaboracao_de_plano_de_ensino.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2017.

Em sequência, passamos para a construção do plano de aula. Nesse documento, teremos toda a especificidade para a realização da aula propriamente dita. Aqui a riqueza de detalhes será grande, buscando solucionar problemas antes mesmo que aconteçam, tornando a dinâmica da aula mais efetiva e tendo um bom aproveitamento de tempo.

Para uma boa elaboração de plano de aula, o projeto político pedagógico e o plano de ensino devem estar alinhados e

finalizados, pois assim o preenchimento do plano de aula será mais simplificado. O respeito a essa ordem hierárquica é importante, pois mostra alinhamento entre os diferentes níveis da instituição, desde a gestão ao professor, que está em contato direto com o aluno e realiza a aula de forma concreta e também alinhamento entre os conteúdos e ideologias da escola.

Um bom plano de aula deve ser preenchido com referência aos seguintes itens:

- Tema: o que será abordado na aula.
- Objetivo: onde se pretende chegar com o tema apresentado.
- Conteúdo: descrição detalhada dos aspectos elaborados na aula.
- Método: sistema pelo qual o professor ministrará a aula, bem como materiais específicos a serem usados para o seu desenvolvimento.
- Avaliação: verificação do resultado de aprendizagem ao final da aula.



Exemplificando

Você pode ter acesso a um modelo de plano de aula, acessando o livro *Didática geral*, de Rosilene Horta Tavares, que consta nas nossas referências bibliográficas, nas páginas 127 e 128.

TAVARES, R. H. **Didática geral**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Disponível em: <<http://www.mat.ufmg.br/ead/acervo/livros/Didatica%20Geral.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

Com esse detalhamento, a dinâmica da aula pode ser otimizada, facilitando o trabalho do professor nos processos de execução e avaliação do aprendizado.



Assimile

O plano de aula é a ferramenta pela qual o professor se orientará para realizar a aula de maneira sistematizada e organizada,

facilitando os processos de ensino-aprendizagem e avaliação do alcance de objetivos.



Pesquise mais

O professor André Gazola conta suas experiências sobre elaboração do plano de aula em seu blog. Para analisar como ele organiza seus documentos, acesse o link disponível em: <<http://www.lendo.org/como-fazer-um-plano-de-aula/>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

De modo geral, falamos da construção de documentos, porém, o objetivo principal é facilitar a execução de aulas, principalmente para o aprendizado pleno dos alunos. Em suma, devem atingir diferentes dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal.

Como podemos notar em Darido (2017, p. 53), é possível resumir as dimensões da seguinte maneira: "o que se deve saber?" (dimensão conceitual), "o que se deve saber fazer?" (dimensão procedimental) e "como se deve ser?" (dimensão atitudinal)". Nesse sentido, o aluno deve absorver os conceitos, a teoria do tema da aula e deve ter a oportunidade de vivenciar aquele tema, para que, ao final de tudo, desenvolva a capacidade de ponderar situações que envolvam o tema direta ou indiretamente.



Exemplificando

Quando o aluno frequenta uma aula de basquete, um esporte coletivo, de invasão, diversos conceitos são passados, principalmente em relação ao trabalho coletivo.

Grosso modo, em uma boa aula de Educação Física, além de entender os conceitos da modalidade e vivenciá-la, o aluno deve aprender conteúdos que ele poderá transcender no basquete.

Quando ele aprender sobre o trabalho coletivo, sobre a análise de jogo e uso de espaços na quadra, poderá evoluir suas atitudes no futebol, no rugby, no handebol e outros esportes coletivos de invasão.

Nesse caminho, a Educação Física pode contribuir com as questões esportivas, com os gestos motores e também com aspectos relacionados à socialização, pois o respeito ao próximo, seja adversário ou membro da mesma equipe, deve existir, fato que pode acontecer também fora do esporte, com aqueles que pensam e agem de forma diferente ou semelhante a nós. Essa é mais uma forma de pensar a dimensão atitudinal.

De modo geral, em uma aula “não há como dividir os conteúdos na dimensão conceitual, atitudinal e procedimental, embora possa haver ênfases em determinadas dimensões” (DARIDO, 2017, p. 53), pois ao longo da execução das tarefas solicitadas, podemos abranger diferentes dimensões e o modo como o aluno assimila e interpreta essas informações poderá influenciar nas suas atitudes dali em diante.

Sendo assim, o bom planejamento da instituição escolar, associado ao bom planejamento dos professores, tenderá a uma boa execução de aula e bom aprendizado dos alunos, de forma significativa e transformadora. Cabe ressaltar que, mais do que cumprir trâmites burocráticos, o planejamento, seja do ensino ou da aula, é facilitador ao longo do processo, demandando muito em sua elaboração, mas encurtando caminhos em cada aula e nas avaliações dos alunos e da disciplina.



Pesquise mais

O artigo abaixo indicado faz um bom esclarecimento entre as aulas de Educação Física e o enquadramento nas dimensões conceituais das aulas:

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física UEM**, Maringá, v. 20, n. 2, p. 281-289, 2. Trim. 2009. Disponível em : <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3884/4440>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

Reveja os exemplos de planejamentos dados na Unidade 2, sessão 3, e analise em qual grau de elaboração estão, em que

poderiam ser alterados, como poderiam ser melhorados e, assim, você exercerá as suas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal de forma efetiva.

Sem medo de errar

Os professores decidiram fazer uma pesquisa sobre planejamento. Eles verificaram que há diferentes níveis desse documento e cada bloco tem sua exigência. Viram também que precisariam reler o projeto político pedagógico da escola para manter a mesma linha de trabalho em Educação Física. Ao final desse estudo, reelaboraram o planejamento, dividindo em planos de ensino, e já iniciaram a elaboração de planos de aula, para adiantar conteúdos e necessidades da disciplina e das aulas, antecipando também os processos relacionados à avaliação dos alunos e da própria disciplina. Ao entregarem o plano de ensino com mais detalhes sobre a Educação Física, especificado por níveis de ensino, e também já anteciparem os planos de aula para o primeiro bimestre, os professores foram elogiados pelo trabalho realizado, pelo compromisso com a escola e também pela evolução como docentes.

Avançando na prática

O planejamento destinado aos pais

Descrição da situação-problema

Em uma reunião de pais, ao receber as notas do filho, Pablo percebeu que havia notas baixas em Educação Física. Ficou muito incomodado com a situação, afinal, Educação Física, para ele, era um momento de distração e lazer para as crianças, para jogar bola, espairecer das atividades de aprendizado sérias, como Matemática ou Português.

Com esses conceitos em mente, buscou a direção da escola e indagou sobre aquelas notas. Imediatamente a direção convidou o professor de Educação Física para esclarecer a Pablo como tinha chegado àqueles conceitos. E agora, como o professor de Educação Física pode justificar seu trabalho?

Resolução da situação-problema

Ao iniciar sua conversa com Pablo e perceber as inquietações dele, o professor de Educação Física o tranquilizou, mas ao mesmo tempo refez a construção de seus conceitos sobre a disciplina. Mostrou que a Educação Física tem seus conteúdos, conceitos e procedimentos e, além disso, foi exibido todo o plano de ensino e o plano de aula a Pablo. Em diversos desses materiais havia anotações sobre o envolvimento de seu filho, sua participação, sua realização de tarefas, questionamentos realizados. Ao final da conversa, o professor de Educação Física indagou Pablo: "O senhor compreendeu como realizamos nossas aulas de Educação Física? Pode perceber que, além da prática propriamente dita, temos outros conceitos sendo avaliados? E que as tarefas teóricas têm sua importância e fundamento para a otimização das aulas presenciais?"

Pablo respondeu ao professor que compreendeu toda sua explicação, elogiou-o pela seriedade no trabalho realizado e que, a partir daquele momento, encararia a Educação Física com outro olhar, bem como repassaria isso a seu filho, para que levasse a sério todos os momentos dentro da escola, mesmo aqueles que parecem diversão.

Faça valer a pena

1. Deve-se constituir na referência norteadora de todos os âmbitos da ação educativa da escola. Por isso, sua elaboração requer, para ser expressão viva de um projeto coletivo, a participação de todos aqueles que compõem a comunidade escolar.

O trecho acima faz referência a qual nível de planejamento escolar?

- a) Planejamento estratégico.
- b) Projeto político pedagógico.
- c) Planejamento tático.
- d) Plano de ensino.
- e) Plano de aula.

2. De modo geral, falamos da construção de documentos, porém, o objetivo principal é a facilitação da execução de aulas, principalmente para o aprendizado pleno dos alunos. Em suma, devem atingir diferentes dimensões.

A quais dimensões fazemos referência?

- a) Ensino, aprendizado, processo pedagógico.
- b) Conceitual, procedimental e processo pedagógico.
- c) Ensino, aprendizado, atitudinal.
- d) Conceitual, procedimental, atitudinal.
- e) Ensino, procedimental, aprendizado.

3. Dando seguimento ao exposto sobre o _____, entraremos agora na elaboração do _____. Falamos que o _____ contém poucos detalhes sobre como os processos devem acontecer, já no _____ teremos um avanço nesses detalhes e, nesse momento, saímos do contexto escolar global e entramos no contexto de cada disciplina.

Qual das alternativas abaixo contém a sequência correta de expressões que completam as lacunas da frase acima?

- a) Plano de ensino – projeto político pedagógico – projeto político pedagógico – plano de ensino.
- b) Plano de ensino – projeto político pedagógico – plano de ensino – projeto político pedagógico.
- c) Projeto político pedagógico – plano de ensino – projeto político pedagógico – plano de ensino.
- d) Plano de ensino – plano de ensino – projeto político pedagógico – plano de ensino.
- e) Projeto político pedagógico – projeto político pedagógico – projeto político pedagógico – plano de ensino.

Referências

AZEVEDO, E. S.; SHIGUNOV, V. **Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em Educação Física**. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT1009200995438.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

BEE, H. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Projeto político pedagógico: dimensões conceituais**. Disponível em: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/2-sala_projeto_vivencial/pdf/dimensoesconceituais.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2017.

BROTTO, F. O. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. 1999. 209 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000202203&fd=y>>. Acesso em: 23 jan. 2017.

CAPACIDADES, habilidade e competências. Direção de Celso Antunes. S.i: Paulus Vídeo, 2013. DVD, son., color.

DARIDO, S. C. Educação física na escola: conteúdos, duas dimensões e significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 51-75, v. 16, 2012. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41549/1/01d19t03.pdf>>. Acesso em: 6 fev. 2017.

FERREIRA, M. G. A teoria/concepção sistêmica: uma perspectiva crítica na pedagogia de Educação Física?. **Pensar a Prática**, v. 3, p. 36-52, nov. 2006. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/27/2656>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3.ed. São Paulo: Phorte, 2005.

NUNES, T. C.; COUTO, Y. A. **Educação Física escolar e cultura corporal de movimento no processo educacional**. Disponível em: <<http://www.eefe.ufscar.br/pdf/tatiana.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2017.

OLIVEIRA, M. A. T. Educação Física escolar e Ditadura Militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 25, n. 2, p. 9-20, jan. 2004. Disponível em: <<http://www.oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/223/225>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

SHAFFER, D. R.; KIPP, K. **Psicologia do desenvolvimento**: infância e adolescência. 8. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

TAVARES, R. H. **Didática geral**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. Disponível em: <http://www.mat.ufmg.br/ead/acervo/livros/Didatica_Geral.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2017.

TERRA, M. R. **O desenvolvimento humano na teoria de Piaget**. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/site/alunos/publicacoes/textos/d00005.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

VEIGA, I. P. A. Inovações e projeto político-pedagógico: uma relação regulatória ou emancipatória? **Caderno Cedes**, Campinas, v. 23, n. 61, p. 267-281, dez. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v23n61/a02v2361.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

Conceitos básicos da Educação Física no ensino médio

Convite ao estudo

Caro aluno, estamos na reta final de nossos estudos sobre a Educação Física no ensino básico e, ao longo desta trajetória, conhecemos inúmeros caminhos nos quais a Educação Física se faz presente. Em tempos remotos, na nossa Pré-História até um passado recente, no início do século XIX tínhamos poucas informações sobre a atividade física e também sabíamos pouco da importância deste conteúdo na nossa rotina, isso devido ao contexto histórico e também à posterior institucionalização de conteúdos.

Conforme a organização escolar se fundiu aos processos institucionalizados e também estudados pela Ciência, seu calendário pôde ser estruturado de forma cada vez mais clara e assim também podemos nos referir à Educação Física que levou anos a mais para conseguir tal espaço.

Com mais possibilidades sobre a Educação Física, ela ganhou corpo e, após os anos 1970, no Brasil, teve maior repercussão, e seus estudos vêm sendo aprimorados desde então. Um dos maiores símbolos é a presença e a participação de atletas nas Olimpíadas. Também foi implantado um movimento nacional voltado a crianças e adolescentes, incentivando o acesso ao esporte o que, dessa forma, poderia ser transformado em sucesso olímpico alguns anos mais tarde.

Contudo, no início dos anos 1990, o volume de pesquisas científicas acadêmicas envolvendo a Educação Física como um todo, em especial a Educação Física escolar, cresceu e deu maior respaldo para que as crianças tivessem acesso a

uma disciplina com foco na transformação integral do aluno, não apenas nos aspectos físico-motores.

Nesse caminho, vemos a alternância de posicionamentos sobre a Educação Física, a variação de abordagens, mas, acima de tudo, a evolução técnica e científica que sustenta uma disciplina de suma importância para a formação cidadã do aluno.

No ensino médio encontraremos adolescentes com maior senso crítico, fato que abre margem para discussões aprofundadas, e é nesse campo que entraremos nesta última unidade de estudo.

Mergulhe nessa ideia, de corpo e alma, e perceba o quanto a Educação Física Escolar pode ser transformadora.

Bons estudos!

Seção 4.1

História e interdisciplinaridade

Diálogo aberto

Ao longo dos anos praticando Educação Física na escola, os alunos tiveram a infelicidade de cruzar com professores que não se preocuparam em trazer o melhor para seu aprendizado nesta disciplina. Sendo assim, os meninos vivenciaram muito futebol, já as meninas ficaram ligadas ao vôlei e outras atividades livres, sem muita orientação, mas, ao chegarem no Ensino Médio, o perfil de seu professor de Educação Física mudou abruptamente.

Seu professor no Ensino Médio mostrou o planejamento anual, com variedade de vivências motoras, experiências em modalidades esportivas e discussões sobre a Educação Física e suas relações com nossos aspectos sociais mais diversos.

Parte dos alunos interessou-se, porém, outros argumentaram que prefeririam fazer como antes, de forma mais livre, já que durante o Ensino Médio teriam maior demanda de estudos como preparação para o vestibular. Houve afirmações sobre o caráter recreacionista da Educação Física, outras sobre o relaxamento em relação às aulas importantes, como Português e Matemática, e outros ainda dizendo que a Educação Física não era importante e que seu conteúdo em nada mudaria suas vidas.

O professor, logicamente, ficou chateado com comentários que desmereceram as aulas de Educação Física e não soube lidar com essa dificuldade. Infelizmente ele enfrentou os mesmos posicionamentos em outras turmas, o que agravou sua decepção.

Ao final do dia, finalizando suas atividades escolares, se perguntou: “Como mostrar aos alunos a importância da Educação Física no processo global de aprendizado?”

Não pode faltar

O processo de crescimento e desenvolvimento ao longo dos anos escolares apresenta diversas nuances e não é diferente quando chegamos ao ensino médio. Diversos processos iniciados na infância e no começo da adolescência, passando pelo ensino infantil e ensino fundamental de primeiro e segundo ciclos, enfatizam e finalizam ao final da adolescência. Para esclarecer alguns pontos desse estudo, devemos ter claro que a adolescência é um “período que se situa, psicológica e culturalmente, entre a meninice e a vida adulta, ao invés de uma faixa etária específica” (BEE, 1997, p. 318), diferente da puberdade que tem sua marca registrada com as alterações hormonais que trazem grande desenvolvimento, principalmente para o sistema reprodutor. A adolescência geralmente está situada entre 12 e 20 anos, podendo ser alterada conforme contexto social do indivíduo. Segundo Bee (1997, p. 318), “trata-se do período de transição em que a criança se modifica física, mental e emocionalmente, tornando-se um adulto”.

Na unidade anterior, conhecemos as questões hormonais que conduzem mudanças, elas iniciam com “sinalizações do tálamo sobre a glândula pituitária, que por sua vez começam a secretar níveis maiores de hormônios gonadotróficos” (BEE, 1997, p. 321). Esses hormônios são a testosterona nos homens e o estradiol nas mulheres e têm ação direta no desenvolvimento sexual, como: testículos, ovários, ciclo menstrual, desenvolvimento de mamas, aceleração do crescimento de pelos pubianos, mudanças nos genitais e pelos na face. Além disso, glândula pituitária estimula maior produção e secreção de hormônios como o androgênio, hormônio estimulador da tireoide e hormônio geral do crescimento (GH), que tem ação direta no crescimento corporal geral, desenvolvimento de pelos pubianos nas meninas e influências sobre características sexuais secundárias nos meninos. Cabe reforçar que homens e mulheres possuem os mesmos hormônios, geralmente com quantidades diferentes como a testosterona, mais presente no sexo masculino e o estradiol, mais presente no sexo feminino, lembrando-se de que, de acordo com características individuais, isso pode se alterar (BEE, 1997).

Como visto na unidade anterior, o estirão de crescimento nas meninas costuma ocorrer por volta dos 11-12 anos de idade,

coincidindo com os anos finais do ensino fundamental, enquanto que, nos meninos, este estirão acontece por volta de 14-15 anos, sendo referência os primeiros anos do ensino médio. Nesse sentido, os professores verão mais alterações hormonais e físicas relacionadas aos meninos ao longo do ensino médio e as meninas já caminhando para a estabilização dessas variações físicas, bem próximas à sua forma na vida adulta. Primeiramente ocorre o crescimento das extremidades e em segundo momento do tronco e da face, reforçando as características da idade adulta.

Outra mudança importante está relacionada ao desenvolvimento muscular. Nessa fase da adolescência há “espessamento e adensamento das fibras musculares” (BEE, 1997, p. 323) e como consequência há um aumento de força em grandes proporções, para ambos os sexos. Quando próximos da idade adulta, sua composição corporal pode chegar a

cerca de 40% para os homens e 24% para as mulheres, tais diferenças parecem relacionadas com a distribuição hormonal de cada indivíduo, além disso, conforme a variação cultural, os resultados podem ser alterados, vide realidades em que meninos praticam mais atividades físicas que meninas, sendo assim, aqueles terão maior desenvolvimento motor em relação a estas. (BEE, 1997, p. 323)



Mais um componente que merece destaque é a gordura. “Comumente sua armazenagem é subcutânea, tem maior presença nos primeiros anos de vida, decresce até os 7 anos de idade, aumenta novamente e, quando na puberdade e adolescência há seu aumento abrupto, principalmente nas meninas” (BEE, 1997, p. 324). Para as meninas adolescentes, seu aumento corresponde ao aumento muscular que acontece nos meninos. Tais variações também podem estar relacionadas aos efeitos da proporção hormonal, bem como aspectos da vida diária e da cultura local.

Contudo, um dos fatos mais marcantes da puberdade e da adolescência é a maturação sexual que caminhará até o final desse estágio para a consolidação do sistema reprodutor. Podemos destacar que, nesse quesito, há



mudanças nas características sexuais primárias, como os testículos e o pênis para os meninos e os ovários, o útero e a vagina nas meninas, bem como nas características sexuais secundárias, como o desenvolvimento das mamas nas meninas e pelos no corpo e rosto, além da mudança na voz, nos meninos. (BEE, 1997, p. 324)

Nesse ritmo de desenvolvimento sexual, as meninas têm a experiência de sua primeira menstruação, também chamada menarca, e 95% delas vivenciará entre 11 e 15 anos de idade.

Sua implicação prática está em relação à possibilidade de gravidez, presente a partir de sua ocorrência. Em relação aos meninos, ainda não há evidências claras sobre o ponto de maturação do espermatozoide, mas há estudos sinalizando que isso ocorra entre 12 e 14 anos, período anterior ao ensino médio e também ao desenvolvimento completo dos aspectos sexuais, assim como nas meninas (BEE, 1997).



Assimile

Do ponto de vista fisiológico há diversas mudanças que se iniciam entre 10 e 12 anos de idade e se intensificam entre 14 e 15 anos, com variações para meninos e meninas. De modo geral, há aproximação do corpo em padrões dos adultos, bem como a ocorrência do estirão de crescimento e maturação sexual.



Pesquise mais

No artigo *Crianças, adolescentes e atividade física: aspectos maturacionais e funcionais*, você terá contato com uma pesquisa sobre crescimento e desenvolvimento e algumas de suas implicações.

TOURINHO FILHO, H.; TOURINHO, L. S. P. R. Crianças, adolescentes e atividade física: aspectos maturacionais e funcionais. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 71-84, jan./jun. 1998. Disponível em: <http://professor.ufop.br/sites/default/files/tenice/files/maturacao_e_funcao_da_crianca.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2017.

Sobre os aspectos de desenvolvimento motor, já estudamos em unidades anteriores que os gestos e habilidades básicas são aprendidos nos primeiros anos de vida e, por volta de 8 anos de idade, fica evidente

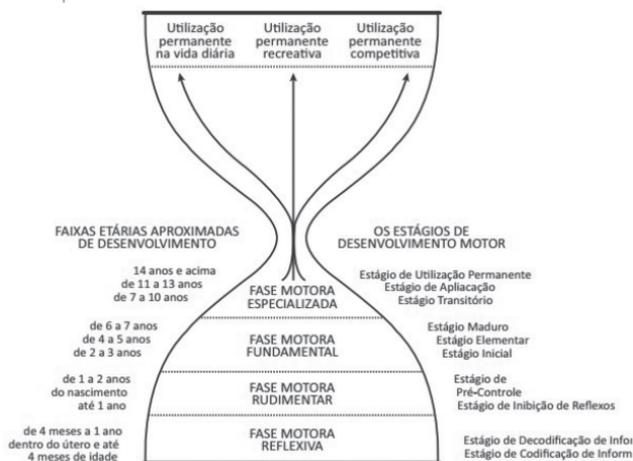
seu aprimoramento e combinação de habilidades diversas, tornando a realização de tarefas mais complexa.

Um dos fatores que contribui com essa evolução em relação ao movimento é a mielinização de componentes do sistema nervoso central e também do sistema nervoso periférico. É possível observar em Mendes e Melo (2011) que a mielinização inicia logo após o nascimento e segue até o final da adolescência, por volta de 18 anos ou até mesmo além, além da evolução da mielinização ser paralela ao aumento de complexidade de controle e refinamento de movimento. Mesmo com as estruturas do sistema nervoso já em funcionamento, elas são otimizadas quando atingem sua maturação, medida pela mielinização.

Retomando as informações da pirâmide de desenvolvimento motor de Gallahue e Ozmun (2005a), podemos notar que os processos fisiológicos têm concordância com os processos motores:

- 14 anos em diante – Fase motora especializada – estágio de utilização permanente: etapa em que há o princípio do auge de todo o processo de desenvolvimento motor. Teoricamente, dura toda a vida adulta dos indivíduos e sua principal característica é o uso de todo repertório motor adquirido ao longo dos anos anteriores, como citado, os interesses e as seleções feitos na fase anterior são postos em prática e refinados nas atividades da vida diária, esportes e atividades de lazer praticadas, salvo as influências externas que podem interferir na efetiva utilização dos gestos motores.

Figura 2.1 | As fases do desenvolvimento motor:



Fonte: Gallahue e Ozmun (2005, p. 69).

Outro fator importante a respeito do desenvolvimento motor se dá pelo *AFFORDANCE*, conceito que representa o reconhecimento de objetos, gestos e/ou situações e relacionamento destes com suas possíveis funções, não sendo necessária a aprendizagem sobre ele, permitindo avançar o conteúdo a partir do conhecimento prévio dos alunos que, possivelmente, já desenvolveram seu leque de experiências nos anos anteriores ao ensino médio.

Isso pode ser exemplificado na seguinte afirmação:



Reconhecer as condições que podem limitar ou aprimorar o desenvolvimento constitui a chave para o ensino bem-sucedido na fase de habilidade de movimento especializado. Uma vez identificadas tais condições para cada indivíduo, o ensino torna-se mais uma questão de reduzir o constrangimento (condições limitantes) e maximizar as *affordances* (condições aprimoradas) do que simplesmente enfatizar mecanicamente a execução “correta” da habilidade. (GALLAHUE, 2005, p. 199)

Isso pode favorecer as aulas de Educação Física no tocante ao desenvolvimento e avanço nos conceitos e conteúdos ofertados pelos professores, seja com esportes tradicionais, conforme a cultura local, esportes alternativos ou outras ferramentas como dança, luta, jogo ou ginástica.

O avanço no campo das habilidades motoras complexas também traz benefícios cognitivos que podem ser medidos pela neuroplasticidade, que, por definição é “a capacidade de adaptação do sistema nervoso, especialmente a dos neurônios, às mudanças nas condições do ambiente que ocorrem no dia a dia da vida dos indivíduos” (LENT, 2004, p. 134-163. apud BORELLA; SACCHELLI, 2009, p. 162). Por si só essa definição já justifica a plena organização do planejamento escolar em Educação Física com variação de estímulos e que estes, de fato, proporcionem aprendizado real aos alunos, os quais, por sua vez, serão beneficiados com o aprendizado motor e também com os aspectos cognitivos.



Exemplificando

Um aluno recém-chegado ao colégio veio com histórico de baixa frequência e participação nas aulas de Educação Física e tinha

rendimento acadêmico abaixo da média esperada para ele. Ao chegar no colégio, tentou manter os mesmos comportamentos de fuga das aulas de Educação Física, porém a professora nessa oportunidade deixou clara sua posição: o estudante só deixaria de participar em sua aula caso houvesse considerações clínicas que comprometessem a integridade física do aluno ou seus pares.

Sendo assim, o aluno novo participou, mesmo que obrigado, das aulas regulares de Educação Física, e lá percebeu que a variação de conteúdos era grande, mas seu treinamento e aprimoramento também.

Aos poucos, seu desenvolvimento motor melhorou e sua destreza nas aulas aumentou. Também foi notado que seu desempenho nas outras disciplinas ascendeu. Isso é reflexo direto do efeito do aprendizado e treino de habilidades motoras nos aspectos neurais, que de forma indireta aproveitaram os novos ajustes nas conexões neuronais para complementar as já utilizadas no processo ensino-aprendizagem.



Pesquise mais

Para saber mais sobre os aspectos neurocognitivos e também sobre neurociência como um todo, conheça o livro

LENT, R. **Cem bilhões de neurônios**. Rio de Janeiro: Editora Atheneu, 2002.

Seguindo os passos do exemplo citado, a variação nos estímulos recebidos, o aprimoramento destes, a associação com outros estímulos e uso em diferentes situações podem influenciar na neuroplasticidade como um todo, axônica, sináptica, dendrítica, somática ou habituação, cada qual com sua especificidade e efeito.



Assimile

Neuroplasticidade é a capacidade do cérebro de transformar sua estrutura de conexões para aprimorar sua função cognitiva como um todo. O aprendizado motor pode ser um estimulante de neuroplasticidade e as aulas de Educação Física são uma fonte rica para explorar novas possibilidades em relação ao estímulo motor.



Considerando os conteúdos que já expusemos em nossos estudos, será que faz sentido manter o mesmo planejamento para anos diferentes do ensino básico? Também parece coerente usar apenas uma ferramenta para o desenvolvimento de aulas de Educação Física? Será mesmo que a Educação Física é apenas um momento para extravasar em movimentos, fato que não é comum em outras disciplinas escolares?

De forma simplificada, temos em mãos informações valiosas que respaldam nossa profissão e reforçam a importância da atuação do profissional bem capacitado para sua gestão.

Continuando nossos estudos, abordaremos agora questões sociais presentes na adolescência, sobretudo no período dela que coincide com o ensino médio.

Com o desenvolvimento do ciclo social desse grupo, muitos podem ter comportamentos de risco, buscando aceitação em grupos, impressionismo aos pares, relacionamentos amorosos e outros mais.

Esses comportamentos de risco colocam a mortalidade adolescente em alerta, visto que nessa fase esses indivíduos têm menor número de doenças graves que os vistos na primeira infância, mas a ocorrência de morte por causas externas, como acidentes automobilísticos, sofre um grande salto positivo (BEE, 1997). Outra causa mortis frequente está vinculada a homicídios, principalmente com arma de fogo (BARROS; XIMENES; LIMA, 2001). As causas externas têm grande aumento de ocorrência nessa fase, pois, diferentemente da criança, o adolescente tem maior frequência de saídas de casa, estando mais exposto aos perigos da vida cotidiana.

Logicamente a ocorrência de mortes por causas externas será influenciada pelo contexto no qual as pessoas vivem. Sabe-se que Brasil, Estados Unidos e Japão, por exemplo, apesar de terem esses grupos etários instaurados, podem sofrer com causas externas, mas possivelmente de forma diferente em cada local.

Outro fator importante diz respeito a transtornos alimentares, principalmente anorexia e bulimia, em meninas adolescentes de países do ocidente. "A Bulimia caracteriza-se por preocupação exagerada em relação ao peso acompanhada de excessos de alimentação

contra-atacados com vômitos provocados, excesso de exercícios físicos e/ou uso de laxantes” (BEE, 1997, p. 327). E esse desarranjo pode estar associado a padrões de beleza que impactam na realidade individual, trazendo preocupações exageradas por parte da adolescente; já a “anorexia tem foco na perda de peso ou medo exagerado de ganho de peso, associado à disfunção da autoimagem corporal” (BEE, 1997, p. 327) e, assim como a bulimia, pode ser causada por excessos de cobrança social em relação ao peso corporal e ao corpo magro. A grande diferença desses dois cenários é que na anorexia há privação constante de alimentação e também a alteração de imagem corporal. De modo geral, isso pode ocorrer em ambos os sexos, porém está mais associado às meninas.

Outro transtorno de imagem, mais presente no sexo masculino, é a vigorexia. Esse quadro é caracterizado com aspectos que “envolvem uma preocupação exacerbada de não ser suficientemente forte e musculoso em todas as partes do corpo” (CAMARGO et al, 2008, p. 2). Essa disfunção em relação à autoimagem também pode estar relacionada aos padrões impostos pela sociedade e mídia, sobre qual biotipo seria o ideal para cada indivíduo, porém desconsidera a heterogeneidade das pessoas.

As mudanças físicas ocorridas na adolescência, associadas aos padrões perfeccionistas impostos pela massa comunicativa, podem ser considerados os grandes vilões para a ocorrência desses transtornos. Nesse sentido, o trabalho de compreensão das mudanças corporais nessa faixa etária pode ser fundamental para o desenvolvimento do senso crítico para que os adolescentes se autoavaliem de modo a não gerar preocupações exageradas. Obviamente que o cuidado com o corpo deve fazer parte da rotina desses indivíduos, mas de modo equilibrado, considerando suas necessidades e objetivos de maneira saudável.

A preocupação com os cuidados com o corpo também pode estar vinculada à inserção no contexto de relacionamentos, namoros, interesse sexual e correlatos. “As mudanças hormonais causam a produção maior de andrógenos, que por sua vez aumenta em grande escala o desejo sexual” (SHAFFER e KIPP, 2012, p. 252).

Ainda segundo Shaffer e Kipp (2012, p. 253) a forma de “expressão de seus sentimentos e desejos é outro fator com os quais os adolescentes

precisam aprender a lidar, e que de forma direta sofre influências do contexto social no qual os adolescentes estão inseridos”. Nesse sentido, os adolescentes passam por mais essas mudanças, que diretamente interagem com seu meio social, tendo que lidar com seus desejos e anseios, bem como outras pessoas que os desejem. A descoberta e o entendimento sobre o próprio corpo é algo individual, mas as boas orientações podem influenciar positivamente nesse processo. As aulas de Educação Física podem ser uma ferramenta interessante para explorar estas discussões, visto que esta disciplina trata diretamente de aspectos físico-corporais, o que aproxima e facilita a inserção desses assuntos no contexto escolar. E considerando o desenvolvimento cognitivo e as adaptações sociais as quais os adolescentes passaram nos anos anteriores já podem permitir tais conversas nas aulas. Caso isso ocorra, é necessário que o professor esteja preparado e seja cuidadoso com gestos e palavras, para que não coloque qualquer pessoa em situação de evidência e gere exposição e constrangimento.

Pode-se perceber que essas e outras situações tão presentes em nosso cotidiano fazem parte do período da adolescência e nossas discussões são plenamente pertinentes às aulas de Educação Física, considerando o caráter formador e intimamente ligado aos aspectos físico-corporais, que, como visto, estão presentes nas alterações sociais às quais os adolescentes passam.

Sendo assim, o bom preparo do professor será fundamental para lidar com essas situações, seja em aula ou fora dela.



Assimile

As alterações sociais na adolescência, principalmente considerando a autoestima, perpassam a autoimagem e o relacionamento com o outro, ressaltando as discussões sobre transtornos alimentares e sobre a sexualidade.



Refleta

Conhecemos diferentes ferramentas para trabalhar as aulas de Educação Física, então faz sentido abordar apenas aspectos técnicos dos esportes?



Exemplificando

Em uma aula de Educação Física, o professor destinou alguns minutos ao final para que, em duplas, os alunos fizessem massagem relaxante no colega, como forma de voltar a calma. Ao iniciar as atividades, percebeu que diversos alunos ficaram constrangidos e outros começaram com pequenas piadas sobre o toque no outro.

Imediatamente o professor conversou com os alunos, mostrando a importância do respeito ao seu corpo e ao corpo do outro, que há toque com e sem intenções maliciosas e que as discussões sobre sexo podem fazer parte da aula.

Dessa maneira, inseriu mais um assunto ao seu planejamento com as turmas de ensino médio.



Pesquise mais

O artigo abaixo pode ajudar a compreender algumas das nuances sobre sexualidade na adolescência:

VENTURA, M.; CORRÊA, S. Adolescência, sexualidade e reprodução: construções culturais, controvérsias normativas, alternativas interpretativas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, p.1505-1509, jul. 2006. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700014>. Acesso em: 17 mar. 2017.

Sem medo de errar

Ao se deparar com diversos estudos sobre aspectos cognitivos e sua relação com a atividade física, o professor decidiu que este seria o ponto central para reforço aos alunos sobre a importância da Educação Física no ensino médio, mesmo que esta disciplina ainda não faça parte da maioria dos vestibulares ou que seus conteúdos avaliados sejam rasos.

Ao mostrar a importância do aprendizado motor para a neuroplasticidade, os alunos ficaram interessados em saber mais sobre o assunto, envolveram-se mais nas aulas e ficaram ávidos por

novos conteúdos. Com essa abordagem, o professor teve grande sucesso ao longo do ano com as aulas de Educação Física e essa disciplina ganhou mais força e respeito no ambiente escolar.

Avançando na prática

Sexualidade em foco

Descrição da situação-problema

Durante uma aula, dois alunos decidiram ir a um espaço longe dos olhos do professor, porém este percebeu e, após alguns minutos, os encontrou. Ali aconteciam beijos e carícias. O casal ficou um pouco constrangido com a situação e o professor não expôs nenhum deles aos colegas.

Na aula seguinte, havia comentários sobre a “ficada” durante a aula. O professor sentiu-se incomodado com o assunto, mas como abordar algo tão delicado com adolescentes de hábitos tão diferentes?

Resolução da situação-problema

Com a discussão em pauta, o professor preparou todo um material sobre mudanças hormonais na adolescência, suas faixas etárias de ocorrência e suas consequências.

Iniciou a aula mostrando que aquela seria apenas na sala de aula, com quadro, vídeos e discussões sobre um tema diferente. Apresentou o tema, fez suas exposições e, ao final, choviam perguntas sobre como os hormônios mudavam tanto nosso corpo e nossas ações. A aula foi um sucesso e os alunos se sentiram mais próximos de seu professor, tendo nele uma fonte confiável de informações.

Faça valer a pena

1. O avanço no campo das habilidades motoras complexas também traz benefícios cognitivos. Esses benefícios cognitivos podem ser medidos pela _____.

Assinale a alternativa que apresenta a palavra que preenche corretamente a lacuna na afirmação acima:

- a) Neuroplasticidade.
- b) Neurociência.
- c) Neurocognitivo.
- d) Neuropsicológico.
- e) Neurológico.

2. Com o desenvolvimento do ciclo social desse grupo, muitos podem ter comportamentos de risco, buscando aceitação em grupos, impressionismo aos pares, relacionamentos amorosos e outros mais.

Esses comportamentos de risco colocam a mortalidade adolescente em alerta, visto que nessa fase esses indivíduos têm menor número de doenças graves que os vistos na primeira infância, mas a ocorrência de morte por causas externas como acidentes automobilísticos sofre um grande salto positivo

Dentre as alternativas abaixo, qual delas contém uma causa mortis que também é fator externo?

- a) Infarto do miocárdio.
- b) Câncer.
- c) Acidente Vascular Cerebral.
- d) Acidente Vascular Encefálico.
- e) Homicídio.

3. Esse desarranjo pode estar associado a padrões de beleza que impactam na realidade individual, trazendo preocupações exageradas por parte da adolescente.

A afirmação acima faz referência a qual tipo de problema comumente enfrentado na adolescência?

- a) Demência.
- b) Transtornos alimentares.
- c) Anorexia
- d) Transtornos vasculares.
- e) Pressão social.

Seção 4.2

Teorias pedagógicas da Educação Física escolar no ensino médio

Diálogo aberto

Em dia de reunião pedagógica, gestores e professores discutiam sobre eventos na escola e suas funções e relações com as disciplinas, falando sobre aspectos geográficos, econômicos, culturais e, ao abordar a Educação Física, foi levantada a bandeira sobre a Educação Física ser responsável por realizar ensaios de coreografias para festa junina ou mesmo criar e ensaiar peças, danças, coreografias para apresentações no final do ano, como um espetáculo escolar.

Ao discutirem esses pontos os professores de Educação Física questionaram sobre qual é a relação dessa função atribuída exclusivamente à disciplina de Educação Física e como estas sugestões contribuiriam, dentro da Educação Física, à formação cidadã.

Nesse sentido, a Educação Física pode ser resumida ou responsável exclusiva por esse tipo de preparação para festividades? Considerando o que foi estudado até aqui, a Educação Física escolar, no ensino médio, tem qual tipo de função?

Não pode faltar

Ao longo de todo nosso estudo, transitamos pelos diferentes níveis de educação básica e entramos agora nas perspectivas de teorias pedagógicas adequadas ao ensino médio. Compreendemos que a Educação Física escolar pode ter muitas responsabilidades, dentre elas há projetos relacionados ao desenvolvimento social, esportivo, psicomotor, exclusivamente motor, entre outras possibilidades.

Para o ensino médio, teremos contato com algumas possibilidades, iniciando pela abordagem crítico-emancipatória (KUNZ, 2014). Essa abordagem tem em Elenor Kunz (1951), seu principal autor no Brasil, respeitado pela publicação de sugestões de organização em Educação Física como o livro *Transformação didático-pedagógica do Esporte* (1994), porém, para entender mais suas ideias, precisamos compreender suas inspirações. Os estudos de Kunz foram baseados nos princípios da Escola de Frankfurt, que, segundo pesquisas e publicações de Santana (2017), podemos resumir da seguinte forma: a **Escola de Frankfurt** foi fundada nos anos 1920 e reuniu filósofos e cientistas sociais, de mentalidade marxista, criaram expressões como indústria cultural e cultura de massa, além de seguir linha da Teoria Crítica da Sociedade, tanto que suas publicações seguem a Teoria Crítica.

O termo cultura de massa faz referência àquela criada com o objetivo de atingir a grande massa popular, que representa a maioria de pessoas em uma população, passando diversas barreiras como aspectos sociais, étnicos, etários, sexuais ou de ordem psicológica. Além disso, também tem como característica marcante sua transmissão e divulgação por meios de comunicação de massa, como jornais de grande circulação, programas de televisão, rádio e outros.

Indústria cultural faz referência aos meios que produzem e reproduzem conteúdos culturais, ofertando esses conteúdos para grandes grupos populacionais, como as grandes massas. Além disso, há influência para que esse público tenha aquilo que quer, de modo passivo e acrítico, e que cria um ciclo para consumo quase exclusivo daquilo que já conheceram e experimentaram. Essa indústria cultural direcionada para grandes massas populares também tem como característica o desencorajamento da arte erudita e popular, também dos conteúdos críticos contidos nelas.

Nesse sentido, a Teoria Crítica visa, entre outros aspectos, ao fomento da cultura transformadora da sociedade, com seus aspectos ativos e postura crítica de diferentes discussões pertinentes aos grupos sociais.

Voltando aos estudos de Kunz, é possível notar que, do ponto de vista de Seara (2009), para a Teoria Crítico Emancipatória, os alunos

partem de um ponto inicial que é sua “menoridade”, para alcançar um estado emancipado, mas isso não apenas em um sentido legal, e sim na elaboração de raciocínios frente aos aspectos sociais em que estamos inseridos. Nesse caminho, Kunz (1993) prega que para essa teoria funcionar, deve estar acompanhada de uma boa didática, pautada na comunicação entre professor e aluno e que será fundamental para o desenvolvimento do raciocínio. Além disso, o aluno enquanto sujeito participativo do processo ensino-aprendizagem deverá ser orientado para aprender a participar ativamente do contexto social, cultural e esportivo e que sua participação ativa seja carregada de ação funcional, que pode ser entendida como ações efetivas em cada contexto de participação do aluno e mais do que participar dos contextos, deve reconhecer e problematizar cada situação com reflexão crítica em cada cenário. Para essa evolução no ensino-aprendizagem, de acordo com exposições de Kunz (1994), Seara (2009, p. 1)



alerta que é preciso que o aluno sofra um tipo de coerção do professor, ou seja, em certos momentos dificultar as ações do aluno, para que ele se sinta não esclarecido e, com isso, se desperte do estado de menoridade inicial e assim busque uma condição emancipada.

Essa abordagem é constituída de três competências, sendo elas objetiva, social e comunicativa.

A competência objetiva contém conhecimentos e informações e mostra que o aluno deve praticar e treinar técnicas conscientes e funcionais, além de estratégias para maior eficiência de suas ações (SEARA, 2009).

A competência social está vinculada às diferentes relações do homem com a sociedade, “como relações históricas, culturais, sociais” (SEARA, 2009, p. 1). Entender os problemas centrais e os pontos de contradição de seu contexto social também deve ser uma habilidade desenvolvida dentro da competência social. Além disso, o aprendizado de conhecimentos pertinentes para sua vida em comunidade faz-se necessário, assim o conhecimento de ferramentas, tornando-as significativas em seu contexto social, fará mais sentido ao aluno.

A competência comunicativa faz referência às diferentes formas de linguagem que podem ser empregadas. De modo geral, nós usamos a linguagem verbal de forma predominante, como a fala ou a escrita, mas também podemos entender a comunicação pelo viés da linguagem corporal e do movimento e outros meios (SEARA, 2009).

Seara (2009, p. 1) diz que “a competência comunicativa na abordagem crítico-emancipatória faz-se importantíssima, pois para essa abordagem saber se comunicar e entender o que o outro quer dizer é um processo de reflexão que desencadeia ação de um pensamento crítico”. Esse ponto nos remete ao início das discussões sobre a Teoria Crítico Emancipatória, quando afirmamos que a comunicação entre professor e aluno era de extrema importância.

As formas de linguagem verbal e corporal são importantes para essa teoria, visto que fazem parte do processo que o aluno vivencia experiência, para que reflita e torne isso em discurso para discussão sobre os aspectos vivenciados na aula.

Essa teoria idealizada por Elenor Kunz defende o pensamento crítico e, partindo desse pensamento, os alunos terão maior capacidade de compreender e transformar a estrutura social na qual estão inseridos, desde as instituições até as diferentes formas da cultura de massa, por exemplo. Assim, a emancipação deve ser parte constante e fundamental para a educação formal e a Educação Física faz parte desse contexto.

Essa teoria parece muito adequada ao ensino médio, pois, teoricamente, os alunos já têm condições avançadas de reflexões sobre suas práticas e ações, podendo o aprendizado ser realmente significativo para eles nas aulas de Educação Física.



Assimile

Para a Teoria Crítico Emancipatória, o professor deve estar sempre presente e participando ativamente do processo ensino-aprendizagem, assim gerará provocações e reflexões nos alunos, para que esses desenvolvam seu senso crítico e tenha atuação efetiva na transformação de seu contexto social.



Pesquise mais

O artigo *A imprescindível necessidade pedagógica do professor: o método de ensino* poderá complementar seu aprendizado sobre a Teoria Crítico Emancipatória:

KUNZ, E. A imprescindível necessidade pedagógica do professor: o método de ensino. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 9, n. 13, p. 63-80, nov. 1999. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/14359/1317>>. Acesso em: 10 mar. 2017.



Refleta

Considerando nosso contexto social e as aulas de Educação Física, será que faz sentido encarar a Indústria Cultural como fomentadora do Futebol como esporte nacional? Qual é o impacto que isso costuma causar nas aulas de Educação Física?

Dando continuidade aos nossos estudos de teorias e abordagens para a Educação Física no ensino médio, estudaremos agora a Abordagem Crítico Superadora. Nessa forma de pensar a Educação Física Escolar, sua base foi constituída no livro *Metodologia do ensino da Educação Física*, assinado por um coletivo de autores. Nessa obra, os autores abordam os temas relacionados à cultura corporal, termo oriundo de meados da década de 1980, e que dentro do contexto de construção e conhecimento dos autores pode ser entendida como uma cultura própria recheada pelas elaborações das pessoas em torno de suas próprias práticas corporais, construídas e reconstruídas dentro de seu contexto social e que são elementos da cultura corporal daquele local. Em resumo, são os gestos e as práticas corporais que as pessoas de uma determinada localidade realizam e que, para elas, têm total significado e relevância. A cultura corporal já foi estudada por nós na unidade anterior e terá grande comunicação com os aspectos da Abordagem Crítico Superadora.

Notamos em Souza Junior (2011) que a perspectiva crítico superadora está intimamente vinculada à transcendência da Educação Física aos contextos externos à ela considerando aspectos sociais, históricos e outros em evidência. Nesse

sentido, pode ser entendida como “um projeto socialista, sendo este voltado para a crítica ao sistema vigente a partir de uma proposição contextualizada e transformadora” segundo (SOUZA JUNIOR, 2011, p. 395) baseado nos estudos de (ESCOBAR, 1995). Dentro dessa visão, podemos inferir que a cultura corporal está vinculada a um campo amplo e abrangente que produz práticas de expressão corporal que geram comunicação entre os indivíduos e, além disso, pode implicar na transformação dos contextos sociais, partindo de aspectos históricos e pré-existentes do relacionamento do homem com a natureza. Essa e outras abordagens relacionadas à Educação Física tratam da relação da disciplina com a função social e também dos fatores de comunicação pela qual transforma e é transformada pelos aspectos culturais.

Continuando nossas reflexões, temos em Souza Junior (2011) que a Educação Física já foi pautada em aspectos culturais, mas que desconsideraram aspectos econômicos, históricos e sociais ao longo dos anos de suas construções e, por essa ótica, a Educação Física escolar deveria superar essas barreiras, deixando de ser um recorte momentâneo de uma realidade e buscando maior ação e respaldo em dinâmicas temporais maiores.

Por essa perspectiva, podemos entender que a Abordagem Crítico Superadora visa o desenvolvimento do pensamento crítico em relação ao contexto e ambiente social do aluno e de sua construção histórica, carregando as discussões para cenários econômicos, agropecuários, políticos, entre outros. Assim pode enxergar a Educação Física como transformadora do pensamento do aluno e que influencia mais do que vivências motoras, mas entendendo todo o processo pelo qual passou, com a localização histórica, relevância social, importância econômica, para chegar àquele gesto final, e não parando apenas nele, mas fazendo suas considerações para que aquele momento possa contribuir para a melhoria de problemas no futuro, seja na modalidade praticada, seja tendo pensamento crítico para contextualização e superação do conteúdo da aula de Educação Física e acesso a outras áreas de conhecimento.

De modo geral, podemos interpretar esta abordagem como transformadora e ávida por mudanças do indivíduo, tornando-o cada vez mais capacitado para a participação ativa na sociedade.



A Abordagem pedagógica aplicada à Educação Física Escolar visa o desenvolvimento do aluno de forma integral, para que ele crie mecanismos de reflexão que possam interpretar fatos históricos, ambientes sociais e transitar o conhecimento aprendido em um contexto para outro, transcendendo e superando barreiras de forma consciente e racional.



O artigo *Metodologias emergentes no ensino da Educação Física* poderá auxiliar no entendimento da Abordagem Crítico Superadora:

OLIVEIRA, A. A. B. de. Metodologias emergentes no ensino da Educação Física. **Revista de Educação Física**, Maringá, v. 8, n. 1, p. 21-27, jan. 1997. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3868/2694>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

Podemos perceber que, tanto a Abordagem Crítico Emancipatória, quanto a Abordagem Crítico Superadora fazem parte do escopo de teorias críticas que pregam o desenvolvimento do pensamento e da reflexão sobre os contextos nos quais as atividades são inseridas, tornando a Educação Física uma disciplina maior do que os momentos de recreação ou mero movimento corporal vazio. O carregamento e entendimento de significados nos gestos motores é uma grande marca das teorias críticas.

Avançando um pouco mais, conheceremos a Abordagem da Saúde Renovada, mais uma das vertentes surgidas como opção para traçar caminhos e objetivos para a disciplina de Educação Física na escola.

Segundo publicações de Darido (2003) e reforçadas em DARIDO; RODRIGUES; SANCHES NETO (2007, p. 1), a Abordagem da Saúde Renovada pode ser entendida como “uma proposta para a Educação Física escolar voltada para a saúde, em moldes que ampliam a perspectiva higienista”, Nahas (1997) e Guedes e Guedes (1996 apud DARIDO; RODRIGUES; SANCHES NETO, 2007, p. 2) também reforçam o direcionamento da Educação Física escolar para a área biológica e ressaltam que a participação em atividades

e programas de práticas físicas na infância e adolescência são importantes para a formação de hábitos que favorecem a pessoa a se tornar fisicamente ativa na idade adulta, diminuindo riscos de distúrbios relacionados ao sedentarismo.

Para DARIDO; RODRIGUES; SANCHES NETO, 2007, p. 2), com base nos estudos de DARIDO (2003), a Abordagem da Saúde Renovada recebe esse nome pois, além dos fatores relacionados ao desenvolvimento da saúde do indivíduo, agrega também aspectos socioculturais, buscando atingir os alunos que têm maior afastamento das aulas de Educação Física, como sedentários, com baixa aptidão física, obesos e portadores de deficiências, reforçando a inclusão nas aulas de Educação Física. Além disso, a elaboração de estratégias de ensino que contemplam o aprendizado de conceitos para desenvolvimento da tomada de decisões no sentido de criação e manutenção de hábitos saudáveis por toda a vida, hábitos esses não somente ligados à atividade física, mas a todos os componentes de saúde que podem ser abordados nas aulas desta disciplina, como aspectos alimentares, sexualidade, qualidade de vida e outros.

Para Darido, Rodrigues e Sanches Neto (2007, p. 2-3), “o conceito de saúde está associado à capacidade do indivíduo apreciar a vida e resistir aos desafios do cotidiano, e não meramente à ausência de doença”. Essa visão aproxima-se das avaliações de qualidade de vida, que levam em consideração aspectos físicos, sociais, ambientais, financeiros e outros, variando conforme o instrumento utilizado. Nesse sentido, a percepção de saúde é subjetiva e construída individualmente, além de ser dinâmica, visto que alterações nas respostas às variáveis podem alterar também a percepção final do sujeito.

Essa visão da Abordagem da Saúde Renovada complementa as abordagens vistas anteriormente, como a Higienista e as abordagens com viés extremamente social e cognitivo, que rebaixam os conhecimentos sobre saúde e movimento humano a outras instâncias.

De modo geral, esta tem sido uma área com menor volume de pesquisa do que as relacionadas aos aspectos culturais e pedagógicos de Educação Física escolar ou fatores de saúde fora

do ambiente escolar, mas constitui campo de conhecimento e aplicação nas abordagens possíveis na escola. Considerando que os adolescentes têm conhecimento e capacidade suficientes para interpretar e transportar o conhecimento do ambiente acadêmico para fora dele, como a própria casa, clube ou outros espaços de relacionamento social, a Abordagem da Saúde Renovada se faz apta e possível às aulas de Educação Física no ensino médio.



Assimile

A Abordagem da Saúde Renovada traz os aspectos higienistas pertencentes à Educação Física, mas, além disso, trata desses associados ao contexto sociocultural do indivíduo, complementando conhecimentos e ressignificando as ações na disciplina em prol da saúde do indivíduo e da transformação do ambiente por ele.



Pesquise mais

Os artigos abaixo auxiliarão na compreensão dos aspectos de saúde na Educação Física escolar:

FERREIRA, H. S.; SAMPAIO, J. J. C. **O papel da saúde nas tendências e abordagens pedagógicas da Educação Física escolar**. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conece/3conece/paper/viewFile/2446/964>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

BANDEIRA, A. P. R. M. et al. A abordagem pedagógica saúde renovada nas aulas de Educação Física escolar. **Efdeportes.com**: Revista Digital, Buenos Aires, v. 19, n. 196, p.1-1, set. 2014. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd196/saude-renovada-nas-aulas-de-educacao-fisica-escolar.htm>>. Acesso em: 10 mar. 2017.



Reflita

Se em uma aula de Educação Física abordamos aspectos sobre sexualidade, sedentarismo, desenvolvimento social, saúde, qualidade de vida e outros temas transversais, por que as pesquisas acadêmicas valorizam pouco a área de saúde no ambiente escolar?

Como agregar o conhecimento de diferentes áreas de atuação em apenas uma disciplina?



Para compreender melhor essa abordagem, visualize a seguinte cena:

Um aluno que toma banho diariamente após as aulas de Educação Física e outro aluno que não tem a mesma atitude. Além disso, o primeiro traz suas trocas de roupas para manter-se limpo, visto que ficarão na escola por muito tempo após a aula de Educação Física, enquanto que o segundo nem a roupa de troca traz. Um dia, o professor decide abordar aspectos de higiene pessoal na aula, fala sobre os contextos domésticos, o suor, o odor, a limpeza de roupas, o aparecimento de fungos e, mais importante, mostra que em diferentes culturas tudo pode ser visto de forma diversa, colocando conotações distintas para cada situação. Em resumo, o primeiro aluno tinha descendência brasileira, com a tradição dos banhos diários, já o segundo, vinha de família de nórdicos, que não têm esse costume. Dessa forma, vemos que o contexto pode trazer diferentes interpretações sobre o mesmo cenário e cabe ao professor mediar as situações-problema surgidas.

Para finalizar, discutiremos os aspectos da Abordagem Cultural.

Um dos grandes defensores dessa abordagem é o professor Jocimar Daolio, que traz a seguinte ótica sobre o assunto:

Temos discutido nos últimos anos a Educação Física escolar em uma perspectiva cultural e é a partir desse referencial que consideramos a Educação Física como parte da cultura humana. Ou seja, ela se constitui em uma área de conhecimento que estuda e atua sobre um conjunto de práticas ligadas ao corpo e ao movimento criadas pelo homem ao longo de sua história: os jogos, as ginásticas, as lutas, as danças e os esportes. É nesse sentido que se tem falado atualmente de uma cultura corporal, ou cultura física, ou, ainda, cultura de movimento. (DAOLIO, 1996, p. 1)

Com esse viés, a Educação Física oferecida no ensino básico deve ser responsável pela organização do conhecimento cultural relacionado ao movimento, assim como as outras disciplinas o fazem. Para Daolio (1996), as aulas de Educação Física parecem carecer dos aspectos culturais carregados pelos alunos e fortalecem e fomentam a visão das Ciências Biológicas, com os conteúdos relacionados ao corpo em evidência, como músculos, articulações, movimentos

esportivos. Porém, para Daolio (1996), essa homogeneização dos alunos desconsidera suas vivências e experiências anteriores. Essa forma única, tradicional, de tratar os alunos pode trazer prejuízos como “essa tradição cultural, no entanto, tem se mostrado perversa para um grande contingente de alunos, que estão sendo alijados da Educação Física ou sendo subjugados nas aulas, em nome de uma excelência motora que só alguns são capazes” (DAOLIO, 1996, p. 41).

Nesse sentido, a função do professorar parece ser a de mediar a inserção de todos os alunos no ambiente escolar, respeitando e valorizando seu passado, o que poderá contribuir com seu presente e futuro.

A abordagem cultural valoriza aquilo aprendido pelos alunos fora do ambiente e horário escolar, a cultura popular, sendo criada e recriada a todo momento, podendo influenciar e sendo influenciada pelo contexto social na qual está inserida. Esse conhecimento, porém, deve ser sistematizado e organizado para uso efetivo. Ainda por essa ótica da supervalorização do movimento, aquilo que é realizado de forma repetitiva, porém acrítica, deve ser revista, como a quebra de um paradigma para a evolução constante do corpo do texto. Apesar da valorização do conhecimento prévio, caberia ao professor fazer integrar toda a turma, mesmo que os fatos possam gerar contradições nas perspectivas e avaliação humanas sobre todo o processo, mas que, em suma, faz-se necessário por lhe dar maior possibilidade de conhecer as diferentes reações nacionais que podem gerar confusão entre os participantes.

Vale lembrar que essas abordagens são comumente utilizadas e recomendadas para as faixas etárias estudadas até aqui, mas outras abordagens podem ser estudadas e aplicadas de acordo com a formação e atuação profissional. Assim, estamos tomando conhecimento de conceitos básicos, necessitando de maior aprofundamento individual de você, aluno, futuro professor.



Assimile

A abordagem cultural espera que a Educação Física considere de forma definitiva todo o contexto sociocultural de cada aluno, reforçando as semelhanças e buscando diminuir as diferentes, mas que em nenhum momento o interesse pessoal se sobreponha ao coletivo.



Refleta

Discutimos sobre as abordagens críticas e sobre a Saúde Renovada, além de outros conteúdos de outras teorias e abordagens para a educação básica. Sendo assim, como a Teoria da Cultura caberia dentro do planejamento escolar? Será que ela sozinha pode dar conta de todo o sentido do aprendizado que o aluno precisa em relação à Educação Física?



Pesquise mais

O texto *A cultura na Educação Física*, de Jocimar Daolio, pode auxiliar o seu entendimento sobre o tema.

Esse texto do professor Jocimar está no livro:

DAOLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**: polêmicas do nosso tempo. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

Sem medo de errar

Já discutimos diferentes abordagens para a Educação Física, desde aspectos psicomotores e culturais a aspectos exclusivamente relacionados ao desenvolvimento motor. Apesar das discussões e contradições de algumas teorias, temos a certeza de que a Educação Física é fundamental como disciplina auxiliar no desenvolvimento cidadão do aluno, seja do ponto de vista biológico ou humano. Destinar às aulas de Educação Física a obrigação da criação de danças e coreografias para apresentações pode ser um caminho, porém, essa ação deverá ser muito bem contextualizada com o ambiente escolar e todas as formas de aprendizado nele incluídas, com diálogo entre professores e disciplinas.

Já o direcionamento vago destas tarefas às aulas de Educação Física não faz o menor sentido do ponto de vista educacional.

Conhecimento transcendental

Descrição da situação-problema

Os alunos do ensino médio vinham experimentando diversas matérias diferentes após sua saída do ensino fundamental. Ingressaram no mundo da Física e da Química, entre outras maravilhas. Ao chegarem na aula de Educação Física, se depararam com fórmulas de Física, de Química, referências históricas, e ficaram pensativos sobre aquilo.

Quando o professor iniciou suas atividades, afirmou que utilizaria as aulas de seus colegas para referenciar a Educação Física e grande parte das aulas seriam naquele formato. Houve revolta geral, pois todos queriam saber apenas das aulas de Educação Física na quadra, com gestos esportivos e tudo o mais.

O professor, então, ficou em uma situação adversa, sem saber como demonstrar aos alunos a importância daqueles conteúdos auxiliares. O que deveria fazer esse professor para que seus alunos compreendessem suas intenções?

Resolução da situação-problema

Na semana seguinte, o professor iniciou as aulas com o mesmo formato que os alunos haviam reclamado, porém dessa vez ele trouxe ferramentas auxiliares. Colocou em exibição alguns livros falando sobre teorias e abordagens da Educação Física, falou sobre o Desenvolvimentismo, sobre Esportivismo, colocou cada ponto em seu momento histórico, fez considerações sobre a política da época e iniciou suas falas sobre Olimpíadas e seus marcos. Nesse momento, evidenciou as inovações científicas, mostrou que as análises de biomecânica precisavam da física, mostrou que os métodos de treinamento precisavam da Química e, ao final, complementou suas falas mostrando aos alunos que tudo aquilo que faziam naquele momento histórico passou por um contexto maior antes de ser visto como tal. Dessa forma, justificou as Abordagens Crítico Superadora e Crítico Emancipatória e, mais uma vez, fez com que os alunos

indagassem sobre suas aulas, mas agora os alunos o fizeram com curiosidade para saber mais sobre essas interligações de disciplinas.

Assim começou um novo ciclo na Educação Física, ciclo este que os fez refletir além do conteúdo e do gesto técnico, mas que tinha um conjunto de acontecimentos muito maior por trás.

Faça valer a pena

1. Podemos perceber que, tanto a Abordagem Crítico Emancipatória, quanto a Abordagem Crítico Superadora fazem parte do escopo de teorias críticas, que pregam o desenvolvimento do pensamento e reflexão sobre os contextos nos quais as atividades são inseridas, tornando a Educação Física uma disciplina maior do que os momentos de recreação ou mero movimento corporal vazio.

Considerando a afirmação acima, podemos concluir que as duas abordagens apresentadas fazem parte de qual teoria?

- a) Teoria Crítica.
- b) Teoria Superadora.
- c) Teoria Pedagógica.
- d) Teoria Desenvolvimentista.
- e) Teoria Emancipatória.

2. Abordagem da Saúde Renovada é mais uma das vertentes surgidas como opção para traçar caminhos e objetivos para a disciplina de Educação Física na escola.

Qual dos autores abaixo tem seu nome vinculado à Abordagem da Saúde Renovada?

- a) Elenor Kunz.
- b) Jocimar Daolio.
- c) Suraya Cristina Darido.
- d) Go Tani.
- e) Helena Altmann.

3. “Um projeto socialista, sendo este voltado para a crítica ao sistema vigente a partir de uma proposição contextualizada e transformadora.” (SOUZA JUNIOR, 2011, p. 395)

À qual das teorias/abordagens estudadas a afirmação acima faz referência?

- a) Abordagem Crítico Emancipatória.
- b) Abordagem Crítico Superadora.
- c) Abordagem Cultural.
- d) Abordagem da Saúde Renovada.
- e) Abordagem Sociocultural.

Seção 4.3

Modelos pedagógicos da Educação Física escolar no ensino médio

Diálogo aberto

O envolvimento e a participação dos alunos na vida escolar, por vezes, se faz difícil. Estamos nos referindo a uma faixa etária na qual as pessoas começam a colocar em prática seus interesses e preferências, tentando deixar de lado ou menosprezar aquilo que lhe causa estranheza ou aversão.

Nas aulas de Educação Física também é possível o aparecimento de situações de rejeição ou descomprometimento, mas, por sua relevância e obrigatoriedade, é uma disciplina que deve ser levada a sério como todas as outras.

Ainda temos diversas situações em que os alunos pedem dispensa das aulas de Educação Física para a classe médica, mesmo sem uma justificativa plausível para isso e também pedem dispensa por praticar atividades físicas em outros espaços, entre outros possíveis motivos.

Nesse sentido, como podemos tornar a Educação Física mais significativa para os alunos e para o ambiente escolar como um todo?

Não pode faltar

Ao longo de toda nossa discussão sobre a Educação Física na educação básica, passamos por adversidades, influências sociopolíticas, pesquisas acadêmicas e tudo com um objetivo comum: tornar a Educação Física uma disciplina realmente valorizada e respeitada por todo potencial educacional que oferece.

Nesta seção, conheceremos alguns temas transversais à Educação Física, mas que reforçam todo conteúdo estudado até o momento. Como aprendido anteriormente, pelos fatos do amadurecimento etário e cognitivo, as aulas de Educação Física podem ser recheadas de teorias e abordagens que contemplem não apenas aspectos físico motores, mas também reflexões sobre contexto social, relações do ambiente no qual está inserido, sistema político, econômico, relevância cultural, entre outros.

Porém, um assunto que traz diversos questionamentos é sobre a participação dos alunos do ensino médio nas aulas de Educação Física. Esta fase escolar já foi considerada determinante para a entrada no mundo do trabalho. Nos dias atuais, os cursos técnicos e superiores dominam esse cenário e o ensino médio funciona como um intermediário nesse caminho e, por diversas razões, muitas falas foram criadas dando importância maior às disciplinas associadas ao mundo profissional, como Matemática, Física e Química, visto que estão diretamente relacionadas ao campo da Engenharia e execução de serviços voltados à tecnologia como manutenção de hardwares e softwares em diversos segmentos, operação de maquinário em indústrias e outras milhares de oportunidades de trabalho. Contudo, há aqueles indivíduos que seguiram caminhos diferentes, como os relacionados às Ciências Humanas, área da saúde, Artes e mais o que se puder pensar do mundo profissional.

Nesse sentido, precisamos entender qual é a perspectiva para o ensino médio sobre a participação em Educação Física. Para isso, em pesquisas publicadas, pode-se notar que:



[...] no Ensino Médio a Educação Física não deve voltar-se apenas para a prática, mas também utilizar-se de conhecimentos teóricos sobre o movimento humano e o esporte ou de problemas de ordem social, política, emocional, psíquica e física, criando situações-problema que o próprio aluno deverá resolver. (PEREIRA; MOREIRA, 2005, p. 122)

Assim, a Educação Física tem função maior que a formação física do aluno, envolve também a formação crítica e com

participação ativa frente às demandas das aulas. Pereira e Moreira (2005) ainda exibem dados mostrando que em muitas das aulas de Educação Física não há participação no número total de alunos, iniciando sem alguns, ou terminando sem outros. Foi contestada a motivação para os alunos iniciarem e permanecerem nas aulas e para tal foi observado que, em cerca de 75% das aulas, foram trabalhados conteúdos de esportes coletivos, sendo o desenvolvimento técnico prioritário ao vôlei, em outros 10% foram trabalhados momentos recreativos, nos quais foi facultada a participação dos alunos na atividade. Isso pode refletir despreparo e/ou desinteresse do profissional de Educação Física no compromisso de desenvolvimento integral dos alunos.

A ocorrência repetitiva de conteúdo pode ser um fator de desmotivação para os alunos, afastando-os da participação das aulas. O fato de ser trabalhado prioritariamente o movimento, sem contextualização, pode reduzir o envolvimento dos alunos pois estes não veem sentido naquilo que deveriam aprender. Esse tipo de conduta também pode reduzir o potencial para desenvolvimento crítico dos alunos sobre os temas e suas transversalidades. Refletindo sobre esse desenvolvimento da autonomia, Pereira e Moreira (2005) identificaram mais de 28% de alunos com participação nas aulas de Educação Física apenas porque é obrigatório, mas, apesar de 70% dos alunos declararem gostar das aulas, em 46% delas houve participação parcial dos alunos. Na mesma pesquisa, os acadêmicos identificaram que 57% dos estudantes afirmaram que os conteúdos apresentados nas aulas de Educação Física atendem aos seus interesses, porém esses dados também contradizem o índice de participação integral nas aulas, principalmente naquelas em que os alunos deixaram a participação ao longo da aula. No cruzamento de dados, Pereira e Moreira (2005) identificaram que cerca de 50% dos alunos participam das aulas e têm seus interesses atingidos e outros 21% participam por ser obrigatório e não tem interesses atingidos, além de 7% afirmar que participa por obrigação dessas aulas e tem seus interesses atingidos.

Esses dados nos sugerem que há inconsistências nas respostas dos alunos e podemos refletir que, ao longo de suas experiências nas aulas de Educação Física, eles não foram estimulados a refletir

sobre a Educação Física e, provavelmente, foram expostos a conteúdos de reprodução de movimento, atingindo parcialmente a formação dessas pessoas, tendo defasagem principalmente no quesito de reflexão sobre a própria Educação Física, suas responsabilidades e contextos. Sendo direcionados a conteúdos de reprodução de movimentos, a probabilidade de repetição de conteúdo é grande, tornando as aulas de Educação Física desinteressantes, visto sua falta de continuidade e progressão.

Tessele Neto (2012) encontrou dados sobre a motivação intrínseca para participação nas aulas de Educação Física. Dentre os entrevistados pelo autor, os maiores escores para participação nas aulas foram relacionados ao prazer em participação e também foi encontrado que os alunos perdem motivação quando não têm tempo para jogar tudo o que queriam. Em relação à motivação extrínseca, foi encontrado que, para as meninas, é importante estar com os amigos, o reconhecimento por parte dos colegas e do professor são fatores motivacionais e que se sentem desmotivadas quando suas falhas nas atividades são pontos de atenção do professor. Já para os meninos, estar com os amigos e sentir-se integrado ao grupo foram pontos importantes para motivação e eles se sentem desmotivados quando os colegas zombam de falhas ocorridas.

É possível perceber que a participação nas aulas de Educação Física continua vinculada à execução de atividades físico-esportivas, fato que também pode ser visto como fator de desmotivação, pois quando há falhas na execução de atividades, os alunos não se sentem bem durante a participação nas aulas. O prazer de se envolver nas atividades também é outro ponto de motivação, também vinculado à execução prática dos exercícios.

Podemos perceber que grande parte da motivação e participação dos alunos nas aulas de Educação Física está relacionada à realização das atividades motoras, pois os alunos ainda aparentam não ter habilidade crítica suficiente para contrapor seus interesses e sua participação efetiva nas aulas de Educação Física. Compreendemos também que muitos dos alunos ainda são deficientes na participação integral das aulas dessas disciplinas, porém as ações dos professores parecem não motivar completamente os estudantes, além de parecer não atuar em uma

perspectiva de desenvolvimento integral, centrando a Educação Física escolar nas práticas esportivas, com pouca contextualização e aparentemente pouca relevância para os alunos. É importante termos em mente que, dentro dos dados expostos, há pequenos recortes da realidade escolar e podem haver instituições em que esse cenário seja diferente, com participação efetiva e integral dos alunos, com desenvolvimento das capacidades físicas e habilidades motoras, mas recheado de desenvolvimento psicossocial e crítico dos alunos. Contudo, aparentemente, os alunos precisam evoluir em suas ações para que essas aulas sejam melhor aproveitadas por eles e, em paralelo, os professores responsáveis por esta disciplina devem fazer o seu melhor e buscar evoluir a todo instante, pois o processo ensino-aprendizagem, seja em qual disciplina ou instância for, é constante e inacabado.



Assimile

A participação dos alunos do ensino médio nas aulas de Educação Física ainda acontece de forma parcial e os interesses parecem estar vinculados a aspectos sociais e práticas esportivas.



Refleta

Se em determinado ambiente escolar um professor passa as mesmas atividades para anos escolares diferentes, como será a motivação desses alunos em participar das aulas de Educação Física?

Para um bom desenvolvimento integral do aluno, a realização de esportes e seus gestos técnicos, vazia de discussões e contextualizações, será uma ferramenta suficiente para elevar o nível de conhecimento e argumentação desse aluno?



Pesquise mais

A *Revista Educação Física* traz uma seção chamada "O que vem da sala de aula" com diversas ações de professores na Educação Física em escolas de diversos níveis de ensino.

O número 59, de março de 2016, traz conteúdos sobre a prática de tecido acrobático e atletismo em aulas de Educação Física escolar:

REVISTA EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação Física, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=4356>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

O número 52, de junho de 2014, traz conteúdos sobre a prática de sinuca e modalidades esportivas diferentes no planejamento escolar:

REVISTA EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação Física, jun. 2014. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=4189>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

O número 51, de março de 2014, traz uma matéria sobre atividades circenses e primeiros socorros em ambiente de floresta:

REVISTA EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Educação Física, mar. 2014. Disponível em: <<http://www.confef.org.br/extra/revistaef/show.asp?id=4166>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

São alguns exemplos de como a Educação Física pode ser diversificada além de modalidades esportivas tradicionais, auxiliando na motivação do aluno e podendo aumentar sua participação nas aulas desta disciplina.

Discutimos ao longo de nosso estudo sobre inúmeros pontos a respeito da existência e execução da Educação Física no ambiente escolar. Conhecemos aspectos relacionados ao desenvolvimento social, físico, cognitivo, inclusão, saúde e tantos outros tópicos. Ainda assim, acabamos de perceber que em alguns recortes estudados (PEREIRA; MOREIRA, 2005; TESSELE NETO, 2012), a participação dos alunos nas aulas de Educação Física parece ser vinculada a práticas esportivas e relacionadas ao prazer na execução de atividades. Isso não quer dizer que esses assuntos levantados pelos pesquisadores e alunos sejam irrelevantes ou descartáveis dentro da Educação Física, porém sua repetitividade torna a justificativa da Educação Física no ambiente escolar muito fraca.

Diversos estudos mostram que há muito mais na Educação Física, como Fernandes e Müller (2009, p. 1) que afirmam que

é necessário que “a escola apresente possibilidades de ser mais inclusiva e que a disciplina de Educação Física pode contribuir de forma significativa com ações concretas ao exercício da cidadania, fortalecendo e humanizando as relações vivenciadas nos espaços escolares”. As autoras ainda trazem à memória que “a instituição escolar como espaço público, democrático, portanto, de direito de todos” (Fernandes e Müller, 2009, p. 1.) precisa proporcionar condições iguais de desenvolvimento do aluno. Vemos aqui uma bela reflexão sobre a formação cidadã dos estudantes.

Leite (2012) identifica que ainda há professores de outras áreas da educação trabalhando com Educação Física escolar e que muitos destes desconhecem teorias do desenvolvimento motor e abordagens pedagógicas em Educação Física. É notável que esses fatores podem reduzir ainda mais a capacidade da disciplina ser usada como ferramenta para formação integral do aluno, visto que o desconhecimento técnico impede um bom trabalho específico desse conteúdo escolar obrigatório. Apesar dessa denúncia, os professores envolvidos com a disciplina afirmam abordar aspectos relacionados ao bom desenvolvimento da saúde e qualidade de vida dos alunos, ponto abordado também por Sumihara (2013), autora que analisou o ponto de vista dos alunos sobre as aulas de Educação Física, sendo que estes declaram real importância e participação, além de afirmarem que os professores abordam aspectos relacionados à saúde, não apenas do viés da execução de exercícios físicos, mas também da compreensão da importância destes, do entendimento sobre sedentarismo e também da transposição da barreira escolar, levando o conhecimento e a reflexão para ambientes fora da escola. Nesse sentido, vemos que, além do desenvolvimento físico motor, o desenvolvimento da reflexão crítica sobre o ambiente em que vivem fez parte da rotina escolar em Educação Física dos alunos entrevistados, mostrando a importância desta disciplina na mudança de hábito dentro e fora da escola.

Por esses dados encontrados e por tantos outros vistos nas unidades anteriores, a Educação Física mostra-se importante no ambiente escolar, sendo uma ferramenta de extrema relevância para a construção de conhecimentos que vão além dos muros da instituição e alcançam o ciclo social do aluno.



Assimile

A Educação Física se faz importante no ambiente escolar pois seus conteúdos transcendem a aula da disciplina, perpassando por aspectos de saúde, desenvolvimento social, inclusão, reflexão e senso crítico, contribuindo com a ação cidadã dos estudantes dentro e fora da escola.



Pesquise mais

A sequência de reportagens exibida por uma grande emissora de televisão mostra um pouco da realidade da Educação Física escolar no Brasil e no mundo, fazendo refletir sobre nossa forma de atuação, seja como nação ou como professor.

ESPORTE na escola. Rio de Janeiro: TV Globo, 2017. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=sJHtkd5aR4&feature=youtu.be>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

ESPORTE na escola. Rio de Janeiro: TV Globo, 2017. P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IPZXCRx4xO4>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

ESPORTE na escola. Rio de Janeiro: TV Globo, 2017. P&B. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=PvzGzjEnnDg>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

ESPORTE na escola. Rio de Janeiro: TV Globo, 2017. P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-_iXFBtPW4E>. Acesso em: 31 mar. 2017.

Apesar de todos os esforços em demonstrar a importância da Educação Física no ambiente escolar e para a formação de pessoas, há um movimento que trata da terceirização da Educação Física escolar. Esse movimento objetiva nada mais do que destinar essa prática a outra instituição e ser compensada como carga horária escolar, ou mesmo levar uma outra instituição para atuar dentro da escola. Esse último fato pode distanciar a Educação Física como disciplina de todo o contexto escolar, afastando da construção e execução do projeto político pedagógico, por exemplo, ou reduzir as chances de trabalhos multidisciplinares.

Segundo Ocampo (2009), as escolas particulares têm

terceirizado aulas de Educação Física, porém o mesmo não ocorre com outras disciplinas, ainda que esse tipo de contratação sugere melhor ajustamento de gestão associado a objetivos educacionais. Estas afirmações da autora sugerem preocupação em relação à Educação Física, pois permite interpretar que a disciplina não é vista com o mesmo grau de importância que outras, bem como parece estar desvinculada de objetivos educacionais. Silva (2007, p.10) reforça essa discussão quando afirma que “Educação Física terceirizada empregada em muitas escolas particulares brasileiras que ao invés de realizar esta disciplina dentro da própria instituição de ensino faz com que a Educação Física seja minimizada a aulas de ginástica, de musculação e de várias outras, fornecidas em academias”. Com essas informações, nota-se que o processo de terceirização encaminha a Educação Física para o viés de execução de tarefas, realização de exercícios e uma proposta próxima à Abordagem Higienista, cuidando dos aspectos da saúde do aluno, porém, como está nas mãos de terceiros, não podemos afirmar que estes cuidam pela informação e formação cidadã desses adolescentes e também não há prerrogativa para afirmar que esse modelo consiga expandir a discussão para além dos muros escolares ou das paredes da academia de ginástica.

Ramos (2004, p. 38, apud SILVA, 2007, p. 16) afirma que

o ensino médio é a etapa final da educação básica e foi aplicado, até a década de 1970, de duas maneiras:
1. A formação destinada ao preparo do estudante para entrada no nível superior do ensino, a universidade. 2. A formação técnico-profissional, destinada ao ingresso ao mercado de trabalho.

Nesse sentido, há mais um reforço na questão de valorização de disciplinas preparatórias para o ensino superior, desconsiderando a Educação Física como conteúdo essencial para a formação cidadã, focando nos aspectos de formação de mão de obra relacionada principalmente a tarefas de cunho científico tecnológico, abstendo a formação crítica e motora do cidadão como fator determinando no seu desempenho em outras tarefas.

Além disso, Silva (2007) mostra informações de que, apesar de

confusos, os alunos de ensino médio reconhecem que a Educação Física no ambiente escolar favorece o aprendizado de conteúdos além da realização de atividades físicas, fato não percebido quando a atividade foi realizada em uma academia, por exemplo.

Com os expostos, percebemos que, em forma de gestão escolar, a terceirização da Educação Física parece ter espaço, porém, quando vinculada aos aspectos educacionais abrangentes do ambiente escolar, essa vertente perde força, visto que os interesses em uma Educação Física terceirizada parecem se encontrar com propostas exclusivamente higienistas e estéticas, quando a proposta escolar deve ser de formação integral, estimulando a reflexão e a crítica construtiva por parte dos alunos, atuando em conjunto com as outras disciplinas do ambiente escolar.

Esse assunto é relativamente novo e ainda pouco explorado, tanto academicamente, quanto comercialmente. Apesar disso, há instituições que adotam tal prática, seja para a Educação Física curricular ou mesmo para as atividades extracurriculares. Assim, precisamos estar atentos aos aspectos legislativos e demandas de mercado para atuar de forma eficaz e construtiva na melhoria da Educação Física.



Assimile

A terceirização da Educação Física preza pela facilitação da gestão desta disciplina, mas a afasta do projeto político pedagógico da escola, enfatizando aspectos relacionados à saúde individual, podendo restringir a formação integral do aluno, seu desenvolvimento crítico e a transcendência de conteúdos entre disciplinas, escola e outros ambientes de convívio do indivíduo.



Refleta

Considerando o ensino médio como trampolim para acesso ao ensino superior, a quem interessa a terceirização da Educação Física? Haveria algum modo de atuação de empresas terceirizadas em que estas contemplem a formação integral do aluno do ensino médio?



Alguns sites de negócios exploram o movimento da terceirização. Veja abaixo um exemplo desse possível mercado:

SAÚDE BUSINESS. **Escolas optam cada vez mais pela terceirização da Educação Física.** Disponível em: <<http://saudebusiness.com/noticias/escolas-optam-cada-vez-mais-pela-terceirizacao-da-educacao-fisica/>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

Essa discussão sobre a terceirização da Educação Física e a não terceirização de outros conteúdos abre margem para refletir sobre o quanto a Educação Física pode ser prejudicada em nome de outras bandeiras. Por diversos momentos falamos como esta disciplina pode ser marginalizada, mas ao mesmo tempo mostramos que ela é uma importante ferramenta de formação integral do aluno, considerando aspectos motores, cognitivos, sociais, morais e outros. Apesar disso, ainda há instituições que preferem as disciplinas voltadas ao vestibular, ao ingresso no ensino superior, usando desse acesso de seus alunos como ferramenta de marketing para autopromoção. Devemos ter em mente que, de acordo com nossa realidade nacional, o vestibular tem grande importância e o acesso a uma boa instituição de ensino superior acontece por meio desse processo seletivo, porém não podemos esquecer de que antes do vestibular há um indivíduo com expectativas e necessidade sob os olhares de toda uma escola, seja com seus pares alunos ou seus tutores.

Em setembro de 2016, o Governo Federal brasileiro sugeriu uma reforma na estruturação do ensino médio nacional (BRASIL, 2016). Nesta reforma, a Educação Física seria considerada facultativa, abrindo maior possibilidade de carga horária para outros conteúdos, visando melhor preparação para o mercado de trabalho futuro.

A Medida Provisória 746/2016 foi colocada à prova e amplamente reprovada por grande parte da população, fazendo com que deputados e senadores se movimentassem para ajustar as sugestões de acordo com justificativas científicas, acadêmicas e educacionais, respeitando a Lei de Diretrizes e Bases de 1996.

Após manifestações de diversas instituições, incluindo o Conselho Federal de Educação Física, foram veementemente contra as alterações que tiravam a obrigatoriedade da Educação Física no ensino médio, reforçados pelos aspectos relacionados à saúde, desenvolvimento motor, social, psicológico e outros aspectos beneficiados pela prática da Educação Física escolar.



Pesquise mais

Para saber mais sobre o posicionamento do CONFEF sobre a reforma envolvendo o Ensino Médio, acesse o link:

CONFEF. **CONFEF se posiciona contra Medida Provisória de reforma do ensino médio.** Disponível em: <<http://confef.org.br/extra/noticias/conteudo.asp?id=1027>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

Além dessa tentativa do Governo Federal nacional, por diversos momentos históricos, a Educação Física foi vista como disciplina secundária em grau de importância, perdendo espaço para Língua Portuguesa, Matemática, Física, Química, entre outras. Nos idos da década de 1990, ainda sob forte discussão de como a Educação Física deveria ser encarada no ambiente escolar, ela era direcionada à prática de esportes e momentos de lazer. Conforme pesquisas e publicações foram surgindo em grande escala em meados desta década, a Educação Física ganhou espaço, porém ainda nos deparamos com discussões sobre sua real importância.

Ao longo de nossas quatro unidades e suas diferentes seções, pudemos estudar a Educação Física escolar desde seus aspectos pré-históricos, sua institucionalização e evolução dentro do ambiente escolar. Podemos crer que essa evolução ainda está em curso e cabe aos profissionais de Educação Física realizar um bom trabalho, com compromisso e dedicação, e dessa maneira haverá menos ruídos sobre a importância da Educação Física como disciplina formadora do cidadão em sua totalidade, de modo biopsicossocial.

Sem medo de errar

O professor de Educação Física, ao se deparar com diversos pedidos de dispensa de suas aulas e por acreditar que elas não oferecem riscos aos seus alunos, pode entrar em contato com os médicos para entender cada quadro. Além disso, ao elevar a Educação Física além da prática de atividades físicas, gera conteúdos e participações além do movimento corporal. Aprofundando mais as aulas, nos momentos de discussão sobre o conteúdo proposto, todos os alunos podem participar ativamente, contribuindo e sendo influenciados pelas falas de professores e colegas.

Àqueles que não pretendem realizar as atividades físicas que compõem as aulas, ainda há espaço para análise das situações criadas pelo professor e pelos colegas. Mais do que isso, gerar significado nas aulas de Educação Física, contextualizando a teoria e a prática é mais uma ferramenta que contribui com o envolvimento dos alunos, tornando-os mais participativos e ativos durante as aulas.

Avançando na prática

Terceirização ou incentivo?

Descrição da situação-problema

Em uma reunião de gestores em uma escola particular, foi levantada a possibilidade de terceirizar a Educação Física no ensino médio, com uma parceria com uma academia vizinha à escola. De acordo com o departamento financeiro, isso geraria menores despesas na escola com encargos trabalhistas e também com compra e manutenção de equipamentos, podendo direcionar esses recursos para outras áreas que, de acordo com a visão financeira, seriam mais importantes.

O diretor pedagógico questionou o departamento financeiro sobre os aspectos educacionais envolvidos nessa terceirização. Como o departamento financeiro pode solucionar problemas educacionais? Como o diretor pode justificar a permanência da Educação Física sob os cuidados da própria escola?

Resolução da situação-problema

Ao fazer a indagação sobre os aspectos educacionais, o diretor pedagógico colocou o departamento financeiro em uma situação sobre a qual não sabia argumentar. Nesse sentido, seu único ponto forte era a questão financeira.

Assim, o diretor afirmou aos outros gestores que a ideia da terceirização não contemplava as diretrizes escolares e seus projetos de médio e longo prazo, que o viés da terceirização cuidaria apenas da saúde dos alunos, mas poderia tornar deficiente sua formação crítica e cidadã. Além disso, a Educação Física é componente curricular obrigatório, o que torna a escola responsável por seu desenvolvimento e monitoramento, mantendo ainda vínculo entre o que era feito fora da escola e tendo que supervisionar e manter adequado aos seus alunos.

Dessa forma, o diretor concluiu com seus colegas gestores que a mudança de sistema de gestão da Educação Física poderia prejudicar a formação de seus alunos, podendo trazer benefícios financeiros, mas prejuízos acadêmicos. Desta maneira, a Educação Física escolar permaneceu sob total cuidado daquela instituição.

Faça valer a pena

1. Tabela 4.1 | Médias e desvios padrões obtidos no Ensino Médio referentes à motivação intrínseca

Motivação Intrínseca						
Questões	Itens	Masculino		Feminino		Sig.
		M	DP	M	DP	
1- Participo das aulas de Educação Física por que:	Gosto de atividades físicas	4,43	± 0,54	4,27	± 0,52	0,01
	As aulas me dão prazer	4,50	± 0,52	4,41	± 0,52	0,06
	Gosto de aprender novas habilidades	4,44	± 0,54	4,27	± 0,54	0,04

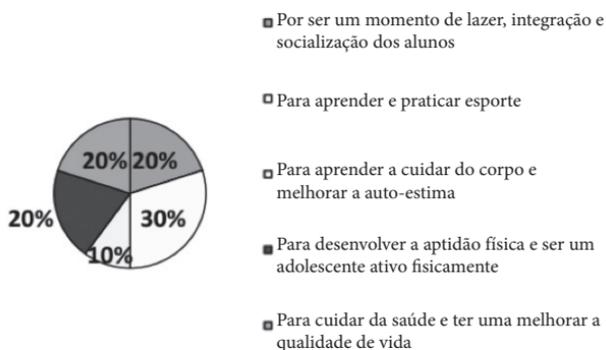
	Acho importante aumentar meus conhecimentos sobre esportes e outros conteúdos	4,22 ± 0,50	4,24 ± 0,50	0,96
	Sinto-me saudável com as aulas	4,43 ± 0,57	4,20 ± 0,53	0,03

Fonte: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70318/000875713.pdf?sequen>> Acesso em: 16 mar. 2017.

Segundo o quadro acima, podemos afirmar que:

- Os meninos têm menor motivação intrínseca que as meninas.
- O item “As aulas me dão prazer” tem maior escore médio masculino que feminino.
- As meninas sentem-se mais saudáveis com as aulas que os meninos.
- Os meninos acham mais importante aumentar seus conhecimentos sobre esportes e outros conteúdos que as meninas.
- As meninas gostam mais de atividades físicas que os meninos.

2. Figura 4.1 | Importância dada pelos adolescentes nas aulas de Educação Física

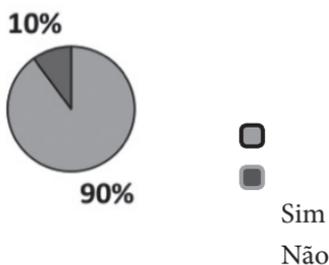


Fonte: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6522/1/2013_KarinaMouraSantosSumihara.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2017.

De acordo com os dados de Sumihara (2013), qual é o principal motivo para a importância dada pelos adolescentes para participação nas aulas de Educação Física?

- a) Por ser um momento de lazer, integração e socialização dos alunos.
- b) Para aprender e praticar esporte.
- c) Para aprender a cuidar do corpo e melhorar a autoestima.
- d) Para desenvolver a aptidão física e ser um adolescente ativo fisicamente.
- e) Para cuidar da saúde e ter uma melhor qualidade de vida.

3. Figura 4.2 | A disciplina de Educação Física é importante para a aquisição de conhecimento sobre a prevenção do sedentarismo



Fonte: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6522/1/2013_KarinaMouraSantosSumihara.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2017.

Considerando a legenda descritiva do gráfico, podemos afirmar que os alunos acreditam que a participação nas aulas de Educação Física no Ensino Médio remeta à abordagem:

- a) Higienista.
- b) Esportivista.
- c) Olimpista.
- d) Crítico emancipatória
- e) Crítico superadora.

Referências

BARROS, M. D. de A.; XIMENES, R.; LIMA, M. L. C. de. Mortalidade por causas externas em crianças e adolescentes: tendências de 1979 a 1995. **Revista Saúde Pública**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 142-149, jun. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/rsp/v35n2/4398>>. Acesso em: 5 mar. 2017.

BEE, H. **O ciclo vital**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BORELLA, M. de P.; SACCHELLI, T. Os efeitos da prática de atividades motoras sobre a neuroplasticidade. **Revista Neurociências**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 161-169, maio 2009. Disponível em: <http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2009/RN_17_02/14.pdf>. Acesso em: 5 mar. 2017.

BRASIL. ministério da educação. **Novo ensino médio**: dúvidas. 2016. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>>. Acesso em: 31 mar. 2017.

CAMARGO, T. P. P. de et al. Vigorexia: revisão dos aspectos atuais deste distúrbio de imagem corporal. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 1-15, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-91452008000100003>. Acesso em: 5 mar. 2017.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, S. C.; RODRIGUES, A. C. B.; SANCHES NETO, L. **Saúde, Educação Física escolar e a produção de conhecimentos no Brasil**. Disponível em: <<http://www.ceap.br/material/MAT23022012201045.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

DAOLIO, J. Educação Física escolar: em busca da pluralidade. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 40-42, jan. 1996. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10_supl2_artigo7.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2017.

FERNANDES, L. P.; MÜLLER, V. R. **Exclusão e inclusão social**: contribuições e experiências inclusivas na Educação Física. 2009. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_luciane_pereira_fernandes.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 3.ed. São Paulo: Phorte, 2005.

GALLAHUE, D. L. Conceitos para maximizar o desenvolvimento da habilidade de movimento especializado. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 197-202, jul. 2005. Disponível em: <<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3394/2418>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: Unijui, 1994.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 8. ed. Ijuí: Unijui, 2014.

LEITE, S. G. C. **A importância da atividade física para formação social do adolescente**. 2012. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4256/1/2012_SolangedasGracasCoutinhoLeite.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2017.

MENDES, P. B.; MELO, S. R. de. Origem e desenvolvimento da mielina no sistema nervoso central: um estudo de revisão. **Revista Saúde e Pesquisa**, Campina Grande, v. 4, n. 1, p. 93-99, jan. 2011. Disponível em: <<http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/1654>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

OCAMPO, G. K. F. **Gestão empresarial e terceirização da Educação Física curricular**. 2009. 144 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/4242/1/2009_GiseleKedeFlorOcampo.pdf ou <http://repositorio.unb.br/handle/10482/4242>. Acesso em: 21 mar. 2017.

PEREIRA, R. S.; MOREIRA, E. C. A participação dos alunos do ensino médio em aulas de Educação Física: algumas considerações. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 121-127, jul. 2005. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3381/2427>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA CASA CIVIL SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS. Medida Provisória nº 746, de 22 de setembro de 2016. **MP**. Brasília, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Mpv/mpv746.htm>. Acesso em: 27 abr. 2017.

SANTANA, A. L. **A Escola de Frankfurt**. 2017. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/filosofia/escola-de-frankfurt/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SEARA, E. **Conhecendo a Abordagem Crítico Emancipatória**. 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/conhecendo-a-abordagem-critico-emancipatoria/24680/>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

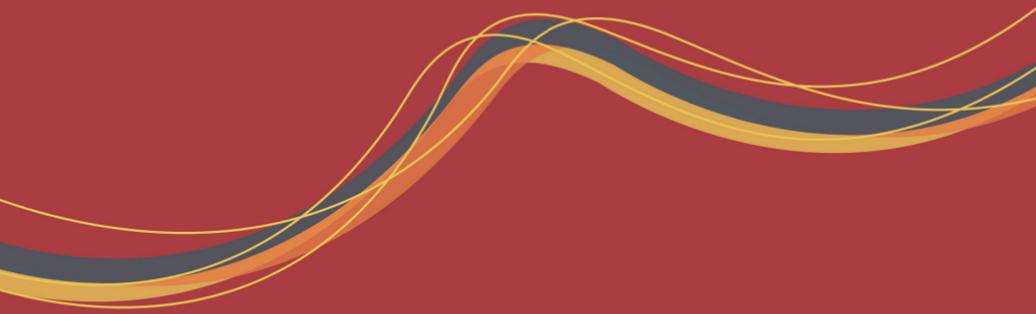
SHAFFER, David R.; KIPP, Katherine. **Psicologia do Desenvolvimento: Infância e Adolescência**. 8. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SILVA, W. V. **Terceirização da Educação Física escolar**: sua influência na percepção desta disciplina em estudantes do ensino médio de uma escola particular de Campinas. 2007. 40 f. (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000413403>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

SOUZA JUNIOR, M. et. al. Coletivo de autores: a cultura corporal em questão. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 391-411, abr. 2011. Disponível em: <<http://oldarchive.rbceonline.org.br/index.php/RBCE/article/view/676/662>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

SUMIHARA, K. M. S. **Educação Física e saúde**: a importância da Educação Física escolar na prevenção ao sedentarismo no colégio estadual complexo9 (Planaltina/GO). 2013. 53 f. (Graduação em Educação Física) - Universidade de Brasília, Planaltina, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/6522/1/2013_KarinaMouraSantosSumihara.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2017.

TESSELE NETO, L. J. **A participação nas aulas de Educação Física no ensino médio**: motivações intrínsecas e extrínsecas. 2012. 38 f. (Graduação em Educação Física) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70318/000875713.pdf?sequen>>. Acesso em: 16 mar. 2017.



ISBN 978-85-8482-890-6



9 788584 828906 >